

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – DINTER/FCR/PUCRS
DOUTORADO EM PSICOLOGIA**

KARY JEAN FALCÃO

**IDENTIDADES CONSTRUÍDAS EM FORMA DE DOCÊNCIA:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE PROFESSORAS TRAVESTIS E
TRANSEXUAIS EM RONDÔNIA**

**Porto Alegre
2019**

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



**Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - DINTER/FCR/PUCRS
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

KARY JEAN FALCÃO

IDENTIDADES CONSTRUÍDAS EM FORMA DE DOCÊNCIA:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE PROFESSORAS TRAVESTIS E
TRANSEXUAIS EM RONDÔNIA

Orientador:

Prof. Dr. Angelo Brandelli Costa

Porto Alegre

2019

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - DINTER/FCR/PUCRS
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

IDENTIDADES CONSTRUÍDAS EM FORMA DE DOCÊNCIA:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE PROFESSORAS TRAVESTIS E
TRANSEXUAIS EM RONDÔNIA

KARY JEAN FALCÃO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientador:

Professor Dr. Angelo Brandelli Costa

Porto Alegre

2019

Ficha Catalográfica

F185i Falcão, Kary Jean

Identities construídas em forma de docência : desafios e perspectivas de professoras travestis e transexuais em Rondônia / Kary Jean Falcão . – 2019.

125 p.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Angelo Brandelli Costa.

1. Trajetória. 2. Docência. 3. Transexualidade. 4. Identidade de gênero. I. Costa, Angelo Brandelli. II. Título.

KARY JEAN FALCÃO

**IDENTIDADES CONSTRUÍDAS EM FORMA DE DOCÊNCIA:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE PROFESSORAS TRAVESTIS E
TRANSEXUAIS EM RONDÔNIA**

Aprovada em 19 de novembro de 2019

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Angelo Brandelli Costa (Orientador)

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Prof. Dr. Adolfo Pizzinato

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Profa. Dra. Jaqueline TITTONI

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Profa. Dra. Lilian Maria Moser

Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Porto Alegre

2019

Oní Sàà wúre

Oní Sàà wúre

Sàà wúr àşẹ

Oní Sàà wúre o bèẹ rí o mọ

Oní Sàà wúre

Sàà wúr àşẹ Bàbá

Oní Sàà wúre o bèẹ rí o mọ

Oríkì Yorùbá de Oxalá
Saudação ao Senhor do Tempo

Voltar para a escola significava um acerto de contas com o passado.

Não estava tão vulnerável como estive na infância e adolescência.

A certeza de uma existência restrita às beiradas se desfaz.

Ao circular por espaços acadêmicos, trouxe a margem comigo

Não traz consigo sentimento de culpa, de medo e não está disposta a expressar uma
existência nos moldes da cis heterossexualidade.

Profa. Dra. Megg Rayara (Gomes de Oliveira, 2017, p. 154).

DEDICATÓRIA

O ano era 1978 e como fui aprovado para a terceira série do antigo primário, meus pais permitiram passar as minhas férias na casa da Tia Nara, pois naquela época, viajar era para poucos e aqueles dias representariam o melhor presente de Natal.

Era uma casa simples, de madeira, no final da Travessa Particular, bairro Olaria, hoje bairro central de Porto Velho. A casa dela ficava do “outro lado do campo” e como a cidade era pequena a gente ainda podia dividir Porto Velho entre o lado de lá e o lado de cá do antigo campo de aviação da Avenida Presidente Dutra que atualmente é a vila dos militares da aeronáutica.

Só o fato de “atravessar o campo” já podia ser considerado uma viagem. Este espaço era usado como pista de pouso de aviação e a viagem pela BR-364 que liga a capital até Cuiabá só foi asfaltada em 1983. O “lado de lá” e o “lado de cá” da cidade traz muitas histórias interessantes sobre a travessia do campo. Os mais velhos contavam a história de uma mulher que exatamente a meia noite, aparecia perturbando os moradores e correndo desesperadamente fugindo de uma enorme “bola de fogo”. Tia Nara contava que ela foi liberta por um padre corajoso que apagou as chamas com um balde de água benta. A travessia do campo além de trazer muitos mistérios também trazia perigos e riscos, pois os aviões aterrissavam e pousavam sem nenhum controle. Todas as vezes que eu atravessava o campo meus pais repetiam a história de uma criança de aproximadamente dez anos de idade que ao sair da aula na escola Castelo Branco foi atropelada por um avião que fazia pouso na pista.

Para os historiadores Marcos Antônio Domingues Teixeira e Mara Genecy Centeno Nogueira, este limite da cidade foi demarcado pela Avenida da Divisória caracterizado como o “lado de cá” pelos *categas*, funcionários de categoria da Estrada de Ferro Madeira

Mamoré (EFMM) no início do século XX e os *mundiças*, demais trabalhadores que eram considerados desqualificados para trabalhar na ferrovia, que moravam do “lado de lá”. Esta categorização marca o antagonismo divisor de espaços e sujeitos sociais e culturais, tendo como maior representante os moradores as áreas do Mocambo, que na época caracterizava a área periférica de Porto Velho. Além da participação dos *mundiças*, outros povos também contribuíram com a história de Rondônia como os libaneses, os turcos e os negros barbadianos originados da colônia inglesa de Barbados, ou os afrocaribenhos como são conhecidos atualmente. (Nogueira e Teixeira, 2008) e (Nogueira, 2015).

A segregação dos espaços de convivência na sociedade portovelhense começa a caracterizar-se partir de dois lados. Os *categas* e os *mundiças* começam a ser substituídos mais tarde pelo empoderamento binário caracterizado pela exclusão social durante toda a história da cidade. O bairro do Roque caracterizado pela vida boemia e casas de “baixo meretrício”, o Mocambo com o som dos tambores do Terreiro de Santa Bárbara, os bares, o garimpo, os soldados da borracha, os seringueiros e todas as outras formas de rotulações de classe marcada pelo preconceito e discriminação das diferenças.

Tia Nara era filha de um funcionário dos correios e de uma boliviana que trabalhava como lavadeira para as famílias de libaneses que vieram para Rondônia no início da construção da cidade, ainda Território do Guaporé. Assim que concluiu seus estudos Tia Nara foi trabalhar no 5º Batalhão de Engenharia e Construção (5º BEC) e em 1975 ingressou na Empresa de Telecomunicações em Rondônia, (TELERON) onde permaneceu até a aposentadoria. Ela tinha uma biblioteca cheia de livros e eu acreditava que era por este motivo que contava histórias lindas que eu nunca conseguia imaginar de onde ela tirava. Ela sabia contar com detalhes sobre a história de Rondônia e eu ficava imaginando como seria maravilhoso passar as férias inteira na casa dela.

A cozinha dela tinha um cheiro de comida gostosa. O café era mais cheiroso. O pão era bem quentinho e fofinho. E o bolo? O bolo dela era uma maravilha. Na hora de dormir o lençol tinha cheiro de talco, sem contar que eu só ia dormir depois que ela contava novas histórias. Hoje eu entendo porque ela me alertava dos riscos de viver em uma sociedade dividida entre dois mundos. Ela me falava de um mundo dividido e cheio de regras traçadas de modo injusto e desigual.

Foi nessas férias que ela me ensinou a viajar pelo mundo da leitura. Aliás, além de uma biblioteca com muitos livros ela também tinha uma coleção de discos de artistas nacionais e internacionais. Traz-me boas recordações a música do Belchior que dizia: “Eu sou apenas um rapaz latino-americano, sem dinheiro no banco sem parentes importante e vindo do interior”. Esse trecho ela usava pra ilustrar as histórias de Rondônia. Filha de uma boliviana, sem dinheiro no bolso, mas que traz uma canção do rádio que dizia que tudo é divino e tudo é maravilhoso.

Ela escolheu um livro para eu lê nesse período de férias. Eu ainda não tinha lido um livro inteirinho. A última experiência de leitura havia sido frustrante. Sou da época em que havia “tráfico de livros” entre os estudantes e alguns gêneros não eram bem-vindos na escola e a gente tinha que lê escondido. Era proibido lê quadrinhos e entre as meninas proibiam a leitura de Julia, Sabrina e Bianca, os mais famosos livros de banca da nossa geração. Na sala de aula corria a leitura “a solto” um livro de 1969 chamado “O podridão” de Adelaide Carrara que trazia uma literatura considerada pornográfica e imoral para a época. Quando minha mãe me pegou com esse livro em casa foi uma confusão dos infernos. Coisa que só a Tia Nara sabia resolver com o seu jeitinho peculiar.

Ela prometeu que nas férias me daria de presente um livro. Então, viajamos nas loucuras do jovem Harold de 20 anos que tinha obsessão por cultos fúnebres. A gente ria a “beça” a cada tentativa de suicídio que ele forjava só pra deixar a família dele

enlouquecida. Um dia Harold conheceu Maude em um cemitério, uma senhora de 79 anos. Eles viveram uma linda história de amor que ultrapassou os limites da idade, do preconceito e dos costumes da sociedade. A linda obra de Colin Higgins: **Ensina-me a viver.**

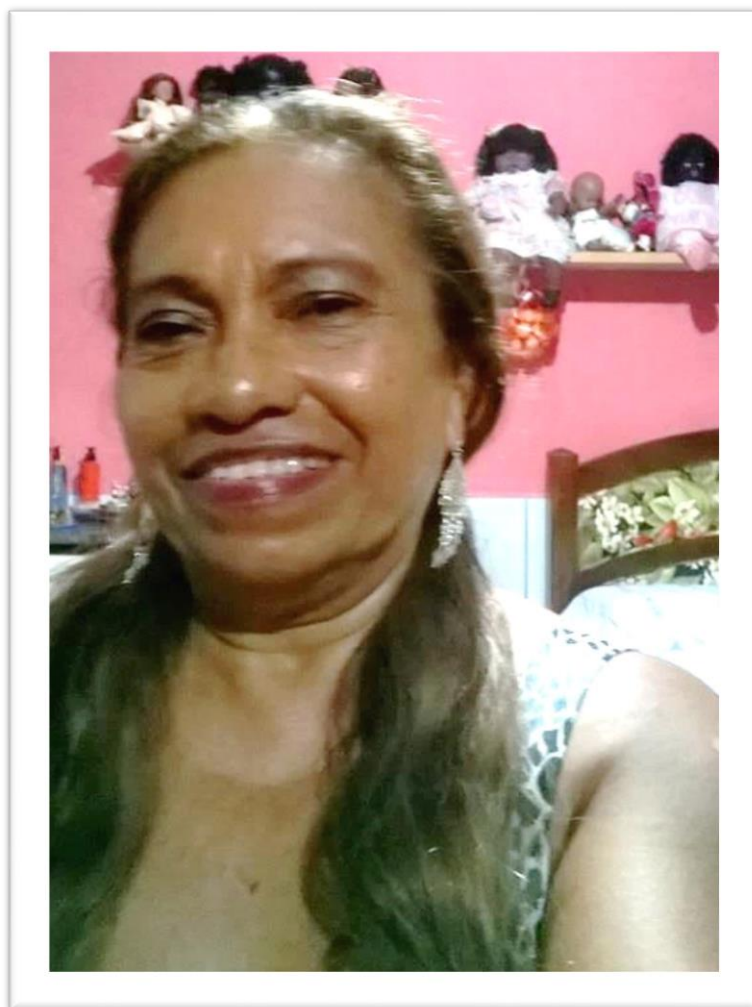


Figura 1. Foto de Nara Eliana Miller Serra

Fechava o livro e ela me perguntava como eu imaginava ser o Harold e a Maude. Eu conseguia detalhar direitinho como eles tinham sido construídos na minha imaginação e ela sorria dizendo: Eu imaginei igualzinho a você!

Depois, planejávamos viajar e prometi que quando ela estivesse bem velhinha eu a levaria para as festas e passeios, do mesmo jeito que Harold levava a Maude na garupa da

sua moto. Foi assim que eu aprendi a viver! Sabendo que não estava livre do preconceito, da discriminação e das divisões sociais impostas pelo “lado de lá e o lado de cá”, por ricos e pobres, brancos e pretos, “*categas* e *mundiças*”, heterossexuais, bissexuais e homossexuais, por cidadãos cis e trans.

Planejamos que hoje, o dia da defesa desta tese de doutorado ela estivesse aqui comigo. Depois, iríamos comemorar tomando um vinho em Gramado, RS. Em 2019 me despedi com uma rosa da minha amada Tia Nara Serra. Uma rosa como aquela que Harold entregou a Maude, a quem compartilhou as mais lindas viagens de sua vida.

Hoje me despeço com esta dedicatória.

Dedico esta tese para **Nara Eliana Miller Serra.**

Pelas suas contribuições na minha identidade construída em forma de docência.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, a Professora **Nazaré Falcão**, mãe sábia e dedicada, pela sua proteção e ensinamentos sempre estando ao meu lado me apoiando ao longo de toda a minha trajetória. Professora, mestre, educadora por vocação que ensinava crianças a ler e escrever no fundo do quintal de nossa casa para ajudar no meu sustento e que até hoje exerce a alfabetização de crianças com muito carinho e zelo. O Policial **João Gonçalves**, pai “Coruja”, protetor e fiel, que arriscou sua vida para garantir o sustento e conforto de seus filhos. Obrigado pelas noites em claro a espera do Papai Noel que insistia em chegar só depois que eu pegava no sono.

A minhas filhas **Rebeca Falcão**, “Rebeca meu doce, Rebeca *for ever*, Rebeca meu bem”, e **Loide Gonçalves**, minha ruivinha gremista, cheia de ideais e sonhos. Mulheres fortes, lindas e decididas que são a razão dos meus projetos e conquistas.

Ao meu neto **Bernardo Falcão**, que faz o meu coração bater com som de Bernardo, Bernardo, Bernardo.

Meus irmãos: **Helen Falcão** e **Killeen Falcão**, meu amor por vocês é incondicional.

Meu **Bàbá Marccone de Enrilé** e **Yá Wilma de Oyá** meus líderes espirituais. Assim como todo o egbé e família de Axé.

Aos meus orientadores, Professor Doutor **Angelo Brandelli Costa**, que teve muita paciência comigo. Sempre terá meu respeito e reconhecimento pelo seu esforço, empenho e excelência na qualidade técnica durante toda a pesquisa. A Professora Doutora **Marlene Neves Strey**, por iniciar esta pesquisa me recebendo com todo carinho na PUCRS juntamente com todos os integrantes do Grupo de Pesquisa Relações de Gênero e o Grupo Preconceito, Vulnerabilidade e Processos Psicossociais (PVPP).

Ao Governo do Estado de Rondônia, através do **Senador Confúcio Moura**, Governador do Estado no período do meu ingresso no doutorado, pela parceria e apoio inserindo o Programa de Pós-Graduação em Psicologia no planejamento financeiro da SEDUC/RO; um agradecimento especial a minha amada **Fátima Gavioli** (minha loura) por ter sonhado com este projeto e lutado por melhorias na educação no Estado de Rondônia.

A todos os Professores do Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUCRS na pessoa do Professor Doutor **Adolfo Pizzinato** que deu o pontapé inicial juntamente com o Professor Doutor **Fábio Rychecki Hecktheuer**, pelo profissionalismo e, acima de tudo, pelo humanismo com que conduziu esse DINTER através da Faculdade Católica de Rondônia (FCR). Meu agradecimento aos Doutores e Doutoradas: Adriane Xavier Arteche, Carolina Saraiva de Macedo Lisboa, Irani Iracema de Lima Argimon, Luisa Fernanda Habigzang, Manoela Ziebell de Oliveira, Tatiana Quarti Irigaray, Thiago Gomes de Castro pelos ensinamentos e dedicação.

A Professora Doutora **Lilian Maria Moser** da Universidade Federal de Rondônia pela composição da Banca Examinadora e representar o nosso Estado de Rondônia nessa comissão.

Meus companheiros da Secretaria de Estado da Educação (SEDUC/RO) que estiveram do meu lado em todos os momentos: **Marcos Shreder, Cláudia Almeida, Francisca Valda Gonçalves**, a Vanda, **Dulcilene Reis** e **Luiza Coelho Trindade**.

Um agradecimento especial a minha amiga de infância, que esteve comigo desde as primeiras letras, da trajetória da educação infantil até o ingresso no PPG de Psicologia: **Marasella Del Carmen Silva Rodrigues Macedo**, meu reconhecimento pelos conselhos e sugestões, assim como todos os meus companheiros do DINTER que me ajudaram sempre que precisei e ao querido **Eraldo Carlos Batista**, que foi parceiro durante os quatro anos do curso me incentivando e dando forças nesta trajetória.

A todos os integrantes do Grupo TUCUXI, Núcleo de Promoção pela Livre Orientação Sexual (NPLOS), que “brindaram” comigo em todos os momentos especiais: **Augusta Ramalhães, Raimunda Lima, Clélia de Fátima, Alan Polenis, Alexandre Braga, Adeangelo Chaves, Keila Borba e Thiago Assunção.**

As Professoras e amigas que participaram da pesquisa: Professora **Lauri Miranda, Josy de Souza, Calyla Calielton, Vitória Bacon e Samira Fox**, bem como a toda a família da Professora Sandrinha que me recebeu no município de Candeias do Jamari, Rondônia, para uma entrevista muito emocionante cercada de lágrimas de saudades e sorrisos pelas lembranças: a senhora **Leonilce Barros, Sirley Corsino e Ademar Bicho de Souza** assim como todos os parentes que estavam presentes na entrevista. Também gostaria de agradecer os professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental Maria Carmosina Pinheiro e Instituto Estadual de Educação Carmela Dutra, aos ex-alunos e amigos de trabalho da Professora Sandrinha.

A ilustre historiadora de Rondônia: Professora **Yeda Pinheiro Borzacov** por me receber em sua casa com muito carinho. Obrigado pelas ricas contribuições através de sua recordação e memória.

A todos aqueles que, embora não citados, contribuíram de alguma forma para o desenvolvimento deste trabalho. Muito obrigado!

RESUMO

IDENTIDADES CONSTRUÍDAS EM FORMA DE DOCÊNCIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE PROFESSORAS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM RONDÔNIA

Esta tese de doutorado é resultado de um projeto de pesquisa que tem por título “pedagogia trans: videodepoimentos e contribuições pedagógicas” e propõe abordar os desafios e as perspectivas de professoras travestis e transexuais no Estado de Rondônia através da trajetória de vida escolar e profissional e a atuação docente voltada para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática, pautada na valorização das diferenças, o respeito à orientação sexual e a identidade de gênero. O estudo foi organizado metodologicamente através de uma pesquisa empírica com a utilização de vídeos como instrumento de coleta de dados. O levantamento das informações ocorreu por meio de um encontro focal realizado com as participantes e entrevistas individuais. A seção teórica está dividida em dois estudos sendo o primeiro de natureza biográfica, que a partir da compreensão da psicologia social propõe abordar a trajetória e história de vida de uma professora que vivenciou a transexualidade na década de 1980 vindo a falecer em 2001 vítima de complicações cardíacas. O primeiro estudo tem como objetivo contribuir na construção e afirmação da identidade de gênero de professores e estudantes e nos impactos que potencializam um ambiente escolar com espaços de igualdade e humanização. O levantamento das informações e dos dados foi elaborado a partir dos resultados de entrevistas com os membros da família, com a diretora da primeira escola que a professora atuou em 1978, professores e funcionários da Escola Estadual Maria Carmosina Pinheiro em Porto Velho, Rondônia, escola a qual atuava como docente no período do seu falecimento e com dois ex-alunos que fizeram parte da história da professora. Os resultados do estudo evidenciaram que a prática pedagógica da professora biografada foi marcada pelo comprometimento com a educação e o cuidado pela aprendizagem dos estudantes, consistindo em uma trajetória de sucesso e de perpetuação de uma memória por fazer da prática docente um instrumento de construção da identidade que resistiu a discriminação e o preconceito da sociedade da década de 1980 oportunizando novas reflexões quanto o papel da escola e da prática docente. O segundo estudo, que compõe essa seção, também de abordagem qualitativa busca apresentar os desafios e perspectivas de cinco professoras travestis e transexuais que atuam em escolas de rede pública no Estado de Rondônia fazendo uma conexão entre a construção da identidade transexual, a profissão docente, os desafios, experiências e perspectivas no exercício do magistério. Os resultados mostram que são preponderantes os desafios na trajetória de vida escolar e profissional das participantes delineados na escolha do magistério como profissão, as perspectivas quanto aos direitos de igualdade de gênero e a valorização das diferenças em uma sociedade mais justa, democrática e tolerante.

Palavras-chave: Trajetória. Docência. Transexualidade. Identidade de gênero.

Linha de Pesquisa: Psicologia Social

Estrutura: Processos psicossociais: identidades, práticas e contextos.

ABSTRACT

IDENTITIES BUILT IN THE FORM OF THE TEACHING: CHALLENGES AND PERSPECTIVES OF TRAVESTIES AND TRANSSEXUALS TEACHERS IN RONDÔNIA

This doctoral thesis is the result of a research project entitled "pedagogy trans: testimonials videos and pedagogical contributions" and proposes to address the challenges and prospects of teachers transvestites and transsexuals in Rondônia State through the trajectory of school life and professional teaching and work toward the construction of a more just society, egalitarian and democratic, based on exploitation of differences, respect for sexual orientation and gender identity. The study was methodologically organized through an empirical research with the use of videos as an instrument for data collection. The survey of the information occurred through a focal meeting with the participants and individual interviews. The theoretical section is divided into two studies being the first of biographical nature, which from the understanding of social psychology proposes to approach the trajectory and life history of a teacher who experienced transsexuality in the 1980s and died in 2001 victim of cardiac complications. The first study aims to contribute to the construction and affirmation of the gender identity of teachers and students and the impacts that enhance a school environment with spaces of equality and humanization. The survey of information and data was prepared from the results of interviews with family members, with the director of the first school that the teacher worked in 1978, teachers and employees of the Maria Carmosina Pinheiro State School in Porto Velho, Rondônia, a school that acted as a teacher in the period of her death and with two former students who were part of the history of the teacher. The results of the study showed that the pedagogical practice of the biography teacher was marked by the commitment to education and care for the learning of students, consisting of a successful trajectory and perpetuation of a memory by making the teaching practice an instrument of identity construction that resisted discrimination and prejudice of society in the 1980s, providing opportunities for new reflections on the role of the school and teaching practice. The second study, which makes up this section, also of qualitative approach, seeks to present the challenges and perspectives of five transvestite and transsexual teachers who work in public schools in the State of Rondônia, making a connection between the construction of transsexual identity, the teaching profession, the challenges, experiences and perspectives in the exercise of teaching. The results show that the challenges in the trajectory of school and professional life of the participants outlined in the choice of teaching as a profession, the perspectives regarding the rights of gender equality and the appreciation of differences in a more just, democratic and tolerant society.

Keywords: Trajectory. Teaching Transsexuality. Gender identity.

Research Line: Social Psychology

Structure: Psychosocial processes: identities, practices and contexts.

RESUMEN

IDENTIDADES CONSTRUIDAS EN LA FORMA DE LA ENSEÑANZA: DESAFÍOS Y PERSPECTIVAS DE LAS PROFESORAS TRAVESTIS Y TRANSEXUALES EN RONDÔNIA

Esta tesis doctoral es el resultado de un proyecto de investigación titulado "pedagogía trans: vídeo testimonios y contribuciones pedagógicas" y se propone abordar los desafíos y las perspectivas de los docentes travestidos y transexuales en Rondônia a través de la trayectoria de la vida escolar y la enseñanza profesional y trabajar hacia la construcción de una sociedad más justa, igualitaria y democrática, basada en la explotación de las diferencias, el respeto a la orientación sexual y la identidad de género. El estudio se organizó metodológicamente a través de una investigación empírica utilizando videos como instrumento de recolección de datos. La información se recopiló a través de una reunión focal con los participantes y entrevistas individuales. La sección teórica se divide en dos estudios, el primero de los cuales es biográfico, que desde la comprensión de la psicología social propone abordar la trayectoria y la historia de vida de una profesora que experimentó la transexualidad la década de 1980 y murió en 2001 víctima de complicaciones cardíacas. El primero estudio tiene como objetivo contribuir a la constitución y afirmación de la identidad de género de docentes y estudiantes y a los impactos que potencian un ambiente escolar con espacios de igualdad y humanización. La encuesta de información y datos se realizó a partir de los resultados de entrevistas con miembros de la familia, con el director de la primera escuela en la que actuó la profesora en 1978, los profesores y el personal de la Escuela Estatal Maria Carmosina Pinheiro en Porto Velho, Rondônia, la escuela de quien trabajó como profesora en el momento de su fallecimiento y con dos ex alumnos que formaron parte de la historia de la profesora. Los resultados del estudio mostraron que la práctica pedagógica de la profesora biografiada estuvo marcada por el compromiso con la educación y el cuidado del aprendizaje de los estudiantes, que consiste en una trayectoria de éxito y una perpetuación de la memoria al hacer de la práctica docente un instrumento de construcción de identidad que resistió la discriminación y los prejuicios de la sociedad de la década de 1980, proporcionando nuevas reflexiones sobre el papel de la escuela y la práctica docente. El segundo estudio, que forma parte de esta sección, también con un enfoque cualitativo, busca presentar los desafíos y las perspectivas de cinco profesoras travestis y transexuales que trabajan en escuelas públicas en la Estado de Rondônia haciendo una conexión entre la construcción de la identidad transexual, la profesión docente, los desafíos experiencias y perspectivas en el ejercicio de la enseñanza. Los resultados muestran que los desafíos en el camino de la vida escolar y profesional de las participantes descritas en la elección de la enseñanza como profesión, las perspectivas sobre los derechos de igualdad de género y la apreciación de las diferencias en una sociedad más justa, democrática y tolerante.

Palabras clave: Trayectoria. Enseñar. Transexualidad. Identidad de género.

Línea de investigación: Psicología Social

Estructura: Procesos psicosociales: identidades, prácticas y contextos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1:** Foto de Nara Eliana Miller Serra
- Figura 2:** Carteira do Circo Barnus, último circo em que Sandra Egly trabalhou.
- Figura 3:** Detalhamento do método
- Figura 4.** Foto retirada pela equipe de filmagem do grupo focal
- Figura 5.** Detalhamento do procedimento de análise temática
- Figura 6.** Professora Sandra, nascida em 1958, faleceu em 2001, vítima de complicações cardíacas
- Figura 7.** Professora Sandra na Escola E.E.F.M. Petrônio Barcelos, Porto Velho, Rondônia
- Figura 8.** Sandra Egly se apresentando no circo 1
- Figura 9.** Sandra Egly se apresentando no circo 2
- Figura 10.** Professora Sandra participando do Festival Folclórico Flor do Maracujá, Porto Velho, Rondônia.
- Figura 11.** Sandra Egly se apresentando no circo 3
- Figura 12.** Sandra Egly se apresentando no circo 4
-
- Quadro 1:** Caracterização das professoras travestis e transexuais participantes
- Quadro 2:** Tema 1: Caracterização da construção e afirmação da identidade de gênero.
- Quadro 3:** Tema 2: Caracterização da escolha da docência como profissão.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

5º BEC – 5º Batalhão de Engenharia e Construção

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CEB – Câmara de Educação Básica

CEI - Centro Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa do Imaginário Social

CEP – Comitê de Ética e Pesquisa

CETIC – Coordenadoria de Tecnologia da Informação e Comunicação

CFP – Conselho Federal de Psicologia

CID – Classificação Internacional de Doenças

CLAM - Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos

CNE – Conselho Nacional de Educação

COMCIL – Comunidade Cidadã Livre

CRH - Coordenação de Recursos Humanos

DINTER – Doutorado Interinstitucional

EFMM – Estrada de Ferro Madeira Mamoré

ENTLAIDS - Encontro Nacional de Travestis e Transexuais que atuam na Luta contra a AIDS.

FCR – Faculdade Católica de Rondônia

FEUSP – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

FLACSO - Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais

GDE – Gênero e Diversidade na Escola

GEDOMGE - Grupo de Estudos Docência, Memória e Gênero

GGR – Grupo Gay de Rondônia

IMS – Instituto de Medicina Social

LGBT – Lesbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

MEC- Ministério da Educação

NNTE – Núcleo de Normas Técnicas

NPLOS – Núcleo de Promoção pela Livre Orientação Sexual

ONG – Organização Não Governamental

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PPG – Programa de Pós-Graduação

PUCRS- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

PVPP – Preconceito, Vulnerabilidade e Processos Psicossociais

SEDUC/RO – Secretaria de Estado da Educação de Rondônia

SEPPIR/PR – Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República

SPM/PR – Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República

STF – Supremo Tribunal Federal

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TELERON – Telecomunicações de Rondônia

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNIR – Universidade Federal de Rondônia

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	24
2 INTNRODUÇÃO.....	27
3 RESUMO EXPANDIDO.....	31
4 OBJETIVOS.....	36
5 MÉTODO.....	36
5.1 Participantes.....	38
5.2 Delineamentos.....	40
5.3 Procedimentos de análise.....	41
5.4 Procedimentos éticos.....	43
6 ESTUDO 1: TRAJETÓRIA E HISTÓRIA DE VIDA: ESTUDO BIOGRÁFICO DE UMA PROFESSORA TRANSEXUAL EM RONDÔNIA.....	45
6.1 INTRODUÇÃO.....	46
6.2 TRAJETÓRIA DE VIDA: a memória como referência.....	48
6.3 MÉTODO.....	50
6.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO: biografia de uma docência e identidade transexual.....	51
6.5 TRAJETÓRIA DE VIDA PROFISSIONAL: relato de professores e ex-alunos.....	57
6.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
6.7 REFERÊNCIAS.....	63
7 FOTOS DA PROFESSORA SANDRA.....	65
8 ESTUDO 2: CONTEXTO ESCOLAR E DOCÊNCIA TRANS EM RONDÔNIA: TRAJETÓRIA, DESAFIOS E PERSPECTIVAS.....	68
8.1 INTRODUÇÃO.....	69
8.2 MÉTODO.....	73
8.3 PARTICIPANTES.....	73
8.4 CONTEXTO DA PESQUISA: instrumentos e procedimentos de análise.....	74
8.5 RESULTADOS E DISCUSSÃO: desafios na docência trans em Rondônia.....	76
8.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
8.7 REFERÊNCIAS.....	90
9 CONSIDERAÇÕES.....	92
10 REFERÊNCIAS.....	99

APÊNDICE A

CARTA DE ACEITE Estudo 01: Revista Instrumento – Estudos e Pesquisa em Educação.....	103
---	-----

APÊNDICE B

CARTA DE ACEITE Estudo 02: Revista Labirinto.....	104
--	-----

APÊNDICE C

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: participantes do Estudo 01.....	105
---	-----

APÊNDICE D

OFÍCIO 6524/2018/SEDUC-NNTE: Autorização para desenvolver a pesquisa na Escola E.E.F.M. Maria Carmosina de Oliveira.....	108
---	-----

APÊNDICE E

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: participantes do Estudo 02.....	109
---	-----

APÊNDICE F

CARTA DE APROVAÇÃO SIPESQ: Sistema de Pesquisa da PUCRS.....	112
---	-----

APÊNDICE G

PARECER SUBSTANCIADO DO CEP	113
--	-----

APÊNDICE H

Roteiro das Entrevistas	117
--------------------------------------	-----

APÊNDICE I

Roteiro das Entrevistas com as Professoras Travestis e Transexuais	121
---	-----

APÊNDICE J

Roteiro do Encontro Focal	122
--	-----

APÊNDICE K

ATA DO EXAME DE QUALIFICAÇÃO	124
---	-----

1 APRESENTAÇÃO

A tese de doutorado intitulada **IDENTIDADES CONSTRUÍDAS EM FORMA DE DOCÊNCIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE PROFESSORAS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM RONDÔNIA** surge da necessidade de compreender e valorizar a trajetória e a história de vida de professoras travestis e transexuais rompendo com as barreiras históricas que (re) produzem preconceitos, discriminação e exclusão nas escolas.

O preconceito e a discriminação na escola sustentada pela inexistência da abordagem pedagógica com articulação à temática da sexualidade, diversidade sexual e identidade de gênero trazem para estudantes Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) o abandono e a exclusão da escola, resultando na inequidade de acesso, quase absoluto, aos espaços de profissionalização e oportunidades de trabalho. Sem acesso aos meios de escolarização e qualificação, cidadãs travestis e transexuais ficam impossibilitadas de competir a oportunidades e espaços profissionais da mesma forma que cidadãos cis heterossexuais.

Importante compreender que a reflexão na escola sobre sexualidade, diversidade sexual e identidade de gênero possibilita uma ruptura de conceitos e significados construídos historicamente que foram apropriados de forma disciplinar, reducionista e embasados em modelos normativos.

Desta forma, a escola acaba reproduzindo uma superioridade no atendimento a estudantes caracterizado por padrões de comportamento impostos de forma machista, obedecida pela cis heteronormatividade, deixando de acolher e proteger todos os estudantes de modo igualitário, justo e democrático, com práticas de enfrentamento a violência, a discriminação e o preconceito ocasionado por significados construídos, compartilhados e cristalizados, considerando que estas práticas estão embasadas em contextos culturais que perpassam por crenças, valores e ideais.

Nas demais instituições estas práticas não se diferenciam e o retrato da exclusão e descaso resultaram na invisibilidade da participação de populações LGBT nos meios de acessos e todos os espaços sociais e políticos. Para tanto, a escola precisa desempenhar ações pedagógicas para diminuir estes efeitos e estreitar as relações de gênero e identidade com um modelo curricular que atenda a todos os estudantes de modo igualitário independente de sexo, orientação sexual, classe social, raça e etnia, criando espaços proativos de redução a práticas homofóbicas com a inclusão de rotinas escolares de valorização e afirmação da identidade de gênero.

Historicamente, o sistema educacional brasileiro se preocupou em manter uma estrutura sistêmica e curricular elaborado a partir de modelos distantes dos ideais de liberdade e democracia privilegiando as bases de relação predominantemente masculina, com padrões socioculturais e econômicos desiguais e de natureza cis heteronormativa. Para Fernandes Enguita (1989, p. 133), a criação de espaços de sensibilização dos atores escolares em relação aos seus papéis e responsabilidades, é a promoção de ações reflexivas direcionadas a minimizar as incoerências entre a demanda escolar e os objetivos educacionais considerados pelo autor como muito “mais prosaicas” e dominada pela convicção de que o seu objetivo e seus meios são somente ideias.

Os estudos de gênero se apresentam no contexto escolar, com características binárias excludentes configuradas somente no que se refere às categorias homem-mulher ou macho-fêmea, associados a estruturas de poder: bem-mal, dominante-dominado, certo-errado. Estas características foram evidenciadas ao longo dos anos por uma prática autoritária e de natureza predominantemente eletiva com valorização da dominação masculina. A escola enquanto espaço de formação para cidadania e socialização nem sempre demonstrou interesse em lidar com as diferenças, principalmente no que se refere a orientação sexual e a identidade de gênero.

Esta situação sempre trouxe sérias consequências aos estudantes e em especial a estudantes Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), pois as práticas e intervenções pedagógicas que visam à contribuição para o fortalecimento de uma sociedade que saiba respeitar e valorizar a diversidade foram silenciadas do currículo escolar. O mais agravante é que no país vem crescendo significativamente um movimento de pressão contra a inclusão da discussão da temática de orientação sexual e identidade de gênero no ambiente escolar apoiada por líderes religiosos e parlamentares ligados a estas instituições.

Embora em décadas anteriores algumas intenções e tentativas do Governo Federal juntamente com a sociedade civil organizada para minimizar o preconceito e a discriminação chegaram a ser planejadas, conforme Abramovay (2015, p. 94), em uma pesquisa realizada pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) e Ministério da Educação (MEC), homossexuais, negros e pobres continuam sendo as principais vítimas do preconceito e discriminação no ambiente escolar. De acordo com a autora, 7,1% dos estudantes não queriam ter travestis como colegas de classe, 5,3% não queriam ter homossexuais e 4,4% não gostariam de ter transexuais em sala de aula.

Esta tese de doutorado se originou a partir do projeto **TRAJETÓRIA E HISTÓRIA DE VIDA: APONTAMENTOS DE PROFESSORAS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM RONDÔNIA**, que foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com o Parecer Consubstanciado de nº 2.462.019 em 06/11/2017 e se estrutura a partir de dois estudos:

- a) **TRAJETÓRIA E HISTÓRIA DE VIDA:** estudo biográfico de uma professora transexual em Rondônia.
- b) **CONTEXTO ESCOLAR E DOCÊNCIA TRANS EM RONDÔNIA:** trajetória, desafios e perspectivas.

O objetivo da tese é apresentar os desafios e as perspectivas de professoras travestis e transexuais em Rondônia abordado através das suas trajetórias de vida escolar e profissional e a atuação docente voltada para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária, democrática e com a valorização das diferenças, o respeito à orientação sexual e a identidade de gênero.

2 INTRODUÇÃO

Esta tese surgiu do interesse em apresentar os desafios e perspectivas de professoras travestis e transexuais que atuam na educação básica em Rondônia e compreender a trajetória escolar e profissional destas profissionais frente à sociedade marcada pela violência, o preconceito e a discriminação a LGBT e em especial na forma injusta, desigual e excludente que travestis e transexuais são vítimas na inserção no mercado de trabalho.

O interesse no estudo ganha maior concentração e visibilidade após a publicação pela Revista Igarapé de estudos de literatura, cultura e alteridade, (2017) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) de uma pesquisa denominada “Nome social de estudantes travestis e transexuais: caminhos para uma pedagogia (trans)formadora¹”, realizada com seis estudantes que concluíram o ensino médio em Porto Velho, Rondônia. O estudo propôs esclarecer os estigmas e paradoxos do (des)uso do nome social e a necessidade na inserção da discussão de gênero e identidade de gênero no currículo escolar, a partir da ótica de estudantes vítimas do preconceito e discriminação institucionalizados na escola.

Para as estudantes travestis e transexuais que participaram do estudo, o uso do nome social representava só o começo para a promoção do acesso de quem esteve por muito tempo distante das salas de aula em virtude de todas essas situações provocadas pela exclusão e conviveu com o estigma da uniformização, normatização e da padronização.

¹ Estudo publicado na Revista Igarapé de estudos de literatura, cultura e alteridade, Porto Velho (RO), v.5, n.1, p. 218-241, 2017, no site: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/2495/1988>

A partir deste estudo com as estudantes, foi realizado um levantamento de professoras travestis e transexuais que notificaram a Secretaria Estadual de Educação de Rondônia para reconhecer o direito de fazer uso do nome social, nos registros de Diário Eletrônico e nos assentamentos e documentos administrativos. Neste sentido, surge a intenção de desenvolver um estudo semelhante, porém com a ótica de professoras travestis e transexuais com o objetivo de apresentar a trajetória escolar e profissional, os seus desafios e perspectivas no exercício da docência.

Com um grupo de cinco professoras travestis e transexuais estruturado para realização do estudo, entre as participantes surgiu o questionamento de quem teria sido a primeira docente em Rondônia a vivenciar a transexualidade. Uma das participantes recordou que aproximadamente na década de 1980, ouviu falar da história de uma professora travesti que além de ser conhecida entre todos os professores como uma excelente alfabetizadora, também contextualizava as atividades da escola com suas experiências como coreógrafa e bailarina no circo.



Figura 2. Carteira do Circo Barnus, último circo em que Sandra Egly trabalhou.

Desta forma, foi desenvolvido uma busca nos setores de recursos humanos da SEDUC/RO e entre os funcionários antigos do setor foi encontrado os assentamentos do professor que fazia uso do nome social Sandra, conhecida entre os colegas de trabalho

como Professora Sandrinha e no circo onde trabalhava usava o nome de Sandra Egly, a “Mulher Vulcão”, conforme Figura 2, cedida pelos familiares da professora biografada.

Com isso, o projeto da tese em questão, foi apresentada em banca de qualificação na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em 12 de julho de 2017, com a proposta de título: PEDAGOGIA TRANS: contribuições de professoras travestis e transexuais. O projeto inicial tinha a intenção de realizar dois estudos, sendo o primeiro de natureza biográfica com a história e trajetória de vida da Professora Sandra que vivenciou a transexualidade na década de 1980 em Rondônia e um segundo estudo com os desafios e perspectivas de cinco professoras travestis e transexuais que exercem a docência atualmente.

Com o desenvolvimento da pesquisa, o primeiro estudo recebeu o título de **TRAJETÓRIA E HISTÓRIA DE VIDA: ESTUDO BIOGRÁFICO DE UMA PROFESSORA TRANSEXUAL EM RONDÔNIA**, e foi aceito para publicação pela Revista Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação, um periódico do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, elaborado a partir da perspectiva da psicologia social com base nos estudos de gênero, trajetória de vida, lembranças e memórias conforme Cláudia Born (2001) e Ecléa Bosi (2003). Desenvolveu-se um estudo biográfico da professora Sandra e sua atuação nas turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em uma escola da rede pública estadual em Porto Velho, Rondônia, com o objetivo de contribuir na constituição e afirmação de identidade de gênero de professores e estudantes bem como nos impactos que potencializam um ambiente escolar com espaços de igualdade e humanização.

É importante ressaltar, que no estudo biográfico foi utilizada a identificação como “professora transexual” embora na década de 1980 as concepções a respeito da identidade de gênero ainda nem estavam em fase de construção. Nesse sentido, o estudo fez-se

necessário para evidenciar a trajetória e história de vida, a participação desta professora e a sua relação com a profissão docente em uma década em que os estudos a respeito da identidade transexual ainda eram inexistentes.

A discussão a respeito da temática de gênero e identidade também tem influência a partir da participação em grupos de movimento social em Rondônia desde a criação do Grupo TUCUXI, Núcleo de Promoção da Livre Orientação Sexual em 1994. O grupo destinava-se a promover encontros de discussão e sensibilização em todo o Estado quanto à orientação sexual e a identidade de gênero. O pioneirismo do Grupo Tucuxi ficou marcado com a realização do Projeto Avessos, que contou com a participação de integrantes LGBT de vários municípios do estado. Inicialmente grupo era conhecido como Grupo Camaleão, sendo que precisou se estruturar como Organização não Governamental (ONG), para submeter a financiamento de projetos em agências de incentivo e fomento tanto do governo federal como de organizações internacionais. O Projeto Avessos, financiado pela UNESCO juntamente com a Coordenação Nacional de DST/HIV/AIDS foi realizado em 2002 e 2003 e culminou com o fortalecimento do movimento no interior do estado com a criação de novas ONG ligada a prevenção as DST/HIV/AIDS e a promoção da cidadania LGBT.

Com a estruturação do grupo, outro projeto relacionado à igualdade de gênero e identidade, a luta contra a homofobia e a garantia de direito de populações LGBT foram desenvolvidos tais como o Projeto Água Viva, que promoveu encontros com estudantes e professores dos Distritos de Nazaré, São Carlos e Calama, comunidades ribeirinhas localizadas na região do Baixo-Madeira, o Encontro de Segurança Pública do Estado de Rondônia com a participação de Policiais Civis e Militares, o projeto Somos, destinado a gays e bissexuais e o Somos-Lés voltado para mulheres lésbicas do Norte do país. A partir da criação do Centro de Referência ao Combate a Homofobia e do Projeto Espelho de

Vênus, o grupo vivenciou trabalhos específicos com público de travestis e transexuais incorporando a categoria no movimento e contribuindo significativamente com o desejo de desenvolver estudos relacionados a gênero e identidade.

Quanto à abordagem metodológica, o estudo realizou entrevistas que foram filmadas e teve como colaboradores: membros da família, professores, gestores, amigos de trabalho e ex-alunos que fizeram parte da história da professora, oportunizando novas reflexões quanto o papel da escola e da prática docente.

O segundo estudo: **CONTEXTO ESCOLAR E DOCÊNCIA TRANS EM RONDÔNIA: TRAJETÓRIA, DESAFIOS E PERSPECTIVAS** foi publicado em 2019 pela Revista Labirinto², periódico do Centro Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa do Imaginário Social (CEI), da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), e tem como objetivo apresentar os desafios e perspectivas de cinco professoras transexuais que atuam na educação básica em Rondônia. Para a realização da pesquisa, foi realizado um encontro focal com as participantes numa sala do Instituto Estadual de Educação Carmela Dutra, em Porto Velho e entrevistas individuais. Neste segundo estudo, apresentamos apontamentos da trajetória de vida das cinco participantes, os desafios e as perspectivas desde a fase de escolarização até o ingresso no exercício do magistério. O enfoque metodológico leva em considerações três eixos temáticos para a análise das informações: a construção da identidade, a escolha da docência como profissão e a afirmação dos direitos nos meios sociais e políticos.

Importante destacar, que a escola precisa romper com os modelos heteronormativos que se encontram arraigados em sua forma de atuação e no currículo escolar embasados em projeções binárias e valorizar a identidade de estudantes e professores é uma ação que promove um pensamento crítico transformador em relação ao determinismo biológico

² Publicado pela Revista Labirinto, Porto Velho (RO), ISSN 1519-6674, ano XIX, vol. 30 (jan-jun), n. 1, 2019, p. 254-276 no site: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/view/4468/3011>,

imposto e a perspectiva de “o que faz o corpo existir”. A homofobia, o racismo, machismo e todas as demais formas de preconceito, discriminação e intolerância, são resultados de posicionamentos históricos que foram construídos pela própria escola.

Identities construídas em forma de docência, é uma tese de doutorado que configura a perspectiva de Bauman (2005) e Hall (2006) no que se refere à identidade como um mecanismo que exerce poder de transformação contínua e em constante trânsito. Segundo Hall (2006, p. 38), os aspectos chave na formação do sujeito podem o deixar dividido em relação aos sentimentos contraditórios. O pertencimento e a identidade não são perpétuos. Portanto, se estamos uma sociedade embasada em modelos cis heteronormativos, os sujeitos vivenciam sua identidade como se “ela estivesse reunida e resolvida, ou unificada, como resultado da fantasia de si mesmo como uma "pessoa" unificada que ele formou na fase do espelho”.

Em se tratando de docência e identidade, Dubar (2005) entende a identidade como passiva de uma estável ameaça e constituída de uma base de distanciamento. As experiências diretas valorizam a aquisição de saberes práticos que são incorporados no dia-a-dia dos professores. Essas ameaças estão sempre bloqueadas na necessidade do surgimento de exigências de um “novo profissional” citado pelo autor como uma identidade bloqueada.

O enfoque teórico deste trabalho faz conexões com demais estudos que apresentam contribuições e visibilidade as singularidades de travestis e transexuais na luta pela formação de movimentos de categorias com Seffner e Reidel (2015), Reidel (2013) e Carvalho e Carrara (2013), a referência nas experiências de Gomes de Oliveira (2017) e a trajetória percorrida por professoras trans apresentadas no estudo de Franco e Cicillini (2015) e seus relatos de docentes. Os dois estudos que compõem esta tese de doutorado,

estão apresentadas conforme orientações das revistas de aceitação para publicação obedecendo às regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

3 RESUMO EXPANDIDO

O presente estudo tem por finalidade apresentar a trajetória e história de vida de professoras travestis e transexuais nas escolas públicas do estado de Rondônia seus desafios e perspectivas na docência e os processos de afirmação de identidade com base nos resultados de um estudo biográfico de uma professora travesti que atuou nos anos iniciais do ensino fundamental da rede pública de ensino de Porto Velho, Rondônia, na década de 1980, falecida em 2001 vítima de complicações cardíacas e um estudo empírico com os desafios e perspectivas de cinco professoras travestis e transexuais no Estado de Rondônia.

A conexão entre o estudo biográfico de uma professora travesti que atuava na década de 1980 e os desafios e perspectivas de professoras travestis e transexuais que exercem atualmente a docência em Rondônia consiste na principal relevância do estudo. Entretanto, os elementos que compõem a trajetória destas profissionais, não foram diferentes das vivenciadas há quase 40 anos pela professora biografada, demonstrando que durante todos estes anos, pouco se mudou em se tratando da construção de uma sociedade livre da discriminação e do preconceito a populações LGBT.

O estudo apresenta a trajetória, os desafios e perspectivas de professoras travestis e transexuais relacionando os elementos característicos da atuação docente, os processos de afirmação da identidade de gênero, os motivos que levaram estas professoras a escolher a docência como profissão e os enfrentamentos dos preconceitos históricos.

Nesse sentido, de acordo com os estudos de Reidel (2013) e Seffner e Reidel (2015), com uma proposição de uma “pedagogia do salto alto”, com uma leitura de

histórias de professoras travestis e transexuais na educação brasileira como personagens que ficaram escondidas ou à margem da sociedade, além do número muito reduzido de professoras travestis e transexuais e os debates voltados ao preconceito e à discriminação, os estudos apontam, segundo Seffner e Reidel (2015) a presença de um “pânico moral” que domina as discussões que ora são pautados em curiosidades e impactos quanto ao posicionamento entre os envolvidos, professora/estudantes/gestores/pais e famílias e a relação pouco confiável de professoras travestis e transexuais como exemplo a ser seguido pelas gerações futuras.

A pedagogia do salto alto ao demonstrar a existência deste comportamento, revela um panorama educacional muito frágil, tênue e que nas entrelinhas reproduz e preconiza uma sociedade estritamente preconceituosa que buscou base machista e elitista para conceituar a prática docente. Conforme Louro (1997, p. 94) a concepção da escola é atribuída a partir de um retrato masculino, embasada em traços religiosos, sacerdotais e regido pela doação conforme marca o “braço espiritual da colonização”. Esta ideia machista da sociedade, reproduz na escola a figura de uma docente compreendida como “mães espirituais” com a figura de uma professora com metáfora materna, não só com seus cuidados e disponibilidade, mas também com atributos de humildade, submissão, abnegação e sacrifício.

A participação de professoras travestis e transexuais na escola, de acordo com Seffner e Reidel (2015, p. 446):

independente da disciplina que lecionam, parece instaurar na sala de aula processos e saberes docentes que deslocam a tradicional figura da professora enquanto mãe, tia ou irmã mais velha, e introduzem de modo decidido outra modalidade de relação em que o corpo da professora passa a desempenhar um papel importante, marcado

em especial pelos atributos de gênero e sexualidade, mas numa equação em que entram em jogo também os marcadores de geração, raça e pertencimento religioso. A ação destas professoras parece colocar em xeque uma verdade pouco enunciada, mas claramente perceptível nas escolas, de que a professora ideal é um ser sem corpo, sem sexo e capturada no gênero feminino numa dimensão quase colada à função materna.

A presença de professoras travestis e transexuais na escola, neste estudo não tem a intenção de promover uma discussão com relação às referências que são atribuídas à imagem da “boa professora” voltada para a maternidade, nem tão pouco o estudo se propõe a apresentar conceitos sobre esta temática, embora esta discussão muito contribui na produção deste estudo e na proporção das concepções que a sociedade atribui a docência. O fato é que o estudo ressalta a importância da docência como profissão e não como um sacerdócio e doação, e que nem a orientação sexual ou a identidade de gênero de docentes irão contribuir na afirmação da sexualidade e da identidade de outros, embora não escamoteia o pertencimento sexual e de gênero mesmo que haja posicionamentos contrários.

Não foi o que se evidenciou no estudo **TRAJETÓRIA E HISTÓRIA DE VIDA: ESTUDO BIOGRÁFICO DE UMA PROFESSORA TRAVESTI EM RONDÔNIA** onde os participantes apontam que mesmo se tratando de uma década onde os estudos a respeito da transexualidade fossem inexistentes, a professora biografada construiu a sua prática pautada no reconhecimento de uma docência transparente, com envolvimento e participação da comunidade e principalmente com a utilização de mecanismos atrativos para a permanência dos alunos na escola.

Conforme os depoimentos dos participantes, a Professora Sandra além de representar uma docente preocupada com os aspectos ligados a aprendizagem e a aquisição de conhecimentos culturais e sociais, o que ficou marcado para os ex-alunos e colegas de trabalho era a afetividade que a docente tinha pelos estudantes e seus familiares.

A biografia de uma professora transexual tem a intenção de contribuir na melhoria da atuação de docentes atualmente, levando em consideração a potencialização de um ambiente escolar com espaços de igualdade, solidariedade e humanização e na construção e afirmação da identidade de professores e estudantes.

O espaço escolar que outrora não cabia em seus muros a estudante travesti e transexual, para Gomes de Oliveira (2017, p. 154) “significava um acerto de contas com o passado. Não estava tão vulnerável como estive na infância e adolescência. A bicha preta migrava dos cantos escuros da escola, do fundo da sala de aula para a mesa da professora”. A autora faz os mesmos questionamentos proposto neste estudo durante as entrevistas e o grupo focal. Por que uma estudante travesti e transexual decidiu tornar-se professora? Por que retornar a este espaço que lhe foi negado os direitos e que foi vivenciado situações de abandono, controle e exclusão?

De acordo com Gomes de Oliveira (2017, p. 159):

O respeito oferecido em bandejas de prata para os professores cisgêneros brancos heterossexuais é constantemente negado para aqueles que não se encaixam nesse perfil. O gay afeminado, o viado, a bicha preta precisa demarcar espaços. Reivindicar um respeito que sua corporeidade parece não merecer. As hierarquias de gênero e de orientação sexual observadas em outros espaços são reforçadas na escola, e a sala dos professores e professoras se torna um campo de batalha. A bicha preta se posiciona, bate o pé, exige respeito, mostra ao que veio.

Estas respostas ficaram evidentes nos resultados do estudo CONTEXTO ESCOLAR E DOCÊNCIA TRANS EM RONDÔNIA: TRAJETÓRIA, DESAFIOS E PERSPECTIVAS, pois assim como as experiências vivenciadas na escola por Gomes de Oliveira (2017), a volta a escola como docente representa o preenchimento daquilo que foi negado na infância tanto pela família como pela sociedade. A escolha da docência como profissão para estas professoras estava ligado as experiências negativas de exclusão e preconceito assim como associados a imagem de uma professora ou a uma prática pedagógica acolhedora. A professora que volta a escola como lugar que foi oprimida e desrespeitada, se posiciona e mostra a que veio, embora a realidade ainda é de poucas.

Os resultados do estudo com as cinco professoras travestis e transexuais demonstram que foram os desafios enfrentados na fase de escolarização, com as marcas da exclusão escolar pela família, quando esta deixou de matricular seus filhos para que eles pudessem trabalhar na agricultura, ou na proibição em usar roupas e vestimentas de acordo a sua identidade de gênero e nas demais formas de privação de direitos embasados em preconceito e discriminação pela identidade das participantes, que contribuiu na construção de uma identidade docente e na construção de um projeto profissional tendo como referência a docência.

Para Silva (2015, p. 150):

As políticas públicas que “existem” ainda são ineficazes para minimizar a violência contra esse grupo, é importante que nossas universidades, principalmente os grupos de estudos de gênero e sexualidade propiciem mecanismo que venham contribuir para as discussões no campo acadêmicos sobre os homossexuais para que pesquisadores e intelectuais venham contribuir para os estudos sobre a

homossexualidade, principalmente nos estudos amazônicos e na Universidade Federal de Rondônia que há uma carência no debate em torno da temática, para poder romper a invisibilidade do estudos sobre a população LBTT em Rondônia.

Portanto, o espaço escolar ainda está muito distante de promover um ambiente de apoio a projetos de fortalecimento a cidadania LGBT e de garantia de um ambiente de combate às desigualdades, livre da transfobia institucionalizada, sendo que o estudo apresentou considerações baseados em três enfoques temáticos: a identidade, a docência como profissão (e os principais motivos que contribuíram para escolher o magistério) e a afirmação de direitos.

4 OBJETIVOS

A partir da perspectiva da psicologia social, esta tese tem o objetivo de apresentar a trajetória e história de vida de professoras travestis e transexuais que atuam nas escolas públicas do Estado de Rondônia, suas contribuições nos processos de afirmação de identidade de professores e estudantes e os impactos que potencializam um ambiente escolar com espaços de igualdade e humanização, a partir de um estudo biográfico de uma professora que vivenciou a transexualidade na década de 1980 em Porto Velho, Rondônia e com base nos desafios e perspectivas de cinco professoras travestis e transexuais que exercem a docência na educação básica atualmente.

5 MÉTODO

Esta tese é de natureza qualitativa, e resulta do projeto de pesquisa intitulado “PEDAGOGIA TRANS: contribuições pedagógicas de professoras travestis e transexuais” e tem como objetivo abordar a trajetória de vida escolar e profissional e os desafios e

perspectivas de professoras travestis e transexuais que atuam na educação básica em Rondônia, bem como os processos de construção da identidade docente e as contribuições pedagógicas na participação destas profissionais na escola, tendo como referência o viés da psicologia social.

Apresenta dois estudos que se estruturam a partir da elaboração da biografia de uma professora que vivenciou a transexualidade e exerceu a docência em Rondônia na década de 1980 e um estudo que relata os desafios e perspectivas da docência com cinco professoras travestis e transexuais que exercem a docência atualmente. Os estudos foram desenvolvidos com a utilização de vídeos como instrumentos de coleta de dados sendo realizado um encontro focal, entrevistas individuais e registro de informação em um diário de campo.

A realização da pesquisa contou com as seguintes etapas: a) estudo biográfico: traçando uma conexão com outros estudos relacionados à docência, biografia e autobiografia pelo viés da psicologia social, conforme Bueno *et al.* (1993; 2006), Souza (2007) e Rios, Barros e Vieira (2017); b) Histórias de vida tratando de memórias e preconceito: com contribuições da psicologia social nos caminhos teóricos de Bosi (2003) e Born (2001); c) Utilização de visuais em pesquisa qualitativa sobre a ótica de Pinheiro, Kakehashi e Angelo (2005), Flick (2004) e Banks (2009), e; c) Entrevistas e encontro focal de acordo com Breakwell (2010), conforme detalhamento do método na figura 2 abaixo.

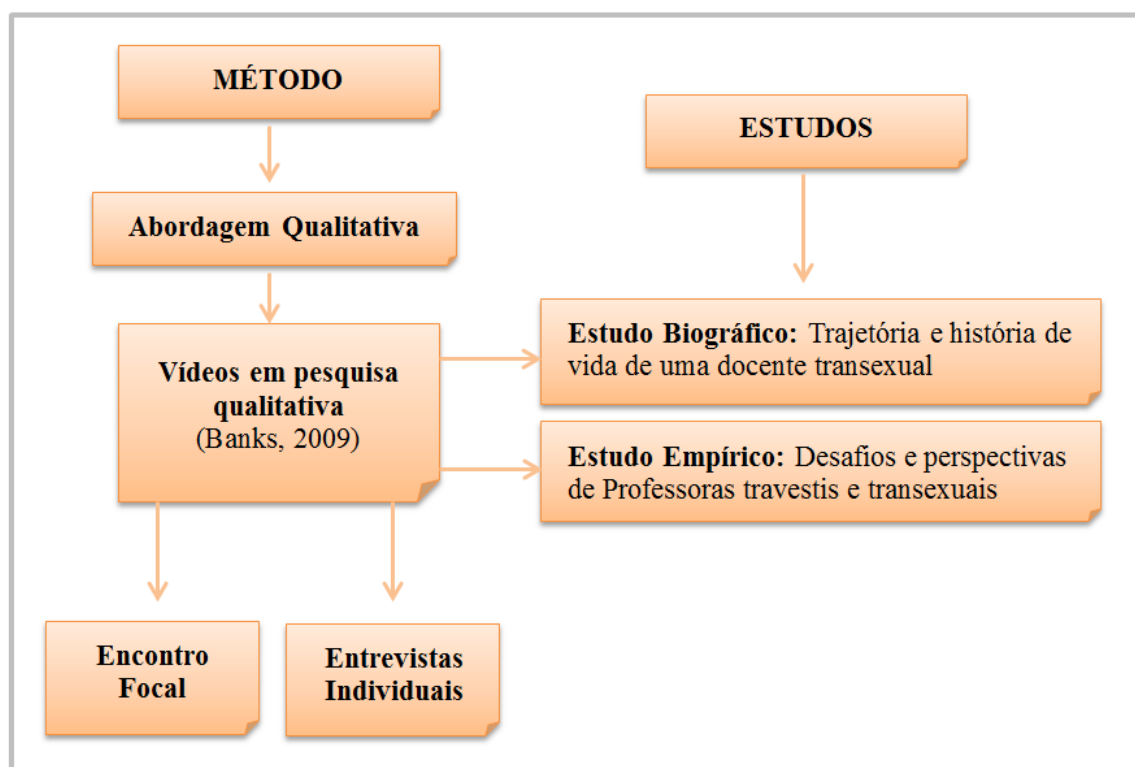


Figura 3. Detalhamento do método

A utilização de vídeos para coletar as informações tem como referência os estudos de Banks (2009), no sentido de valorizar a onipresença que as imagens representam na sociedade bem mais do que qualquer outra forma de ser dita, quer seja com vestuários, música ou outra forma de representação. Por este motivo, o vídeo propõe abordar a trajetória educacional e profissional e a história de vida de professoras travestis e transexuais dando ênfase nas imagens filmadas e registros fotográficos somando com as falas e depoimentos.

Outra razão importante na utilização de vídeos e imagens em pesquisa qualitativa consiste na função social que é incorporada nas etapas de análise dos dados gerados a partir de visuais com uma conexão pessoal objetivando revelar conhecimentos sociológicos que não estão acessíveis em outros meios. (Banks, 2009, p.18).

Para Flick (2004) os vídeos e imagens tem um papel muito importante na proporção que influência no cotidiano, na construção de novas realidades, nas experiências sociais e históricas, bem como na formação de valores. Por este motivo, optou-se pela utilização dos vídeos para coletas as informações nas entrevistas com todos os participantes do estudo biográfico e no grupo focal com as professoras travestis e transexuais.



Figura 4. Foto retirada pela equipe de filmagem do grupo focal.

Os vídeos foram utilizados para os dois estudos, sendo que no primeiro as entrevistas foram filmadas pelo próprio pesquisador com as informações dos membros da família a professora biografada, os professores e amigos da escola, diretora que foi responsável pela sua contratação e os ex-alunos. Para a realização do segundo estudo, o grupo focal foi filmado por uma equipe contratada para realizar o trabalho obedecendo aos critérios técnicos, sendo que o pesquisador também utilizou de câmera própria para os registros. As entrevistas individuais com as foram realizadas com agendamento e filmadas pelo próprio entrevistador.

5.1 Participantes

Participaram do estudo biográfico os membros da família da Professora Sandra Egly através de uma entrevista realizada no Município de Candeias do Jamari, localizado a 24,7Km de distância de Porto Velho, Rondônia; dois professores e amigos de trabalho da Escola Estadual Maria Carmosina de Oliveira; a primeira diretora da Professora Sandra, que conforme a família foi a responsável pela sua contratação em 1978; e, dois ex-alunos indicados pelos professores da escola.

O critério de inclusão dos participantes foi definido conforme informações diagnósticas de proximidade com a história de vida da professora biografada, sendo que durante a entrevista, a família contribuiu indicando a participação da professora Yeda Pinheiro Borzacov por ter sido responsável pela contratação como professora.

Em relação ao segundo estudo, participaram cinco professoras travestis e transexuais que atuam na educação básica na rede municipal e estadual de ensino em Rondônia. O critério inicial de seleção destas professoras foi um levantamento de informação de docentes transexuais que notificaram a Coordenadoria de Tecnologia da Informação e Comunicação (CETIC) da Secretaria de Estado da Educação de Rondônia (SEDUC/RO) solicitando de alteração do nome civil para o nome social na plataforma Diário Eletrônico e demais sistemas da Coordenação de Recursos Humanos (CRH).

Neste levantamento, foram identificadas duas professoras da rede estadual e uma professora da rede municipal. Com a formalização do convite para estas professoras participarem da pesquisa, estas contribuíram indicando as demais participantes, sendo uma professora da rede municipal que atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental no Município de Machadinho do Oeste, Rondônia e outra que trabalha no distrito de São Carlos, área ribeirinha de Porto Velho, dando aula de matemática no Ensino Médio.

Importante salientar que estas cinco profissionais se destacam pela visibilidade política e social que exercem através da docência. São conhecidas pela representatividade e participação em grupos do movimento social de luta por direitos LGBT, em grupos folclóricos de destaque em Rondônia e nos Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) nos cursos de Mestrado em História e Estudos Regionais e no Mestrado em Letras com pesquisas relacionadas à diversidade sexual e identidade de gênero. A pesquisa contou com a participação somente de professoras travestis e transexuais que atuam na educação básica, e até a data da qualificação do projeto de tese não foram identificados nenhum professor transexual em Rondônia.

As professoras travestis e transexuais participantes do estudo ainda não se conheciam pessoalmente, o único contato era pelas redes sociais. O encontro focal estava previsto para ser realizado utilizando um tempo máximo de 45 minutos em razão do planejamento realizado que levava em consideração o tempo máximo recomendado por Breakwell (2010, p. 289) que para grande “parte dos pesquisadores que trabalha com grupos focais concorda que a duração-padrão de cada sessão envolvendo adultos deve ficar entre 1 e 2 horas”. Entretanto, o grupo focal foi realizado com um tempo aproximado de quase quatro horas de duração, onde as professoras puderam se apresentar, ouvir as histórias e trajetórias pessoais de cada uma das participantes.

5.2 Delineamentos

Considerando os objetivos deste estudo, o método qualitativo caracteriza-se com maior apropriação para análise das informações e na compreensão dos resultados relacionados à trajetória de vida, nos desafios e perspectivas de professoras travestis e transexuais por se tratar de elementos subjetivos e particulares que contribuíram na construção e afirmação da identidade de gênero.

O primeiro estudo, de natureza biográfica, foi realizado com a participação dos familiares, professores e amigos de trabalho da Escola Estadual Maria Carmosina de Oliveira, uma gestora e dois ex-alunos da Professora Sandra Egly sendo estes participantes caracterizados por Bosi (2003, p. 15) como “mediadores formalizados”.

Bosi (2003, p. 63) considera que o trabalho com história de vida e depoimentos orais traz para a pesquisa uma sensação de infinito que mais tarde se confunde com uma situação lacunosa. Mas uma razão que justifica a importância de registrar as entrevistas em vídeos, por retratarem relações entre as narrativas aproveitando as emoções e sensações. Para a autora, para a garantia da autenticidade, o passado se conserva pelas lembranças, pelas incertezas e pausas das testemunhas, lapsos das falas fragmentadas e portadoras de emoções.

O segundo estudo, optou-se pela realização de um encontro focal com as participantes, com planejamento para duração de 45 minutos, e contou com a colaboração de uma mediadora e a equipe de filmagem. Entretanto, por se tratar de trajetória de vidas, os vídeos tiveram uma duração de aproximadamente 45 minutos por participante, fazendo um total de quase quatro horas de conversa levando em consideração as etapas de chegada das participantes, sessão de fotos, lanche e bate-papo informal. O encontro focal foi realizado em uma sala do Instituto Estadual de Educação Carmela Dutra, por se tratar de uma escola que historicamente oferecia formação de professoras. O encontro focal abordou sobre a trajetória de vida das professoras, a construção e afirmação da identidade de gênero associadas com a escolha da docência como profissão e os desafios e perspectivas no exercício do magistério.

5.3 Procedimentos de análise

A análise dos vídeos do encontro focal e das entrevistas contou com as etapas de codificação, categorização e interpretação, e todo material visual foi transformado em textos obedecendo a procedimentos analíticos sistematizados.

Os vídeos das entrevistas e do encontro focal foi assistido juntamente com uma mediadora voluntária que participou na coleta das informações e encaminhados para transcrição na íntegra das falas dos participantes para a interpretação destas informações e transformação de todo material visual em textos.

Tendo em vista a construção de um estudo biográfico, os procedimentos de análise das informações, conforme Minayo (2013, p. 22) consideram que as histórias de vidas são consideradas “versões” ao invés de verdades e que ao mesmo tempo incorporam significados e intencionalidades. Neste sentido, todo material coletado para a construção do estudo biográfico seguiu uma trajetória que teve como ponto de partida a família da professora biografada para verificação do processo de socialização com os demais participantes.

As entrevistas em muitos casos despertam percepções dos entrevistados que muitas vezes levam o entrevistador a imaginar que os participantes dão respostas únicas das experiências que relatam. Entretanto, o estudo biográfico da professora Sandra contou com uma análise baseada em dois momentos, contados por diferentes participantes: a trajetória de vida e construção da identidade contada pelos familiares e pela diretora que foi responsável pela sua contratação como professora em 1978; e, a trajetória de vida profissional contada por professores, amigos de trabalho e ex-alunos.

Em se tratando do estudo com os desafios e perspectivas das cinco professoras travestis e transexuais, após a realização do encontro focal, das entrevistas individuais e da

transcrição de todo o material coletado, a análise das informações teve como compreensão os procedimentos de categorização, inferência, descrição e interpretação.

De acordo com Braun e Clarke (2006), o encontro focal e as entrevistas individuais são considerados os itens de dados que são codificados extraindo elementos individuais que podem ser tematizados e codificados como os extratos, detalhados de acordo com a figura 3 abaixo.



Figura 4. Detalhamento do procedimento de análise temática

Os significados foram tematizados obedecendo à análise descrita por Braun e Clarke (2006) como proposta analítica muito utilizada em pesquisas com psicologia qualitativa, categorizando em quatro eixos: construção e afirmação da identidade de gênero, escolha do magistério como profissão, experiências profissionais, e contribuições de professoras travestis e transexuais em Rondônia.

Partindo do ponto de vista analítico, as informações apresentadas no encontro focal, não foram muito diferentes dos que as professoras apresentaram nas entrevistas individuais. As entrevistas individuais foram mais curtas, obedeceram ao tempo estabelecido no planejamento proposto por Breakwell (2010, p. 241) como uma série de questões propostas chamada de “plano de entrevista” e forneceram informações conclusivas sobre a trajetória profissional das participantes. O grupo focal ficou muito destinado a relação que trajetória de vida se estabeleceu com o foco profissional e a escolha com o magistério como profissão.

5.4 Procedimentos éticos

Por se tratar de um estudo que aborda a trajetória de vida, os desafios e perspectivas de profissionais que vivenciaram experiências relacionadas à construção e afirmação da identidade de gênero, é importante que durante a realização da pesquisa, alguns procedimentos e cuidados éticos sejam levados em consideração.

O primeiro critério a ser considerado consiste no fato de que a professora biografada faleceu em 2001 e toda a sua trajetória de vida foi elaborada a partir da compreensão e informações que tem como ponto de partida a memória da família.



Figura 6. Professora Sandra, nascida em 1958, faleceu em 2001, vítima de complicações cardíacas.

A entrevista com a família foi realizada na residência da irmã da professora Sandra e contou com a participação de outros membros. É importante salientar, que foi realizado um contato inicial para agendamento da entrevista e informações sobre os objetivos do estudo biográfico, através da participante Sirley Corsino sobrinha da Professora Sandra.

A família recebeu a proposta do estudo biográfico com muita satisfação contribuindo na entrevista e oferecendo o acervo fotográfico para reprodução. Entretanto, durante a análise das informações optou-se em não expor o nome de batismo da Professora Sandra em razão desta informação não contribuir nos resultados e principalmente por respeitar a identidade de gênero que foi construída em uma década marcada pela violência, preconceito e discriminação.

No estudo biográfico, foram utilizados os nomes de todos os participantes das entrevistas no texto do artigo, entretanto, para a realização do estudo com as cinco professoras travestis e transexuais, a identificação das professoras foi substituída por números de 1 a 5 acompanhada da formação inicial de cada professora. Todos os participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) concordando em participar da pesquisa e o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com o Parecer Consubstanciado de nº 2.462.019 em 06/11/2017.

6 ESTUDO 1: TRAJETÓRIA E HISTÓRIA DE VIDA: ESTUDO BIOGRÁFICO DE UMA PROFESSORA TRANSEXUAL EM RONDÔNIA³



ISSN 1984-5499

Licenciado sob uma Licença Creative Commons



Trajetória e história de vida: estudo biográfico de uma professora transexual em Rondônia

Trajectory and history of life: biographical study of a transsexual teacher in Rondônia

Trayectoria e historia de vida: estudio biográfico de una profesora transsexual en Rondônia

Kary Jean Falcão⁴, Marlene Neves Strey⁵, Angelo Brandelli Costa⁶

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

Resumo

O estudo, de natureza qualitativa, busca analisar a trajetória e história de vida de uma professora que atuou na década de 1980 no Ensino Fundamental da rede pública de Porto Velho, Rondônia, e o seu processo de construção de identidade transexual. Desenvolveu-se um estudo biográfico a partir da compreensão da psicologia social para contribuir na constituição e afirmação de identidade de gênero de professores e os impactos que potencializam um ambiente escolar com espaços de igualdade e humanização. A abordagem metodológica do estudo foi baseada em entrevistas filmadas tendo como colaboradores: membros da família, professores, amigos de trabalho e ex-alunos que fizeram parte da história da professora. O estudo biográfico oportunizou novas reflexões quanto o papel da escola e da prática docente.

Palavras-chave: Trajetória. Docência. Transexualidade. Identidade.

³ Estudo aceito para publicação no dia 31 de julho de 2019 pela Revista Instrumento: Revista de estudos e pesquisas em educação. O texto obedece às normas metodológicas de publicação da revista. Carta de aceite no Apêndice A.

⁴ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. E-mail: karyfalcao@yahoo.com.br. Orcid: orcid.org/0000-0001-5684-8906.

⁵ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. E-mail: angelo.costa@puc.br. Orcid: orcid.org/0000-0002-0742-8152

⁶ Universidade FEEVALE – Porto Alegre, RS. E-mail: nevesstrey@gmail.com. Orcid: orcid.org/0000-0003-3030-5668

Abstract

The qualitative study seeks to analyze the trajectory and life history of a teacher who worked in the 1980s in the Elementary School of Porto Velho, Rondônia, and her process of constructing transsexual identity. A biographical study was developed from the understanding of social psychology to contribute to the constitution and affirmation of gender identity of teachers and the impacts that potentiate a school environment with spaces of equality and humanization. The methodological approach of the study was based on interviews filmed having as collaborators: family members, teachers, work friends and alumni who were part the teacher's story. The biographical study provided new reflections on the role of school and teaching practice.

Keywords: Trajectory. Teaching. Transsexuality. Identity.

Resumen

El estudio cualitativo busca analizar la trayectoria y la historia de vida de una profesora que trabajó en la década de 1980 en la Escuela Primaria de Porto Velho, Rondônia, y su proceso de construcción de identidad transexual. Se desarrolló un estudio biográfico a partir de la comprensión de la psicología social para contribuir a la constitución y afirmación de la identidad de género de los docentes y los impactos que potencian el entorno escolar con espacios de igualdad y humanización. El enfoque metodológico del estudio se basó en entrevistas filmadas con colaboradores: familiares, maestros, amigos de trabajo y ex alumnos que formaron parte de la historia del maestro. El estudio biográfico proporcionó nuevas reflexiones sobre el papel de la escuela y la práctica docente.

Palabras clave: Trayectoria. Enseñanza. Transexualidad. Identidad.

Introdução

O presente artigo trata de um estudo biográfico da professora Sandra Egly, nascida em Porto Velho, Rondônia, em 1958 e falecida em 2001 vítima de complicações cardíacas. A professora, que gostava de ser chamada de Sandrinha, vivenciou experiências na construção e afirmação da identidade transexual no início dos anos de 1980 e sua trajetória de vida foi marcada pelas constantes lutas por direito à igualdade, respeito e valorização ao exercício da docência.

A biografia da Professora Sandra Egly tem como objetivo contribuir na melhoria da atuação docente nos dias de hoje com perspectivas na potencialização de um ambiente escolar com espaços de igualdade e humanização entre estudantes e professores e na construção e afirmação de identidades, com narrativas “que ajudem a enfrentar os dilemas educativos atuais” (BUENO *et al.*, 1993, p. 301). O estudo propõe abordagens teóricas relativas a memória, aos processos tradicionais de formação docente e em especial a relação de gênero e as condições de trabalho feminino no magistério referendados por Bueno *et al.* (1993).

Considerando que a trajetória de vida da Professora Sandra deu-se em um período histórico de grande resistência, é importante destacar, que a discussão de gênero e identidade no ambiente escolar, que atualmente tem sido alvo de enfrentamentos políticos e religiosos, já foram articulados na década de 1980 com a participação de uma docente transexual e a aceitação da sociedade a partir das práticas pedagógicas marcadas pelo estreitamento das relações da escola e da comunidade. Possivelmente, a sociedade atual desconhece que os mecanismos de defesa e resistência utilizados aproximadamente 40 anos pela professora biografada ainda estão presentes no cotidiano escolar.

O embasamento teórico da pesquisa apresenta experiências na formação de professores com trajetória e história de vida contextualizadas como método de investigação científica e biográfica, conforme Bueno *et al.* (1993, 2006) e Souza (2007). Em se tratando de pesquisas qualitativas com trajetória e narrativas de gênero e docência, o estudo faz articulação a partir das abordagens de Born (2001) e Rios, Barros e Vieira (2017) contribuindo com os resultados de uma pesquisa realizada com professores homossexuais e suas narrativas (auto) biográficas.

A relação entre a trajetória de vida e a utilização de vídeos como pesquisa qualitativa, tem a intenção de apresentar informações subsidiadas pela observação indireta de elementos complexos da vida e dos acontecimentos que não podem ser apreendidos por meio da fala e da escrita. A coleta de dados e informações com o uso de vídeos e imagens ganhou visibilidade científica entre muitos pesquisadores por apresentar indicadores em estudos com ações humanas de difícil captação e descrição por um único observador.

No que se refere à abordagem metodológica, o estudo propõe articular as informações captadas pelas imagens e sons na perspectiva de promover a perpetuação das memórias como mecanismos de registro de conhecimentos e experiências.

Importante destacar que o estudo biográfico com a professora Sandra Egly analisa a trajetória de vida e construção de uma identidade transexual na década de 1980 sendo um período de invisibilidade de concepções e estudos do universo trans em produções acadêmicas (Franco e Cicillini, 2016). O questionamento da transexualidade antes do século XX revelou-se sem sentido pela inexistência de transexuais como sujeitos, consistindo somente como um “objeto inventado, como uma “espécie”, com diagnóstico e tratamento específicos, em meio a disputas de poder” (Santos, 2015, p. 635). Entretanto, este estudo foi elaborado através das narrativas e memórias de familiares, docentes e ex-

alunos constituindo um instrumento condutor para a efetivação de políticas públicas de afirmação de identidade e transfobia institucionalizada.

O estudo apresenta importante reflexão sobre o papel da escola e da prática docente para contribuir na construção e afirmação de identidade de estudantes e professores. A definição identitária de travestis e transexuais sofre discriminação em relação às dificuldades identitárias com base em categorias binárias de sexo, gênero e identidade principalmente em sociedades completamente direcionada às intersecções das categorias de identidade e orientação.

Trajetória de vida: a memória como referência

Os estudos com trajetória de vida para Born (2001), exploram as experiências pessoais e coletivas com registros de lembranças que ficaram esquecidos na memória de muitos. A memória traz as lembranças vivenciadas e que precisam ser resgatadas para a compreensão da própria história e a recriação de perspectivas para os mais novos.

Estes estudos ganham dimensão metodológica com a publicação de “o método (auto) biográfico e formação” (1988) e “vida de professores” (1992), reeditado em 1995, de autoria do Professor Antônio Nóvoa que aborda a trajetória dos estudos denominados de autobiográficos. Enquanto perspectiva epistemológica, os estudos de produção nacional cresceram significativamente a partir dos anos de 1990 contribuindo para compreender e aflorar o interesse por estudos sobre profissão, profissionalização e identidade docente. Entretanto, Souza (2007, p. 60) vincula o início do movimento biográfico no Brasil com a criação do Grupo de Estudos de Docência, Memória e Gênero (GEDOMGE), que agrupa professores e alunos da Faculdade de Educação da USP (FEUSP) desde a década de 1990 através de aproximações das memórias e trajetórias de professoras e as questões identitárias. Para o autor, o estudo biográfico traduz sentimentos, representações e significados individuais e a relação entre a memória, história e escola.

Os estudos de Bueno *et al.* (2013, 2006) e Souza (2007) expressam a promoção dos sentidos, as narrativas de professores e a história da educação, compreendidos como posicionamentos do substrato social da memória articulada com a cultura, a diversidade, a política, e os aspectos étnicos, históricos e culturais apresentados por Bosi (2003).

A trajetória de vida, segundo Born (2001, p. 243), pode ser “descrita como um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa” caracterizados pela frequência, duração e localização de acontecimentos ao longo da sua vida, sem que se

emita qualquer tipo de opinião. Os desafios metodológicos e os resultados empíricos na utilização de trajetória de vidas em pesquisas qualitativas associam-se ao reconhecimento dos processos necessários e relevantes para o entendimento e mudanças de tempo e espaço, sendo que o curso da vida é composto por informações sociodemográficas e estruturado em diferentes graus.

Para a autora, a pesquisa biográfica pode apresentar expressões de opinião, de motivos e planos para o futuro, assim como a percepção e interpretação do passado com intenção de reconstruírem realidades biográficas. Um estudo biográfico exige uma abordagem qualitativa como forma dos participantes relatarem as histórias e experiências individuais ou coletivas com base em detalhamento subjetivo (BORN, 2001).

O estudo de Rios, Barros e Vieira (2017), analisa as narrativas da história de vida, trajetória profissional, acadêmica e escolar de professores homossexuais e as nuances nas questões relacionadas ao exercício da docência e a sexualidade. Entretanto, este estudo parte do pressuposto de ordem de gênero e identidade sendo que a trajetória de vida da Professora Sandra Egly descreve a complexibilidade nas interpretações em que os indivíduos atribuem a suas experiências e ações identitárias e o entendimento em desvendar elementos que vão além dos acontecimentos da vida e dos processos de implicação das vivências subjetivas e identitárias.

As instituições e práticas sociais, para Louro (1997), são constituídas por gênero, classe e raças, contribuindo nos sujeitos a partir de suas representações. A Professora Sandra Egly promoveu na instituição escolar eventos socioculturais e folclóricos pautadas nas experiências vivenciadas no seu processo de construção da identidade profissional como dançarina, coreógrafa e artista nos espetáculos de circo.

O ensaio de Franco e Cicillini (2016), revela que publicações científicas relacionadas ao universo trans e educação são muito limitadas, encontrando poucos estudos que problematizam sobre os critérios de normalidade e anormalidade estabelecidas pelas instituições sociais em relação ao gênero e sexualidade. Durante o período de 2008 a 2014, a partir de uma perspectiva pós-crítica e de abordagem qualitativa, foram constatados somente vinte publicações. Neste sentido, os autores revelam que historicamente, o segmento de travestis, transexuais e transgêneros sempre foram os mais expostos as formas de vulnerabilidade e exclusão.

Método

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, que a partir do viés da psicologia social desenvolve um estudo biográfico tendo como referência a trajetória e história de vida da professora Sandra Egly.

Para analisar a interação, os sentimentos, as expressões e emoções dos participantes, a coleta das informações do estudo biográfico foi estruturada com o registro em vídeo das entrevistas que para Pinheiro, Kakehashi e Angelo (2005) podem adotar três possibilidades: o uso de filmes preexistentes (filmes, séries e documentários); o uso de vídeos produzidos e postados em plataformas de compartilhamento (como os tutoriais *YouTube*, *Instagram*, *Twitter*, *Vídeo* ou *Vigo Video*); e, vídeos produzidos pelo próprio pesquisador.

No estudo em questão, optou-se por produzir vídeos curtos, com duração de aproximadamente 15 a 20 minutos, com as entrevistas dos participantes. Entretanto, para a realização da entrevista com os membros da família da professora biografada, por se tratar de elementos marcados pela afetividade e por refutar lembranças da irmã falecida em 2001, a entrevista ultrapassou o tempo previsto no planejamento, sendo que a entrevista resultou em quatro vídeos. o primeiro com 28min a família abordou sobre a infância e a vida familiar da Professora Sandra, o segundo com 14 minutos e o terceiro com 7 minutos, os membros da família falaram sobre a vida profissional e os problemas de saúde que resultaram na morte da Professora Sandra. O quarto e último vídeo com a família teve a duração de 4 minutos e ficou destinado somente para os agradecimentos e ao reconhecimento da importância do trabalho biográfico.

A pesquisa com vídeos pode ser indicada em caso de estudos com contextos mais complexos sendo necessária a descrição das informações com observação minuciosa e maior concentração de clareza e credibilidade. Utilizou-se também um diário de campo para o registro de relatos e informações cedidas através de conversa informal, entrevistas e dados fornecidos por vizinhos, amigos e demais participantes não arrolados no estudo.

Participaram deste estudo os membros da família da Professora Sandra Egly em entrevista coletiva: a senhora Leonilce Barros, irmã da Sandra, que após o falecimento da mãe se dedicou a cuidar dos irmãos mais novos; a sobrinha Sirley Corsino; e o cunhado, o senhor Ademar Bicho de Souza, todos moradores da cidade de Candeias do Jamari, 24,7km distante de Porto Velho, Rondônia. Em seguida, foram realizadas 03 (três) entrevistas com funcionários da Escola Estadual de Ensino Fundamental “Maria

Carmosina Pinheiro”, sendo dois professores que atuaram com a professora Sandra e uma merendeira. O estudo também contou com a participação de 02 (dois) ex-alunos e a primeira diretora da escola em que atuou. Conforme informações dos membros da família, a diretora entrevistada foi a responsável pela indicação e contratação da professora biografada pelo ex-território Federal de Rondônia, em 1978.

O critério de inclusão e exclusão dos participantes foi definido a partir do levantamento de informações iniciais a respeito da história da vida da professora Sandra. Optou-se em excluir do estudo os membros da família que não residem mais em Rondônia. Quanto aos professores e amigos de trabalho, no período de 11 a 27 de junho de 2018, foram realizadas visitas diariamente na Escola Estadual Maria Carmosina Pinheiro em razão de ser a escola onde a professora estava lotada na época do seu falecimento e também onde atuou por mais tempo na docência. Os ex-alunos participantes da pesquisa foram indicados por membros da comunidade e por professores da escola.

Importante destacar, que durante as entrevistas, os participantes em alguns momentos se referem à Sandra usando os pronomes “ele, dele”. A pesquisa optou por não fazer registro do nome civil da professora Sandra, entendendo que não apresenta nenhuma contribuição ao estudo.

Em relação aos critérios éticos de pesquisa, todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando a divulgação dos nomes completo, lugares e endereços dos participantes do estudo que foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, através do Parecer Consubstanciado de nº. 2.462.019, em 06/11/2017. A SEDUC/RO, através do Ofício nº 6524/2018/SEDUC-NNTE, autorizou a realização da pesquisa no espaço escolar.

Resultados e discussão: biografia de uma docência e identidade transexual

Última filha de uma família de dez irmãos, a professora Sandra Egly nasceu em Porto Velho em 1958. Antes de completar 10 anos de idade, os pais foram morar no município de Guajará Mirim, distante de Porto Velho 348 km, que faz fronteira com a cidade boliviana de *Guayaramerín* na província de *Beni*, Bolívia.

Entre 17 e 18 anos de idade, Sandra voltou para Porto Velho à procura de trabalho. Seus pais eram muito rígidos e não aceitavam a identidade de gênero que começava a construir. Em Porto Velho foi morar com a irmã Leonilce Barros que já era casada e tinha

filhos pequenos e precisava de alguém para cuidar das crianças enquanto trabalhava. Como forma carinhosa a irmã inicialmente a chamava de “Sanda”, que era uma abreviatura do seu nome de batismo e que deu origem ao nome social Sandra Egly ou Sandrinha.

De acordo com entrevista cedida pela família da Professora Sandra no dia 09 de julho de 2018, a irmã Leonilce Barros disse: “Meu pai era muito severo, aí descobriu a vida dele. Eles moravam em Guajará, aí mandou ele pra cá e ele foi pra minha casa, dei todo apoio pra ele, botei ele dentro da minha casa”. (LEONILCE BARROS, 63 anos, irmã de Sandra).

Durante este período o ex-território Federal de Rondônia tinha uma escassez de profissionais com formação superior para a oferta de serviço público e para superar a demanda contratava professores denominados “leigos”. De acordo com Sousa e Morosini (2006, p. 26), somente em 1979 a 1981, que o Núcleo de Educação da Universidade Federal do Pará criou em Rondônia alguns subnúcleos de ensino oferecendo cursos em licenciatura curta e plena. O acesso foi muito limitado e a Professora Sandra não havia concluído as etapas anteriores para ingressar no Núcleo do Pará. Conforme entrevista cedida por Leonilce Barros, o início da carreira da professora Sandra não foi diferente de muitos docentes no final da década de 1970:

Quando ele foi ser professor, ele era leigo, só até a 5ª série. Quando eu adoecia, eu mandava ele no meu lugar. Eu morava na Rua Amazonas e trabalhava na escola Petrônio Barcelos. Ele foi a primeira vez e a minha diretora gostou muito. Ele inventava tudo. Tudo ele criava. Então através disso ele começou, até ele ir para o interior, lá pro Km 31 ou 35. Aí foi quando eu passei mal bastante, um dia e eu tive que ficar 15 dias em casa e pedi pra ele ir, eu fui e falei com minha diretora e falei pra ela deixar ele lá né? No meu lugar pras crianças não ficar voltando. E foi quando ela conseguiu um contrato pra ele. Foi a Yeda Borzacov, naquele tempo ela era diretora lá do Petrônio Barcelos. Aí ela foi e falou: minha filha, me dê os documentos dele. Eu vou conseguir um contrato pra ele. E a Sandra teve a sorte de entrar logo como efetivo. Eu não me lembro do ano, 1978 acho, mas não me lembro. (LEONILCE BARROS, 63 anos, irmã da Sandra).

Na entrevista com os membros da família, em alguns momentos a irmã bastante emocionada se referia a Sandra usando o pronome “ele, dele” e em outros usava os pronomes “ela, dela”, assim como “minha irmã” e “meu irmão”, embora o cunhado e a sobrinha somente usassem o nome “Sandra” e “Tia Sandrinha”. Para este comportamento dos membros da família, o estudo apresenta duas condições que as imagens revelaram. A primeira condição percebida foi a de insegurança dos membros em relação a apresentar informações para a pesquisa.

A Professora Yeda Borzacov, concedeu entrevista no dia 22 de agosto de 2018 em sua residência. Informou que em 1978 era diretora de uma escola chamada João XXIII e por questões políticas foi convocada para trabalhar como diretora na escola Governador Petrônio Barcelos. A escola fica localizada no bairro Nova Porto Velho próximo ao Trevo do Roque conhecida no passado como zona de baixo meretrício. Em entrevista, a Professora Yeda Borzacov disse que ao chegar à escola organizou um grupo de Boi-bumbá e de Quadrilhas Juninas para apresentação nos festivais folclóricos da época.

A escola ficava localizada em uma zona de baixo meretrício. Mas olha, eu nunca vi tanto respeito como naquela época. Nós organizamos reuniões com os pais e todos os pais participavam e se comportavam como verdadeiras damas. Inclusive, as famílias vinham e me ajudavam em tudo. Foi a escola que eu tive a maior participação de mães foi aquela, onde ficava rodeado de zona de meretrício. Eu nunca vi uma atitude, nada, nada que desabonasse a sua conduta. Depois dessa festa, mandaram me chamar na secretaria de educação e perguntaram se eu queria retornar para a Escola Normal onde eu havia sido diretora antes. Eu disse que se atendessem a duas exigências eu iria. Primeira, que me pagassem, pois nunca me pagavam e eu nem fazia questão, mas de propósito que eu não queria sair de lá. Segundo, que eu colocasse as pessoas quem eu indicasse para trabalhar. Eles ficaram calados e não falaram mais nada. E eu continuei na escola Petrônio Barcelos. (YEDA BORZACOV, Diretora da Escola Petrônio Barcelos em 1978).

O Estado de Rondônia somente foi elevado à categoria de Estado através da Lei Complementar nº. 041 de 22 de dezembro de 1981 e durante o período anterior os funcionários públicos eram contratados pela união. Em 1978 Sandra foi contratada como professora a partir da solicitação da Professora Yeda Pinheiro Borzacov, primeira diretora da Escola Governador Petrônio Barcelos.

No final da década de 1970, o bairro onde fica localizada a escola era reconhecido pela sociedade do então território federal de Rondônia com uma abordagem de exclusão e preconceito que talvez pela proximidade com o trevo do roque, local onde estava localizado boa parte dos bares, prostíbulos e casas de prostituição da cidade, o termo “zona de baixo meretrício” utilizado na entrevista pela historiadora Yeda Borzacov pode caracterizar a evidência de preconceito e discriminação tanto com os moradores do bairro como dos profissionais que trabalhavam na escola e os estudantes. As escolas localizadas no centro da cidade eram as mais requisitadas pelas famílias e em especial ao Instituto Maria Auxiliadora, que era destinado a educação de meninas e a formação de professoras, e o Colégio Dom Bosco que atendia somente aos meninos, sendo duas escolas administradas por religiosos salesianos. Estas duas escolas eram privadas e os estudantes eram considerados membros da classe média-alta da cidade.

Além destas duas escolas, o Instituto Estadual de Educação Carmela Dutra, que nesta época era chamado de Escola Normal, destacava-se por atender a formação de professores sendo administrado pelo poder público. No centro da cidade estavam as escolas Marechal Castelo Branco, o Grupo Escola Barão dos Solimões, Escola Getúlio Vargas e a Escola Duque de Caxias.

Após a contratação da Professora Sandra, segundo os membros da família a independência financeira contribuiu na construção da nova identidade que aos poucos foi se fazendo conhecida na escola. A Professora Sandra surge como uma profissional dedicada, séria e muito querida pelos alunos e demais colegas de trabalho. Inicialmente, Sandra foi trabalhar em uma escola na Linha 35 da BR. 364, zona rural, sentido Guajará-Mirim, RO. Segundo a irmã, “de repente minha irmã aparece em casa diferente. Mas muito feliz. Só sei que ele era muito dedicado, e aonde ele chegava todo mundo gostava muito dele. Tudo ele inventava e criava”. (LEONILCE BARROS, 63 anos, irmã de Sandra).

Conforme os membros da família e amigos, quando Sandra chegou em Porto Velho ela ficou encantada pelo circo. O acesso à cidade na época era muito difícil, as estradas não

eram asfaltadas e quando o circo chegava trazia poucos profissionais aproveitando os artistas locais para trabalhar como dançarinas, coreógrafas e assistentes de palco.

No circo, Sandra ensaiava as bailarinas e era responsável pelas fantasias e coreografia dos números artísticos. Durante o espetáculo, era anunciada a participação de uma mulher que cuspiu fogo pela boca, técnica denominada como pirofagia, um truque usado por circenses, artistas de palco e também nas ruas e a partir deste personagem, a Professora Sandra passou a ser conhecida como a “Mulher Vulcão”.

Os participantes do estudo apontam dois motivos que possivelmente tenham provocado o falecimento da Professora Sandra. Leonilce Barros conta que perdeu o contato com Sandra e quando foi a sua procura a encontrou adoentada, morando em um espaço muito pequeno, desconfortável e sozinha. Os amigos próximos diziam que Sandra estava com depressão em razão de problemas no relacionamento com o companheiro e que por este motivo passou a exagerar nas bebidas alcoólicas e não se alimentar direito. Mesmo com insistência da irmã, Sandra recusava ir ao hospital e segundo Leonilce Barros: “um dia eu cheguei em casa e recebi uma ligação de que ela tinha dado entrada no hospital. Quando eu cheguei lá ela tinha acabado de falecer”.

Outros informantes relatam que o motivo que contribuiu na morte de Sandra foi o contato com o líquido utilizado no circo para soltar fogo pela boca. Na entrevista com os membros da família, a Irmã Leonilce Barros disse: “eu acho que deve ter alguma coisa sim, você não viu aí nas fotos ela dançando e soltando fogo pela boca?” A sobrinha Sirley Corsino disse que o atestado de óbito notificava “morte por complicações cardíacas”, porém toda a documentação foi entregue para uma sobrinha dela que atualmente mora em Guajará-Mirim, Rondônia, pois precisava receber alguns direitos trabalhistas.

Nos três relatos abaixo, os participantes falam sobre as causas da morte da professora Sandra e a relação da família com a aceitação a construção da sua identidade de gênero. Nos trechos das entrevistas percebe-se que hora os participantes fazem uso dos pronomes no gênero masculino e em outros momentos fazem uso no feminino, porém quando os participantes se referem ao nome da irmã eles utilizam “Sandra” e os sobrinhos usam “tia Sandra”.

Eu só sei dizer que o motivo dela se jogar na bebida foi porque ele tava com ciúme do “gato” dele, dela. E aí ela entrou na cachaça direto. Aí é claro que vai morrer. Ela entrou sete dias direto na

cachaça e aí não queria morrer? Quem é que vai aguentar? Não aguentou né? Sem comer e sem beber. Só bebendo cachaça. (FRANCISCO BICHO DE SOUZA, 63 anos, Cunhado de Sandra)

Quando ele morreu, com sete dias, uma sobrinha minha trabalhava na CAPEMI e descobriu que ele tinha deixado 25 mil pra mim. Pra você vê como ele foi grato comigo né. Eu não esperava isso dele. Eu ajudei muito, muito ele, muito, muito, ele. Nas dificuldades dele, ele corria comigo e ele podia contar comigo. Eu nunca disse não. Daí com sete dias a minha sobrinha me falou: Tia, eu tenho uma surpresa pra senhora. A Tia Sandra deixou um seguro pra senhora no valor de 25 mil. Naquela época era muito dinheiro. Daí eu comprei meu primeiro carro. Um carro zerado pra mim na época. Um dia ele ligou para mim, lá do interior. Eu estava precisando de uma peça para o meu carro. Aí eu falei para ele: Sandra, meu carro tá no prego, mana, tu tá folgado aí? Tô precisando de uma peça. Manda um dinheiro pra mim. Aí ele me disse: Tá bom! Me manda o número da tua conta, tudinho, tudinho, que eu vou depositar. Aí ele não depositou. Eu fiquei com tanta raiva dela. Com muita raiva. Aí depois quando eu fui vê que ele deixou esse dinheiro pra mim, eu pensei: Olha ele não me deu uma peça. Ela me deu um carro novo. Então eu agradeço. (LEONILCE BARROS, 66 anos, irmã da Sandra).

Quando ele chegava lá. Ele dizia: teu pai tá aí? Ele tinha medo do papai. Daí eu. “Bença” tio? Ele virava e dizia. Como é que é? Eu sou a Tia Sandrinha. Já falei, Tia Sandrinha. Aí a meninada corria pra pedir a “bença” da Tia Sandrinha. Ela ensinava a gente a dançar e tudo. Era muito divertida. Mas quando o papai apontava de chegar em casa ela sumia. Passava um tempão sem aparecer. (SIRLEY CORSINO, 55 anos, sobrinha da Sandra).

Contratada como professora aos 20 anos de idade, foi na docência que Sandra encontrou as bases para a construção da sua própria identidade. Durante este processo a docente estabeleceu relações entre o envolvimento profissional baseado no comprometimento ao exercício do magistério com as práticas pedagógicas que envolviam aproximações entre a família e a escola, a valorização da cultura local, incentivando os alunos a prosseguir os estudos e a preocupação com o reconhecimento identitário.

Santana (2016) esclarece que por falta de conhecimento ou pelo medo, a presença de professores e alunas travestis nas escolas consiste uma prática relativa a um “pacto de silêncio” em razão do que a sociedade considera como norma lógica binária de homem/mulher. O que prevalece é a imposição de padrões e ideologias de homogeneização e dominação social que levam pessoas travestis e transexuais a serem excluídas de seus direitos. O estudo de Santana (2016) selecionou artigos entre 2011 a 2015 com a temática sobre a presença de travestis nas escolas e somente encontrou currículos e práticas escolares com padrões heteronormativo e ausentes de discussões políticas para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais - LGBT. Entretanto, a presença de uma professora “trans” na década de 1980 nas escolas públicas de Porto Velho considera-se um movimento de ocupação de espaços considerados distantes do imaginário social criado por discursos preconceituosos e discriminatórios sobre a identidade de gênero.

Conforme Spink e Menegon (2004, p. 64), processo de “interanimação dialógica” promoveu nos participantes um confronto que orienta a produção de sentidos quanto a importância da trajetória e história de vida e a afirmação de identidade. Em vários momentos, os membros da família refletiam sobre “como tia Sandrinha foi corajosa viu? Ela na realidade foi uma vencedora. Se não fosse ela, muitas não estavam aí”. (SIRLEY CORSINO, 55 anos, sobrinha da Sandra). Essas implicações exigem reflexões éticas entre o pesquisador e os participantes para efetivação de “parâmetros de vigor e validade” a partir da contribuição dos vídeos nas entrevistas.

A Professora Yeda Borzacov, durante a gravação do vídeo da entrevista, lembrou de fatos importantes quanto à afirmação da identidade da Professora Sandra. Disse que Sandra chegou próximo a ela e dizendo que queria revelar um segredo muito pessoal: “Professora, eu sou uma mulher hermafrodita”. Durante a entrevista a professora Yeda Borzacov pausou a fala, fixou o olhar em um passado e buscando detalhes sobre a conversa com Sandra e continuou: “Você quer ajuda? Eu vou te ajudar. Eu vou falar com meu pai

que é médico. Só tinha um hospital naquela época que era o hospital São José. Falei pra papai, e dei todo detalhe. E ele disse: traz ele aqui”. (YEDA BORZACOV, Diretora da Escola Petrônio Barcelos em 1978).

A trajetória de vida da Professora Sandra passou pelos mesmos modelos de discriminação que insistem em se repetir, mesmo passados quase 40 anos. Possivelmente, Sandra acreditava que a constatação de um hermafroditismo, poderia ter sido uma saída para os problemas enfrentados na afirmação de identidade transexual em uma época onde nenhum estudo ou recurso poderia ser usado a seu favor. Este comportamento resulta na imposição de padrões de conduta da sociedade heteronormatizante e a transfobia institucional que insiste em excluir e retirar os direitos LGBT e a valorização das diferentes formas de orientação sexual e identidade de gênero.

Trajetória de vida profissional: relato de professores e ex-alunos

Optou-se por realizar entrevista com dois professores que trabalhavam na Escola Maria Carmosina Pinheiro juntamente com a Professora Sandra, e que inclusive ainda estão lotados na mesma escola e uma merendeira que além de trabalhar há mais de 27 anos na escola era muito próxima à professora. Os dois ex-alunos participantes foram indicados pelos professores e amigos.

Os demais professores e funcionários se prontificaram a participar do estudo pela aproximação e amizade. Entretanto, foram realizadas entrevistas em vídeos somente com pessoas ligadas as práticas docentes descartando participantes de fora do convívio escolar. Porém, estes relatos foram ouvidos e as informações registradas em um diário de campo.

Os professores e funcionários mais antigos da escola foram os responsáveis em reproduzir as histórias e perpetuar as práticas da professora Sandra. Os funcionários da escola relataram a preocupação que Sandra tinha com os estudantes que não aprendiam e com os que vinham para a escola com roupas sujas e descuidadas. Os ex-alunos relembram que ela era exigente com a organização dos cadernos e que “todas as mesas tinham uma toalhinha. Ela mandava trazer uma toalha pra cobrir a mesa e cada uma de nós tinha uma latinha pra colocar os lápis de cor”. (LAURI MIRANDA, 32 anos, ex-aluna da Professora Sandra).

Lauri Miranda, durante a entrevista disse que quando criança morava com a avó materna e estudou na Escola Maria Carmosina na Zona Leste com a professora Sandra. Lembra que a avó sempre dizia: “o teu professor vai reclamar porque tua unha tá grande.

Aí eu dizia: a Tia Sandra vovó, a minha professora”. O ex-aluno Josias Gonçalves, ao ser entrevistado se refere a Professora pelo nome civil. Disse que foi aluno na terceira série primária em 1986 quando tinha entre 12 a 13 anos de idade. Segundo o aluno entrevistado, a professora incluía nas aulas atividades relacionadas ao folclore, as danças e a cultura regional fazendo de tudo para que os alunos não abandonassem a escola. O ex-aluno acredita que este foi o ponto forte para que os pais e responsáveis pelos estudantes aceitassem sem restrição a presença de uma professora transexual na escola. “Eu aprendi a valorizar esta inclusão dos diferentes na escola, a valorizar as questões regionais de Porto Velho, amar a pátria, a família, amar aquilo que faz. Ele tinha este poder de mobilizar a escola”. (JOSIAS GONÇALVES DE JESUS, 42 anos, Ex-aluno da Professora Sandra).

Os dois ex-alunos entrevistados afirmaram que a Professora Sandra era muito divertida e carinhosa com as crianças. Além de organizar as quadrilhas e festivais de dança na escola sua prática docente também obedecia aos ideais construídos na década de 1980. Naquela época os alunos cantavam os hinos cívicos com hasteamento de bandeira diariamente antes das aulas, passavam por sabatinas e testes de leitura e operações matemáticas. Possivelmente foram estes posicionamentos metodológicos e o incentivo ao esporte e a cultura que garantiram a aceitação da sua identidade transexual pela sociedade atual.

Eu fui esportista porque ele incentivou, eu gosto de danças porque ele incentivou, fui professor porque ele incentivou. Então ele foi muito importante para minha vida e para os demais. Ele tinha muita rigidez como eu já falei, mas ele era muito do povo, de conversar. E ele se vestia como mulher na sala de aula. Ele tinha o cabelinho até os ombros. Ele tinha respeito, ele se vestia de mulher para dá aula mais ele queria respeito. (JOSIAS GONÇALVES DE JESUS, 42 anos, Ex-aluno da Professora Sandra).

O relato dos ex-alunos em relação ao carinho da Professora Sandra pelas crianças, também foi evidenciado na fala da merendeira da escola, que conheceu a Professora Sandra desde 1991. Maria Dora Calixto esclarece que nunca existiu nenhum tipo de preconceito ou discriminação e que o seu comportamento era pautado no respeito:

Ele era uma pessoa maravilhosa aqui. Todo mundo gostava dele. Ele era bem tratado aqui. Não era discriminado. Ninguém se desfazia dele aqui não. Ele falava que tava vindo do interior onde ele dava aula. Aqui ele era conhecido como professora. Mas ele fazia um trabalho muito bem feito. Ele tinha muito carinho pelos alunos. E foi rapidinho assim a morte dele. Foi questão assim de uma semana. (MARIA DORA CALIXTO, 59 anos, trabalha como Merendeira na escola desde julho/1991).

De acordo com as entrevistas com os professores e funcionários da escola, a Professora Sandra nunca foi vítima de algum tipo de preconceito ou discriminação, embora na entrevista com os membros da família a irmã Leonilce Barros disse que “vez por outra ela era chamada lá na Delegacia de Ensino, aí queria trocar ela de escola, mas ela não aceitava”. Este fato reforça uma escola de dominação masculina, embasada em traços religiosos e com ranços da colonização que permanecem arraigados nos currículos e na prática escolar. (LOURO, 1997, p. 94). Os professores participantes da pesquisa ainda estão lotados na mesma escola em que a Professora Sandra trabalhou e segundo eles:

Trabalho na escola Maria Carmosina desde 1993. Conheci a professora finada Sandra, e ela era uma pessoa muito competente. Tinha muitas habilidades. Um ser maravilhoso. Não é porque ela faleceu que eu estou falando isso. É pela competência que ela tinha como ser humano. Ela trabalhava no circo e fazia algumas apresentações na escola. E incentivava os alunos com várias dinâmicas. Sua capacidade era muito além do que ela podia. (RAIMUNDO PEREIRA NUNES, 49 anos, Professor de História na Escola).

Eu conheci ela trabalhando na escola Flora Calheiros. Pra mim, ela sempre foi um bom professor. Depois eu conheci ela como minha supervisora. Ela me ajudou muito. Quando a gente não tinha ideia pra fazer ela dava a ideia. Ela era muito criativa. Por isso que a

gente procurava sempre ele. (IRACI BRAGADO, 58 anos, Professora dos anos iniciais).

Percebe-se na prática da Sandra como professora, o envolvimento com as atividades culturais que a escola promove como forma de aproximação com a comunidade. Um dos fatores que contribuem para a aceitação de uma professora que conforme o ex-aluno Josias Gonçalves diz, “vestia de mulher pra dá aula mais ele queria respeito. Ele respeitava e queria respeito como professor e como pessoa”, considera-se a relação que esta profissional fazia com a família e com os valores locais, que com base na fala do ex-aluno estes valores eram cercados de machismo.

Em relação a estas aproximações, dois estudos de Louro (1997; 2012) são considerados importantes para promover a contextualização às práticas pedagógicas de uma escola que tem a natureza machista e predominantemente religiosa com uma escola que vivencia a experiência de afirmação de identidade transexual de uma professora na década de 1980 em Rondônia.

No estudo denominado Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista, Louro (1997) aborda justamente as aproximações da docência com as histórias familiares e nas tendências femininas de teorias, normas, legislação e estrutura. Neste sentido, a escola revela procedência de identidade feminina que é percebido principalmente pelo entendimento de quem está fora dela. Entretanto, nos aspectos de poder e política a escola tem dominação estruturalmente masculina, cristã e heteronormativa.

Ao mesmo tempo em que o estudo aponta os aspectos de feminização da escola, o texto também faz referência à imagem do mestre exemplar representado por um homem religioso com o objetivo de conquistar as “almas infantis” e uma docência baseada nos modelos de sacerdócio, regido por doação, paternidade e pobreza.

Em outro estudo, Louro (2012) estabelece relações contemporâneas para promover articulações, tensões e resistências no reconhecimento de novas estratégias e políticas com questionamento considerado perturbadores e contraditórios as práticas históricas da educação brasileira. Estas articulações são movimento contínuo para quebrar paradigmas preconceituosos e discriminatórios.

Considerações finais

O estudo biográfico da Professora Sandra Egly foi realizado a partir de três situações muito próximas de quem desenvolve trabalhos com história oral: a trajetória, a história e a memória. Neste sentido, a ideia de promover articulações entre estes itens tem a intenção de compreender a importância da utilização das entrevistas em vídeos para facilitar a interpretação de resultados qualitativos acrescidos às contribuições e percepções das experiências individuais no viés da psicologia social.

A trajetória de vida da professora biografada considera-se um estudo de grande contribuição para a perpetuação da memória de professores e suas condições de trabalho durante a década de 1980 no Estado de Rondônia. É relevante destacar os desdobramentos em atuar em um bairro considerado “zona de baixo meretrício”, relatado pela Professora Yeda Borzacov, e os resultados exitosos no trabalho com a comunidade escolar considerando o respeito e a valorização dos pais, alunos e demais professores tratando de uma professora que vivenciava a experiência da afirmação e construção da identidade transexual.

O estudo propõe uma relação participativa entre pesquisador e participantes e possibilitou durante as entrevistas momentos de reflexão sobre a prática da Professora Sandra quanto a garantia de espaços de igualdade, humanização e aproximações entre a família e a escola com base no respeito ao próximo e a aceitação das diferenças.

Como os resultados apontam, desenvolvendo atividades culturais e folclóricas, a Professora Sandra fazia com que os alunos olhassem a escola como um ambiente acolhedor e de aproximação. Ao mesmo tempo suas práticas despertavam a valorização da cultura local e as relações entre família e escola, mesmo com os enfrentamentos que a década de 1980 vivenciava através dos empasses políticos e sociais.

O método de entrevistas em vídeos em pesquisa qualitativa, além da preocupação com o preparo técnico, ético e metodológico, possibilitou que os participantes expressassem comportamentos que a linguagem falada ou escrita não consegue expressar, possibilitando aos pesquisadores a oportunidade de rever inúmeras vezes o momento em que as informações foram geradas contribuindo pelos elementos gestuais e as expressões de sentimento e saudade. Todavia, na memória da Professora Yeda Borzacov reside um rapaz de “estatura mediana”, que por se preocupar com as retaliações da sociedade machista e preconceituosa da década de 1980 com o seu direito de usar roupas femininas, usou como mecanismo de defesa pensou que ser reconhecido como uma pessoa hermafrodita poderia ser menos doloroso do que persistir na luta pela afirmação de sua identidade transexual.

Na memória da família, além da imagem da Tia Sandrinha, vive também o irmão que prometeu emprestar um dinheiro para comprar uma “peça de um carro velho” e que com o seu falecimento proporcionou a compra de um “carro zero” com o dinheiro da Capemisa Seguros deixado para a irmã como herança.

Em relação às contribuições na afirmação e construção da identidade de gênero de estudantes e professores, é importante ressaltar que os instrumentos de resistência utilizados pela Professora Sandra Egly para sobreviver na década de 1980 ao conservadorismo e o tradicionalismo servem de pressupostos estratégicos os enfrentamentos das escolas de hoje com cenários e embates políticos marcados por fundamentalismo religioso.

Os professores e ex-alunos trazem na memória os momentos em que Sandra levava o circo para dentro da escola, sendo que os artistas e bailarinos eram os próprios alunos. As práticas que estavam além dos muros da escola, a valorização da cultura local e a aproximação entre a família e a comunidade através das festas folclóricas, quadrilhas e boi-bumbá foram às marcas da professora transexual.

Entende-se que a escola é o espaço principal de garantia de direitos sociais e políticos e a afirmação da identidade é fundamental para o exercício de uma prática saudável de aprendizagem considerando o respeito e a valorização das diferenças como elemento principal neste processo. Para Bosi (2003, p. 113) é o “gesso do estereótipo que perpetua as lembranças”, e isto permaneceu na memória dos participantes deste estudo através das boas práticas pedagógicas e dinâmicas na sala de aula, inserindo arte circense e cultura local nos programas e festividades da escola. Com estas atividades a Professora Sandra promovia a estes expectadores a transmissão de valores, conteúdos, atitudes e constituintes da cultura.

A trajetória de vida da professora Sandra Egly representa atualmente a história de estudantes que foram colocadas para fora da escola por não se adaptarem aos padrões e regras criadas com base na normatização da heterossexualidade e da desconstrução das políticas de gênero atribuídas por grupos conservadores. Toda vez que uma travesti ou uma transexual é expulsa da escola e dos meios de profissionalização, ela se torna vulnerável e vítima da desqualificação mínima exigida pelo mercado de trabalho formal e de todas as formas de violência e exclusão. Neste sentido, a “exclusão escolar atribuiu a esses indivíduos um único tipo de inserção, isto é, a prostituição” (SANTOS, 2015, p. 632). A escola que não abre as portas para alunas travestis e transexuais possibilita a negação de

direitos fundamentais sendo responsáveis pela inexistência de profissionais com formação superior com identidade de gênero transexual.

Mesmo Sandra sendo professora leiga, atualmente, a sua postura e o comprometimento com a educação como foi abordado pelos seus familiares, professores, diretores e ex-alunos, consiste em uma trajetória de sucesso e de perpetuação de uma memória que fez da prática docente a construção de sua identidade, resistindo à discriminação e o preconceito da sociedade na década de 1980 até o seu falecimento em 2001.

Referências

BORN, Claudia. Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 240-265, jan/jun. 2001. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/5736/3326>. Acesso em: 05 fev. 2018.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. **Lei complementar nº. 41, de 22 de dezembro de 1981**. Cria o Estado de Rondônia e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, Seção 01, 1981, p. 24549. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/leicom/1980-1987/leicomplementar-41-22-dezembro-1981-363034-norma-pl.html>. Acesso em: 5 set. 2018.

BUENO, Belmira Oliveira *et al.* Docência, memória e gênero: estudos alternativos sobre a formação de professores. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 299-318, jan. 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-51771993000100014>. Acesso em: 05 mar. 2018.

BUENO, Belmira Oliveira *et al.* Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 385-410, mai/ago. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022006000200013>. Acesso em: 15 fev. 2018.

FRANCO, Neil; CICILLINI, Graça Aparecida. Travestis, transexuais e transgêneros na escola: um estado da arte. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 23, n. 2, p. 122-137, mai/ago 2016. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/5349>. Acesso em: 15 jul. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Os Estudos *Queer* e a Educação no Brasil: articulações, tensões, resistências. **Revista Contemporânea**, São Carlos, v. 2, n. 2, p. 363-369, jul/dez. 2012. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/87/52>. Acesso em: 11 abr. 2018.

PINHEIRO, Eliana Moreira; KAKEHASHI, Tereza Yoshiko; ANGELO, Margareth. O uso de filmagem em pesquisas qualitativas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 13, n. 5, p. 717-722, set/out. 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692005000500016>. Acesso em: 15 jan. 2018.

RIOS, Pedro Paulo Souza; BARROS, Edonilce Rocha; VIEIRA, André Ricardo Lucas. Narrativas de vida e formação de professores gays: (auto) biográficas acerca do estranho que habita em mim. **Revista do Centro de Educação**, Santa Maria, v. 42, n. 1, p. 227-239, jan/abr. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1984644424915>. Acesso em: 15 jan. 2018.

SANTANA, Ana Larissa Alencar. A vivência dos travestis em escolas e no ensino superior brasileiro: uma análise bibliográfica do período 2011-2015. **Revista Científica FAGOC**, Ubá, v. 1, n. 1, p. 99-111, jan. 2016. Disponível em: <http://revista.fagoc.br/index.php/multidisciplinar/article/view/105/85>. Acesso em: 18 fev. 2018.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos. A biopolítica educacional e o governo de corpos transexuais e travestis. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 45, n.157, p. 630-651, jul/set. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/198053142970>. Acesso em: 18 fev. 2018.

SOUSA, Andréia da Silva Quintanilha; MOROSINI, Marília Costa. Educação superior em Rondônia: 1991-2004. In: INEP. **Educação Superior Brasileira: 1991-2004**. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006. P. 22-62. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484109/Educa%C3%A7%C3%A3o+Superior+Brasileira+1991-2004+Rond%C3%B4nia/83e740b7-ed65-4aed-9394-722c9639dc29?version=1.0>. Acesso em: 18 mar. 2018.

SOUZA, Elizeu Clementino. (Auto) biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tania Maria (Orgs.). **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007.

SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera Mincoff. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In: SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2004.

7 FOTOS DA PROFESSORA SANDRA⁷



Figura 7. Professora Sandra na Escola E.E.F.M. Petrônio Barcelos, Porto Velho, Rondônia.

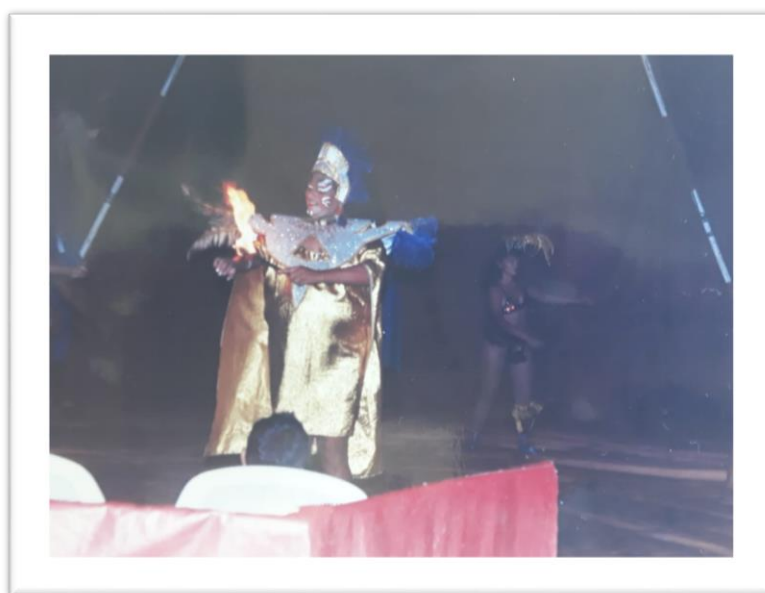


Figura 8. Sandra Egly se apresentando no circo 1

⁷ As fotos foram cedidas pela família no dia da entrevista pelas senhoras Leonilce Barros e Sirley Corsino.

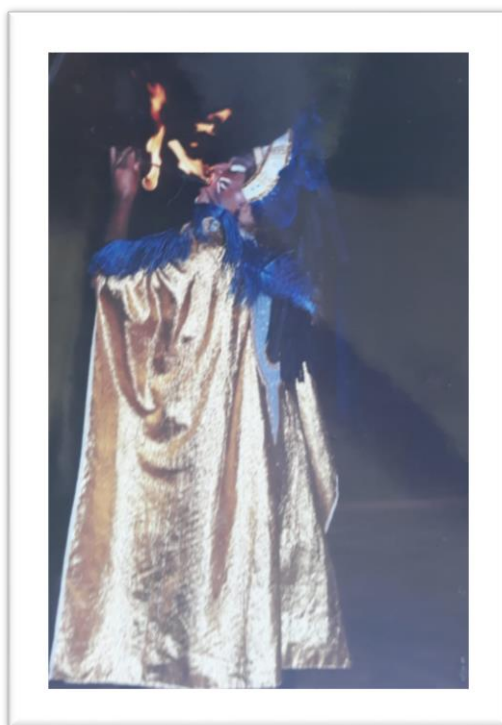


Figura 9. Sandra Egly se apresentando no circo 2

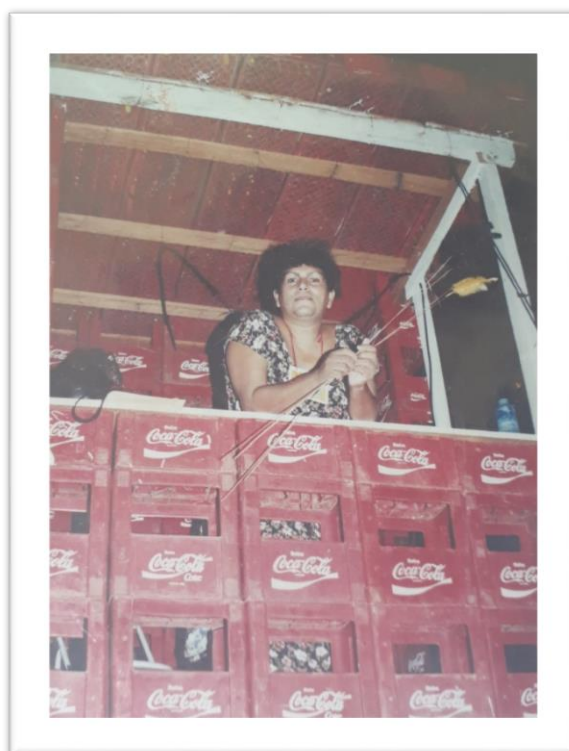


Figura 10. Professora Sandra participando do Festival Folclórico Flor do Maracujá, Porto Velho, Rondônia.



Figura 11. Sandra Egly se apresentando no circo 3

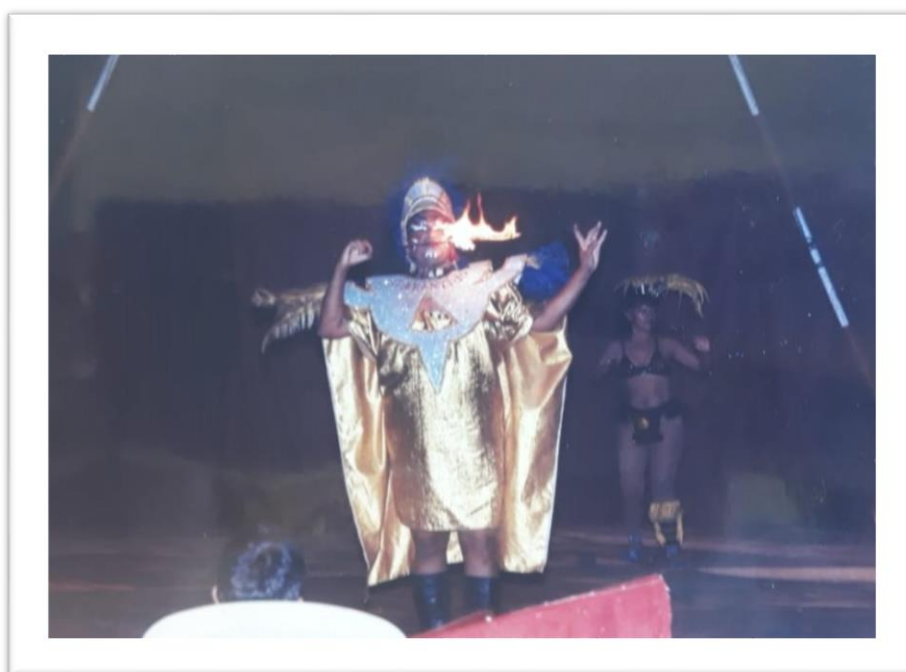


Figura 12. Sandra Egly se apresentando no circo 4

8 ESTUDO 2: CONTEXTO ESCOLAR E DOCÊNCIA TRANS EM RONDÔNIA: TRAJETÓRIA, DESAFIOS E PERSPECTIVAS⁸

CONTEXTO ESCOLAR E DOCÊNCIA TRANS EM RONDÔNIA: TRAJETÓRIA, DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Kary Jean Falcão⁹

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS
Porto Velho, Rondônia, Brasil

E-mail: karyfalcao@yahoo.com.br

Orcid: orcid.org/0000-0001-5684-8906

Angelo Brandelli Costa¹⁰

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

E-mail: angelo.costa@puc.br

Orcid: orcid.org/0000-0002-0742-8152

Marlene Neves Strey¹¹

Universidade FEEVALE/Rio Grande do Sul – RS
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

E-mail: nevesstrey@gmail.com

Orcid: orcid.org/0000-0003-3030-5668

Resumo: O estudo é de abordagem qualitativa e busca apresentar, a partir o viés da psicologia social, os desafios e perspectivas de cinco professoras travestis e transexuais que atuam na Educação Básica em escolas públicas do Estado de Rondônia. O artigo apresenta a trajetória de vida escolar e profissional fazendo uma conexão entre a construção da identidade transexual, a profissão docente, os desafios, experiências e perspectivas no exercício do magistério. Os dados se sustentam em pressupostos metodológicos da análise temática utilizada a partir do levantamento de informações com a realização de um encontro focal e de entrevistas individuais tendo a utilização de vídeos

⁸ Estudo aceito para publicação no dia 29 de agosto de 2019 pela Revista Labirinto: Revista do Centro Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa do Imaginário Social e do Mestrado em História e Estudos Culturais da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). O texto obedece às normas metodológicas de publicação da revista. Carta de aceite no Apêndice A.

⁹ Doutorando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS. Mestre em Ciência da Linguagem e Pedagogo pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Membro do Grupo de Pesquisa Preconceito, Vulnerabilidade e Processos Psicossociais – PUCRS.

¹⁰ Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS e com estágio pós-doutoral no PPGPSICO/UFRGS. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e coordenador do Grupo de Pesquisa Preconceito, Vulnerabilidade e Processos Psicossociais, PVPP/PUCRS.

¹¹ Doutora em Psicologia pela Universidad Autónoma de Madrid (1994), Pós-doutorado pela Universitat de Barcelona (2004) e Pós-doutorado pela Universitat de Barcelona (2016). Pesquisadora do Coletivo Feminino Plural. Endereço: Av. Senador Salgado Filho, 28, Centro Histórico, 90.010-220, Porto Alegre, RS, Brasil. Telefones: (51) 3221-5298 e (51) 99880-6070.

como técnica de coleta de dados. Os resultados mostram que são preponderantes os desafios na trajetória de vida escolar e profissional das participantes delineados na escolha do magistério como profissão, as perspectivas quanto aos direitos de igualdade de gênero e a valorização das diferenças em uma sociedade mais justa, democrática e tolerante.

Palavras-chave: Trajetória escolar. Docência. Transexualidade. Identidade de gênero.

Abstract: The study is a qualitative approach and seeks to present, from the bias of social psychology, the challenges and perspectives of five transvestite and transsexual teachers who work in Basic Education in public schools in the State of Rondônia. The article presents the trajectory of school and professional life making a connection between the construction of the transsexual identity, the teaching profession, the challenger, experiences and perspectives in the exercise of teaching. The data are based on methodological assumptions used from the information gathering with the accomplishment of a focal encounter and of individual interviews having the use of videos as technique of data collection technique. The results showed that at preponderant the challenges in the school and professional life trajectory of the participants outlined in the choice of teaching as a profession, the perspectives on gender equality rights and the appreciation of differences in a fairer, democratic and tolerant society.

Keywords: School trajectory. Teaching. Transsexuality. Gender identity.

Resumen: El estudio tiene un enfoque cualitativo y busca presentar, desde la perspectiva de la psicología social, los desafíos y las perspectivas de cinco profesoras travestis y transexuales que trabajan en Educación Básica en escuelas públicas del Estado de Rondônia. El artículo presenta la trayectoria de la vida escolar y profesional haciendo una conexión entre la construcción de la identidad transexual, la profesión docente, los desafíos experiencias y perspectivas en el ejercicio de la enseñanza. Los datos se basan en supuestos metodológicos del análisis temático utilizado a partir de la recopilación de información con la realización de una reunión focal y entrevistas individuales utilizando videos como técnica de recopilación de datos. Los resultados muestran que son preponderantes los desafíos en la trayectoria de la vida escolar y profesional de los participantes descritos en la elección de la enseñanza como profesión, las perspectivas sobre los derechos de igualdad de género y la apreciación de las diferencias en una sociedad más justa, democrática y tolerante.

Palabras clave: Trayectoria escolar. Enseñanza. Transexualidad. Identidad de género.

INTRODUÇÃO

A escola foi caracterizada historicamente como um espaço de consistência da lógica binária de gênero e de sexualidade atribuída pelos padrões e conceitos normativos estabelecidos historicamente, com base em uma sociedade cisheterossexual que nunca permitiu a possibilidade de novos corpos diferentes dos padrões hegemônicos.

A presença de estudantes travestis e transexuais nas escolas revela um avanço nos processos de conquista de direitos, sendo que os critérios de acesso à escolarização precisam ser associados à permanência e à garantia de reconhecimento da identidade de gênero como forma de exercício da cidadania. A matrícula de estudantes LGBT não deve

estar associada à proibição de manifestação de sua livre orientação sexual. No caso das estudantes travestis e transexuais, o viés curricular heteronormativo não deveria estabelecer regras e normatizações impeditivas da afirmação de sua identidade de gênero.

Neste sentido, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que travestis e transexuais têm o direito de alterar o nome social no registro civil, assim como o Ministério da Educação (MEC) também autoriza o uso do nome social nos registros escolares de toda a educação básica. Para Souza, Honorato, Coelho e Ferreira (2019), estas professoras caracterizam mudanças no equilíbrio de poder na escola onde o contexto de heteronormatividade estabelece relações entre os sujeitos, deixando de lado o direito de travestis e transexuais tais como: o uso do nome social, externalização de comportamentos femininos, uso do banheiro de acordo com a identidade de gênero.

Quando a escola coloca estudantes em situação de abandono, promovendo a violação dos seus direitos, ela se torna responsável na reprodução de uma política que contribui com o despreparo profissional, levando não só a desqualificação para o mercado de trabalho como também a vulnerabilidade de trabalhos com reconhecimento financeiro inferior, informal e a mão de obra barata. Entretanto, essa situação ganha outros agravantes quando se trata de estudantes travestis e transexuais que são colocados fora das escolas, pois, além de toda a situação de despreparo profissional e invisibilidade social, estas estudantes são conduzidas para as ruas, trabalhando na prostituição ficando a mercê da violência e todas as demais formas de preconceito e discriminação.

Para Sales, Souza e Peres (2017, p. 71) a escola utiliza-se de “posicionamentos ético/político/estéticos que rebatem certas produções e discursos que marginalizam algumas vidas, abrindo precedentes compromissados” como legitimação da verdade àqueles que já estabeleceram os seus ideais como encargo verdadeiro.

Conforme Franco e Cicillini (2015), no ano de 2010 um grupo de professoras travestis e transexuais propuseram a implementação de um grupo de trabalho no XVII Encontro Nacional de Travestis e Transexuais que Trabalham com AIDS (ENTLAIDS) com o objetivo de dirigir espaços de discussão e criação de políticas de direito a pessoas transexuais voltadas à educação, criando a Rede TransEduc Brasil com o objetivo de instrumentalizar a expressão da luta pela garantia dos direitos humanos e cidadania plena de Travestis e Transexuais. Com isso, os autores admitem que houve no Brasil uma possibilidade de ampliação da educação básica mediante carta de intenções ancorada nos princípios da inclusão social com a intenção de inserir “temáticas específicas sobre a

exclusão de pessoas transexuais, travestis e transgêneros nas escolas brasileiras” (FRANCO; CICILLINI, 2015, p. 326).

De acordo com Santana (2016, p. 102), os currículos e programas escolares são formados com padrões da normalidade da heterossexualidade, caracterizando ausência nos processos educacionais de discussão das outras possibilidades de expressão da sexualidade, podendo “transformar a escola em um ambiente hostil, com consequências físicas, emocionais para o desenvolvimento de pessoas LGBT”. Para a autora, o bullying, o assédio, tanto físico como verbal, levam estudantes travestis e transexuais a abandonarem as escolas ocasionando inclusive a “vulnerabilidade quanto ao uso de drogas e até mesmo ao suicídio” e a escola acaba se tornando mais um instrumento que ratifica os modelos de exclusão com ações violentas, justificadas pela imaturidade profissional e na ausência de gestão educacional com ações afirmativas na garantia de um espaço educativo voltado para a valorização da afirmação da identidade de gênero.

Com isso, a escola enquanto instituição de ensino, além de reproduzir as práticas discriminatórias está, segundo Junqueira (2014, p. 176) “fortemente empenhada em reafirmar e garantir processos obrigatórios de heterossexualização e incorporação de normas de gênero, colocando sob vigilância os órgãos de todos”. Nesse processo, a identidade de gênero vai ficando cada vez mais exposta ao silenciamento, à invisibilidade e à exclusão de direitos, implicando o processo de reconhecimento da existência de estudantes travestis e transexuais em sua existência social.

Este artigo justifica-se pela produção de histórias mediadas através da construção e afirmação da identidade de gênero de professoras travestis e transexuais e os desafios enfrentados para a conclusão dos seus estudos até chegar a prática docente. A importância do estudo está relacionada à valorização da trajetória de vida relacionada às condições históricas que proporcionaram a escolha da docência como profissão, assim como os desafios e expectativas por meio das suas experiências como travestis e transexuais. Estas narrativas são essenciais ao discurso em razão de poderem, segundo Jovchelivitch e Bauer (2017), ser (re)contadas e (re)inventadas.

Mesmo sendo associadas aos grupos de homossexuais até o ano de 1960, segundo Seffner e Reidel (2015), a luta pela identidade contribuiu para a formação de movimentos específicos da categoria, trazendo visibilidade às singularidades de travestis e transexuais que os distinguem dos demais grupos. Andrade (2012, p. 119) considera que diante de um espaço majoritariamente heterossexual, os grupos minoritários findam promovendo

choques culturais que necessitam estabelecer “táticas de sobrevivência e sociabilidade”, sendo que a escola utiliza destes requisitos para transformar os diferentes em iguais e os supostos iguais em desiguais.

Neste sentido, o estudo traz como referência as experiências apresentadas por Gomes de Oliveira (2017) com argumentos que oferecem abordagem acessível e teoricamente flexível para o entendimento e análise dos dados qualitativos fornecidos pelo encontro focal e as entrevistas narrativas onde a presença de travestis e transexuais na escola e nos demais meios de representatividade era considerada a “certeza de uma existência restrita às beiradas” (GOMES DE OLIVEIRA, 2017, p. 154).

O estudo também faz uma conexão com os caminhos e obstáculos percorridos por professoras trans apresentadas no estudo de Franco e Cicillini (2015) com relatos de docentes e as relações com os processos de resistência desde a educação básica, o acesso à universidade e a inserção no mercado de trabalho como docentes.

Este artigo tem como objetivo apresentar os desafios e perspectivas de cinco professoras transexuais que atuam na educação básica em escolas públicas no Estado de Rondônia a partir da compreensão da psicologia social. As informações foram coletadas através de um encontro focal realizado entre as participantes seguido de entrevistas individuais.

O estudo apresenta apontamentos da trajetória de vida, os desafios e perspectivas de cinco professoras travestis e transexuais, desde a fase de escolarização até o ingresso ao magistério, levando em consideração três enfoques temáticos: a identidade, a docência como profissão e a afirmação de direitos.

O embasamento teórico do estudo tem como referência inicial a compreensão histórica da emergência de travestis e transexuais enquanto categoria dentro do movimento LGBT brasileiro de acordo com Carvalho e Carrara (2013) e os embates em torno dos sentidos e dos usos das categorias travesti/transexual, assim como a perspectiva de Benedetti (2005) demonstrando os significados e as vivências de travestis e transexuais que leva em conta os elementos culturais, envolvendo a afirmação da identidade de gênero. Tais pressupostos são evidenciados neste artigo a partir das representações manifestadas pelas professoras participantes do estudo.

MÉTODO

O estudo é de abordagem qualitativa e tem como objetivo apresentar os desafios e as perspectivas na trajetória profissional de professoras travestis e transexuais em Rondônia a partir da psicologia social. O método de coleta de informação ocorreu por meio de três técnicas indispensáveis: o encontro focal, as entrevistas individuais e o registro de informações em um diário de campo, sendo as duas primeiras captadas por meio da utilização de vídeos como instrumento de coleta de dados.

A primeira interação entre as participantes ocorreu a partir de um encontro focal com cinco professoras travestis e transexuais, realizado em uma sala de aula do Instituto Estadual de Educação Carmela Dutra, em Porto Velho, Rondônia, no dia 01 de setembro de 2018. O critério de seleção do local para o encontro ocorreu a partir de dois aspectos fundamentais: o primeiro foi em razão da escola estar localizada no centro da cidade facilitando o acesso de todas as participantes. Outro aspecto fundamental para a escolha do local foram os fundamentos históricos da formação de professores em Rondônia, por se tratar de uma escola criada em 1947 como Escola Normal do Guaporé destinada para formação de professores.

O encontro focal teve a duração de 45 minutos e contou com registro de imagens, vídeos e sons como técnica de captação das informações. Todas as participantes foram convidadas anteriormente e foram informadas quanto aos objetivos da pesquisa e a importância da participação de todas.

As entrevistas foram filmadas e feitas individualmente após a realização do encontro focal e com duração de aproximadamente 15 minutos. Cada participante foi contatada individualmente para realizar a entrevista em local de sua escolha.

PARTICIPANTES

Participaram deste estudo cinco professoras travestis e transexuais que atuam em escolas públicas na rede de ensino estadual e municipal em Rondônia. As professoras foram identificadas a partir da iniciativa de levantamento de informações de docentes e a utilização do nome social promovida pela Secretaria de Estado da Educação (SEDUC/RO) no diário eletrônico. Entre as professoras participantes três são funcionárias do quadro estadual e duas do quadro municipal sendo que uma delas compõe o quadro efetivo do município de Machadinho do Oeste, interior do Estado de Rondônia e a outra o quadro efetivo do município de Porto Velho conforme especificado no quadro 1 abaixo.

Quadro 1

Caracterização das professoras travestis e transexuais participantes das Entrevistas e Encontros Focais

Identificação	Idade	Localidade	Formação	Rede	Área de atuação
Professora A	47 anos	Porto Velho, RO	Letras	Rede Municipal	Ensino Fundamental
Professora B	32 Anos	Porto Velho, RO	História	Rede Estadual	Ensino Fundamental
Professora C	27 anos	Machadinho do Oeste, RO	Pedagogia	Rede Estadual	Ensino Fundamental
Professora D	27 anos	Porto Velho, RO	Matemática	Rede Estadual	Ensino Fundamental e Médio
Professora E	37 anos	Porto Velho, RO	Letras	Rede Estadual	Ensino Médio

Fonte: Elaborado pelos autores/2018.

Durante o estudo foram identificadas algumas professoras travestis e transexuais que atuam no ensino superior no Estado de Rondônia. No entanto, não foram contatadas na medida em que não se adequavam aos critérios de inclusão de participantes, que eram de atuar na educação básica e na rede pública de ensino. No levantamento realizado nas escolas públicas e privadas de todo o Estado de Rondônia, considera-se que as cinco professoras participantes na pesquisa compõem a totalidade da população pesquisada. Também não foi encontrando, em bancos de dados, nenhum professor transexual até a data da conclusão do estudo.

CONTEXTO DA PESQUISA: instrumentos e procedimentos de análise

Para a realização do encontro focal foi solicitado à Secretaria da Educação (SEDUC/RO) um termo de apresentação e autorização para uma visita ao Instituto Estadual de Educação Carmela Dutra, localizada na Avenida Farquar, 1913, no bairro Arigolândia, região central de Porto Velho. Durante a visita além do agendamento do encontro focal foi elaborado um planejamento para a produção dos vídeos do encontro visando favorecer o atendimento aos critérios metodológicos de ação e interação especificados por Spink e Menegon (2004, p. 64) com a proposição de diálogo entre as partes e compreendendo o aspecto ético, técnico e metodológico da pesquisa. O encontro

focal contou com a participação de um observador e dois técnicos para registro fotográfico e audiovisual.

Tanto para o encontro focal como para as entrevistas, adotou-se posicionamentos metodológicos construcionistas, obedecendo a três momentos importantes: a elaboração dos roteiros, a aplicação das entrevistas e a análise das informações. Os vídeos e áudios foram transcritos na íntegra pelo observador que participou do encontro focal e das entrevistas.

Em relação aos procedimentos de análise dos dados, entende-se que os processos e o contexto do estudo constituem elementos inseparáveis no que se trata da compreensão dos significados e interpretações atribuídos no decorrer da trajetória de vida de cada uma das participantes de modo diferenciado. Desta forma, optou-se por utilizar a análise temática de Braun e Clarke (2006) como método analítico amplamente utilizado nas pesquisas em psicologia qualitativa.

Os significados e resultados foram tematizados com a ideia de captar padronização nas respostas com base em quatro eixos: a construção e a afirmação da identidade de gênero; escolha pelo magistério como profissão; experiências profissionais como docente transvesti e transexual, e; contribuições de professoras transexuais para a educação no estado de Rondônia.

Os resultados do estudo são caracterizados em dois eixos temáticos: o primeiro apresenta os desafios da docência trans mediado pela abordagem histórica das cinco professoras participantes do estudo. A construção e afirmação da identidade de gênero têm seus resultados apresentados em um quadro 2 elaborado a partir do foco no “quando, onde e como” aconteceram estes delineamentos e as características particulares no quanto os processos de identificação de gênero contribuíram na escolha do magistério como profissão. Quanto ao segundo eixo temático os resultados foram caracterizados no quadro 3 pelas experiências e contribuições de docentes transexuais nas escolas e o movimento de luta por direitos a inclusão de estudantes e a construção de proposta curricular que contemple a valorização da diversidade de expressão da sexualidade, da orientação sexual e da identidade de gênero como reflexão dos direitos humanos e reconhecimento igualitário dos indivíduos.

Todas as cinco professoras participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aceitando participar do estudo que foi aprovado pelo Comitê de Ética e

Pesquisa – CEP da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS através do Parecer Consubstanciado de nº. 2.462.019, em 06/11/2017.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: desafios na docência trans em Rondônia

Os desafios no processo de escolarização de pessoas travestis e transexuais sempre estiveram vinculados aos modelos disciplinares e regulatórios que as práticas educacionais adotaram historicamente com base nos estereótipos de representação binária e com o enraizamento político com fixação de crenças e referências (PERES, 2010).

Peres (2010) apresenta uma análise dos relatos de travestis e suas experiências no sistema de ensino brasileiro, com processos de subjetivação a partir de uma cartografia, subdivididos em etapas normatizadoras e singularizadoras, com representação dos aspectos negativos que somaram na construção de uma escola transfóbica. Dependendo dos modos de subjetivação, as pessoas se tornam mais normatizadoras ou com resistências reforçadas as normas em relação ao contato com as diferenças, onde é permitido fazer um mapeamento dos níveis de abertura ou de fechamento. O sentido de subjetivação é designado pelo movimento que produz os sujeitos e a relação dos mesmos com os sentidos e significados constitutivos do contexto sócio-histórico, político e cultural (PERES, 2010, p. 58).

Embora Peres (2010, p. 59) encontre algumas tentativas para promover a inclusão de travestis e transexuais nas escolas, estas “esbarram em preconceitos de toda ordem que, para além dos currículos e programas educacionais, são encontrados nas relações interpessoais”. As reações vem sempre carregadas de fobismos, amedrontamentos e insegurança diante dos discursos disciplinares e reguladores presentes em seus corpos, valores e referências binárias que o autor atribui aos operadores de certo/errado, normal/patológico e pecado/virtude.

Certamente, tal como os estudos de Peres (2010), os temas transversais, no que se refere à temática da identidade de gênero, têm demonstrado grande resistência em estabelecer diálogo e problematização na emergência de existencialização de estudantes travestis e transexuais. Entretanto, este estudo apresenta como resultado a trajetória e história de vida de cinco mulheres transexuais que, ao longo de suas experiências pessoais, foram aprovadas em concurso público para professoras da educação básica. Assim sendo, para a construção dos resultados, é importante que a trajetória de vida escolar das participantes fosse tratada, estabelecendo uma trajetória de vida escolar e acadêmica até

chegar a prática profissional docente. Todas as cinco professoras participantes possuem formação superior completa e pós-graduação, sendo três com título de mestrado e uma cursando doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.

Os desafios na docência para as professoras elencadas neste estudo, estão caracterizadas em dois temas sendo o primeiro baseado na construção e afirmação da identidade de gênero, apontando a trajetória de quando, onde e como aconteceu este processo, sintetizado no quadro 2, com a caracterização da construção e afirmação da identidade de gênero das participantes. O segundo tema baseia-se nas relações entre a escolha pela profissão docente e como os processos de construção e aquisição de identidade foram inseridos nessa escolha evidenciadas no quadro 3. Além dos desafios na fase de escolarização, essa temática também apresenta como foi a recepção dos alunos, demais profissionais e a comunidade, bem como todos os fatores que contribuíram na relação entre docência e transexualidade.

Quadro 2

Tema 1: Caracterização da construção e afirmação da identidade de gênero

Identificação	Quando aconteceu	Onde aconteceu	Como aconteceu
Professora A	Fase adulta, aos 30 anos de idade.	Nas relações de trabalho, embora sempre teve conhecimento da identidade transexual	Após independência financeira e de modo prazeroso
Professora B	Na adolescência, entre 13 e 14 anos	No espaço universitário associado com a aquisição de conhecimento e compreensão crítica.	Na busca pelo conhecimento acadêmico
Professora C	Na adolescência, com 15 anos.	Nos grupos de movimento social LGBT com ações e projetos de garantia de direitos.	Sinto que está em eterna construção
Professora D	Desde os 7 anos de idade	Na família, no convívio com os próximos. Sempre foi vista como menina	Com as experiências e a família.
Professora E	Na infância, aos 12	Desde menina na	Convívio com

	anos de idade.	escola, em casa e com toda a família.	amigos de escola, professores e demais profissionais. Minha família não foi difícil para aceitar.
--	----------------	---------------------------------------	---

Fonte: Elaborado pelos autores/2018.

A professora A é natural do estado do Paraná e chegou em Rondônia com aproximadamente 12 anos de idade. Relata que mesmo tendo consciência de qual era a sua real identidade de gênero, suas experiências somente vieram a se concretizar bem mais tarde, em razão de não possuir nenhuma fonte de renda para se manter. Sabia que ao apresentar uma identidade diferente da que os pais esperavam seria expulsa de casa e por este motivo optou logo por trabalhar e conseguir uma forma de sustento.

Eu venho de uma família evangélica e de pessoas tradicionais. Eu era de família muito carente, e logo percebi que o que eu precisava era me manter financeiramente. Sabia que se eu aos 15 anos assumisse uma identidade de gênero que não conviesse com a que era esperado pelos meus pais e meus irmãos, certamente o que primeiramente aconteceria era eu ser posta na rua. Eu preferi, antes de afirmar a minha identidade de gênero, que eu sempre tive consciência de qual era, era me empregar ter uma vida financeira mais ou menos estável a ponto de as pessoas me respeitarem. Se não me respeitassem pelo que eu era, com certeza me respeitariam pelo status que eu estava objetivando ter. (PROFESSORA A: Letras)

Com a vida financeira já estabelecida, aos 30 anos de idade a professora abriu o guarda roupas e foi se desfazendo de tudo aquilo que era incoerente com a sua identidade, colocando todas as roupas dentro de uma sacola plástica.

Cheguei em casa, abri o guarda roupa, tirei tudo que não gostava e que não tinha nada a ver comigo e fui colocando numa sacola e aquilo foi sendo prazeroso. A maior expressão da afirmação de gênero que eu posso usar agora é que foi prazeroso. Eu vou usar esta roupa e não vou mais usar isto. Eu não vou mais usar esse sapato, eu vou usar o que eu escolhi usar. Isso foi muito prazeroso, e pensei o quanto tempo eu perdi da minha vida fazendo com que eu fosse o que as pessoas queriam que eu fosse. (PROFESSORA A: Letras)

No caso dos avós e demais parentes da Professora B todos preferiam acreditar que ela vivia em uma indefinição de identidade ou era somente uma fase que ia passar. Segundo ela, embora jogasse futebol com os meninos, empinava papagaio e jogava peteca, também não deixava de lado as suas formas e trejeitos femininos, principalmente quando ia

brincar com as meninas de escolinha, afirmando que desde muito pequena já queria ser professora chegando a imitar o cabelo e o cruzado das pernas da professora do primário.

Aos 17 anos eu comecei a bordar minhas roupas, a calça jeans rasgada, e me vestir bem garotinha e já me sentia bem daquele jeito. Eu não mais me via como a minha família me vestia. Percebi que a minha identidade era outra, mas só me senti mesmo quando eu fiz 19 anos e entrei na faculdade. Me descobri também quando eu conversei com outras trans e travestis para saber como eu fazia pra me tornar mulher. No início eu comecei a tomar os hormônios clandestinamente até porque eu ainda era menor de idade e minha família começou a descobrir, pois os meus seios começaram a crescer. Minha avó dizia que eu ia adoecer ou que eu ia morrer e que aquilo era do demônio. Tudo isso fez com que eu chegasse a minha transformação, porém a minha identidade de gênero foi afirmada dentro da universidade. Foi lá onde eu recebi o apoio e a orientação, principalmente da minha orientadora no curso de bacharelado em história, e isso me deu um carinho enorme por ela, pois me incentivou em tudo. Dentro da universidade que eu alcancei minha independência de ser quem eu sou e de conseguir ser o que sou hoje. Hoje eu sou uma mulher, tenho minha feminilidade e foi dentro da universidade que eu consegui afirmar essa minha identidade de gênero e a partir daí eu comecei a compreender outros caminhos que me apresentou quem eu sou. A minha identidade de gênero floresceu dentro da universidade. Onde busquei conhecimento e encontrei afirmação. (PROFESSORA B: História)

O surgimento dos grupos de movimento LGBT teve seu início em Rondônia com o Grupo Tucuxi – Núcleo de Promoção pela Livre Orientação Sexual (NPLOS) em 1994 e pelo Grupo Gay de Rondônia (GGR) em 2005. Embora a categoria de travestis e transexuais estivesse contemplada por estes grupos, as discussões e ações sempre estiveram voltadas para a população que residia nos bairros mais centrais deixando a população dos bairros periféricos de Porto Velho desassistida de políticas de enfrentamento à violência a LGBT.

Em 2011, foi criado o Grupo Porto Diversidade com a intenção de promover ações especificamente para os moradores dos bairros da Zona Leste sendo que a partir dos anos posteriores o grupo ganhou visibilidade por suas ações e proporções expandindo os trabalhos para toda a cidade de Porto Velho. Nesta ONG, a Professora C desenvolvia voluntariamente ações e projetos com travestis e transexuais. É importante destacar que a partir da realização do Projeto Espelho de Vênus voltado exclusivamente para população de travestis e transexuais, em 2009, a Comunidade Cidadã Livre (COMCIL) surge como movimento para atender estas especificidades realizando ações de combate a LGBTfobia.

Segundo a Professora C, que é natural de Porto Velho, Rondônia, a identidade feminina começou a surgir assim que entrou na adolescência e a família foi muito parceira

no momento. Foi o envolvimento com o movimento LGBT e os projetos e ações do grupo que a incentivaram a cursar Pedagogia e logo ingressar no serviço público após a provação em um concurso para professora dos anos iniciais no município de Machadinho do Oeste, interior de Rondônia. Segundo a professora C, a “minha família tinha muito medo que por razões de desqualificação profissional eu fosse para a prostituição e ficasse alvo fácil de violência, discriminação e preconceito”. (PROFESSORA C: Pedagogia).

De acordo com os relatos da Professora D, aos 7 anos de idade ganhou de seu pai uma roupa masculina. Segundo ela, a atitude do pai a deixou intrigada, pois sempre vestia a roupa das irmãs mais velhas e sentia-se muito bem com isso.

Realmente eu nunca tive traços masculinos, sempre fui feminina. As meninas me tratavam como menina e até hoje eu me assusto. Nunca tive barba e pra minha idade era diferente. Os outros meninos me olhavam diferente. Aos 13 e 14 anos eles me olhavam como mulher ou talvez fosse somente curiosidade em saber se realmente eu era. A única vez que eu usei roupa masculina foi aquela experiência que meu pai me deu. Sempre usei roupas femininas. Nunca gostei de vestir roupas masculinas. No bairro onde eu nasci todo mundo me respeita e sabe que eu sempre fui assim, me admiram muito. Também nunca tive medo de enfrentar isso com minha família. Preconceito sempre existiu, mas por parte da minha família nunca teve. Meu pai é soldado da borracha, no início foi difícil, mas aos poucos ele foi aceitando e hoje eu sou uma professora trans que todo mundo admira. (PROFESSORA D: Matemática)

Por mais que as regras da sociedade digam o contrário, o sexo designado ao nascimento, não determina a identidade de gênero por se tratar de uma ferramenta em que “as identidades de gêneros e sexuais se confundem e se misturam, e nem sempre estão evidentes no discurso dos sujeitos”. (SANTANA, 2016, p. 101).

Quanto aos critérios adotados para a escolha da docência como profissão, embora o quadro 3 abaixo, caracterize de modo sintetizado, é importante destacar que a decisão além de ter relação com a infância destas professoras, ela aproxima a construção da identidade feminina com a figura afetiva da professora dos anos iniciais. Todas as professoras participantes destacaram em seus depoimentos, tanto no grupo focal como nas entrevistas, que a participação de uma professora na infância ou adolescência associada à condição feminina da docência, foi fundamental na escolha da profissão docente, com exceção da professora 01 que foi privada da escola para trabalhar na roça. A Professora 01 se reporta à vizinha “Marlene” como responsável por realizar a sua matrícula na escola mesmo contra a vontade do pai.

Quadro 3

Tema 2: Caracterização da escolha da docência como profissão

Identificação	Quando aconteceu: Situações Relevantes
Professora A	“Parecia que o que era difícil pra mim era o que seria bom, que era estudar”. Na infância o pai retirava os filhos da escola para trabalhar na roça. Entretanto, uma vizinha a matriculou e deu o primeiro caderno. Aquele desejo de ir pra escola na infância fez com que surgisse o desejo de tornar-se educadora e recompensar a vizinha que a tirou da roça para a sala de aula.
Professora B	Na infância nasce o desejo de ser professora a partir da afetividade pela professora do “primário”. Nas brincadeiras de infância sempre queria ser a professora e já imitava a forma como a professora mexia nos cabelos e cruzava as pernas.
Professora C	“Minha família sempre teve receio de que eu entrasse na vida de prostituição e sofresse violência”. Os pais pagaram uma faculdade de Pedagogia e logo que concluiu o curso foi aprovada em um concurso público no interior do Estado de Rondônia onde trabalha como professora dos anos iniciais até hoje.
Professora D	O exemplo das irmãs professoras de matemática fez com que surgisse o desejo de ensinar. Com o trabalho e a ajuda dos pais conseguiu pagar a faculdade de Matemática e se tornar uma professora trans.
Professora E	A família teve oportunidade de contribuir na formação da filha com boas escolas. O desejo em se tornar professora surgiu a partir da comunicação e o estudo de novas línguas.

Fonte: Elaborado pelos autores/2018.

É importante citar quatro questões que são argumentadas por Ferreira (2015, p. 158) quanto à feminização e a natureza do trabalho docente atribuído ao cuidar entendido “como prerrogativa da mulher, supostamente presente em sua natureza”. A autora elenca a desvalorização da retribuição financeira da docência (até mesmo quando a responsabilidade docente era masculina), a vocação para o ensino (caracterizado como algo nato da mulher), a maternagem e o cuidado.

O fato da Professora A ter sido excluída pela família de frequentar a escola fez com que a vida profissional ficasse comprometida e conseqüentemente a construção da identidade de gênero foi adiada mesmo tendo total consciência de sua real identidade.

Na primeira série eu fazia. Já na segunda, papai tirava a gente da escola e eu não fazia a segunda série e assim por diante, era normal. Então a minha vizinha me levava escondida pra escola. Ele tinha aquela ideia de que não precisava estudar. Ele era antigo. Só precisava ganhar dinheiro.

Estudo era pra quem queria ser médico, advogado. O estudo não era pra quem queria trabalhar na roça. Quando aquilo me faltava era bom. A minha vizinha me deu meu primeiro caderno, a Dona Marlene, me matriculou escondido. Ela se passou por minha mãe. E aí quando eu vim pra Rondônia, eu já tinha meus 16 anos eu fui trabalha de lavador de carro. E eu vi a única oportunidade de estudar. Eu saía do lavador de carro e ia pra escola. Eu dizia pro papai que eu estava lavando carro, mas na realidade eu estava era estudando. E com isso eu consegui terminar o meu ensino fundamental e quando eu terminei o meu ensino fundamental naquela época eu fiz um concurso. (PROFESSORA A: Letras)

Conforme Benedetti (2005), o preconceito e a discriminação tomam conta das instituições violando o direito de pessoas LGBT e em especial travestis e transexuais. Mesmo quando a visibilidade é reconhecida em sua inscrição popular e social como no caso das mulheres transexuais participantes deste estudo, segundo Souza, Honorato, Coelho e Ferreira (2019, p. 164) estas professoras ao assumirem o papel de transexuais ou travestis estão “se colocando em um lugar ameaçado”. O fato de resistirem aos processos de exclusão que muitas transexuais brasileiras sofrem em todas as esferas e ocuparem espaços que cada vez mais os espaços se intensificavam nos entremeios para pessoas heterossexuais, tem como relevância neste estudo os resultados do apoio da família (para alguns casos) e a relação que estas profissionais estabeleceram com a tomada de decisão pelos estudos, pelo conhecimento acadêmico e profissional, bem como na perseverança de encontrar na docência um meio de trabalho e sustento.

Souza, Honorato, Coelho e Ferreira (2019, p. 120) chegam a associar a vulnerabilidade sentida nas ruas com o mundo de trabalho de professoras transexuais e travestis marcados na luta pelo reconhecimento de direitos e a transfobia sendo que mesmo com o “ensino superior, as normas de gênero continuam a empurrá-las para a margem”.

Por que uma bicha preta decide se aventurar pela carreira docente? Por que ela retorna a um espaço onde vivenciou situações de controle, dores e perseguições racistas e homofóbicas? Voltar para a escola significava um acerto de contas com o passado. Não estava tão vulnerável como estive na infância e adolescência. A bicha preta migrava dos cantos escuros da escola, do fundo da sala de aula para a mesa da professora (GOMES DE OLIVEIRA, 2017, p. 154).

A escolha pela profissão docente por parte destas professoras possibilita à escola a quebra de um paradigma pautado na “produção do olhar domesticado que, em se tratando de corpos, vê machos e fêmeas antes de outra distinção” (SANTANA, 2016, p. 103) que se contradiz à visão binária e estereotipada homem ou mulher no corpo travesti e da

transexual. A chegada da Professora B em Ouro Preto do Oeste após a contratação via aprovação em primeiro lugar no concurso público trouxe enfrentamentos, pois:

Naquela época estavam esperando fulano, e chegou lá a “ciclana”. Porém todos já sabiam, a Secretaria de Educação já sabia que eu era uma mulher trans. Ela já sabia que não era um professor, e que era uma professora. Depois que eu fui conversando, e eles me falaram que não sabiam como que elas iam lidar com uma professora trans na rede de ensino porque não havia tido uma professora trans em Ouro Preto do Oeste. Elas pensavam: como é que vai ser a recepção dos alunos? Como é que vai ser a recepção da comunidade? Então como eu sempre digo. Eu não tenho silicone, e nem prótese nos peitos. Mas peito de aço eu tenho pra enfrentar tudo que aparece na minha frente eu tenho muito peito de aço pra enfrentar (PROFESSORA B, História).

Contudo, conforme Santana (2016), travestis e transexuais são questionados no corpo, na fixação e afirmação identitária e nos pressupostos da sexualidade com o que a escola e os agentes da educação brasileira operam na binaridade. Acostumados em empurrar LGBT para os guetos e vulnerabilidade, com base nos relatos pautados nestas duas temáticas: identidade de gênero e profissionalização, os depoimentos demonstram que as experiências e dificuldades no enfrentamento da construção da identidade aliada aos mecanismos de profissionalização foram de ordem excludente e de violação de direitos indispensáveis. Porém, estes critérios pouco contribuíram para afastar mais ainda estas docentes das escolas e universidades, servindo como instrumentos poderosos de afirmação de identidades.

Mesmo que para Peres (2010, p. 64) as universidades brasileiras ainda resistem com “uma carga muito intensa de travestifobia/transfobia/lesbofobia/homofobia que muitas das vezes se tornam corresponsáveis pelo abandono ou exclusão dessas pessoas que não chegam a concluir seus estudos”, é necessário que as escolas quebrem a estrutura binária histórica de gênero e sexualidade de seus programas e currículos inserindo a valorização da orientação sexual e o reconhecimento da identidade de gênero em seus espaços como garantia de uma proposta democrática de escolarização, profissionalização e inserção no mercado de trabalho.

A análise das experiências e expectativas a partir da trajetória e história de vida destas profissionais apresentam uma série de contribuições para a educação, tanto para estudantes como para toda a sociedade, independente da sua orientação sexual e identidade de gênero, mediante aos desafios e perspectivas apresentadas nos resultados.

Entende-se que o primeiro desafio está no reconhecimento da mulher e suas contribuições na participação ativa para o desenvolvimento da sociedade brasileira e as conquistas alcançadas frente à compreensão histórica marcada pela exclusão de direitos, o descaso do poder público e a violência.

Entretanto, esta probabilidade está mais distante ainda de ser comparada com a empregabilidade de transexuais e travestis no mercado de trabalho. A exclusão social e as dificuldades no acesso a escolarização violam o direito de pessoas travestis e transexuais transformando o país em um dos líderes no *ranking* de violência e homicídios de LGBT e mais ainda a travestis e transexuais. Conforme relatório da ONG *Transgender Europe*, (2016) realizada entre 2008 a 2015, o Brasil tem registros de 802 casos de assassinatos de travestis e transexuais em sete anos de levantamento, correspondendo a 78% dos homicídios reportados em todo o mundo.

Assim, as escolas brasileiras, conforme Natal-Neto, Macedo & Bicalho (2016, p. 83) ao excluírem pessoas que expressam identidade fora da norma binária dificulta a conclusão de seus estudos e consequentemente a qualificação profissional e a inserção no mercado de trabalho formal. A escola criou regras do jogo evidenciadas em severa intolerância e privação de direitos a estudantes travestis e transexuais e a desobediência é caracterizada na punição aos “que não as cumprem: o menino efeminado, a menina “masculina”, as pessoas transexuais”.

As professoras deste estudo, durante o processo de escolarização foram vítimas das “regras deste jogo”. Entretanto, optaram por resistir ao preconceito e à discriminação até o final da escolarização fazendo deste desafio a sua bandeira de conquista para uma formação superior e o exercício da docência como resultado. O relato das experiências da Professora B, revela que desde criança queria ser professora até mesmo nas brincadeiras com as amigas de infância. Na adolescência fez do ensino a forma de ganhar dinheiro e alimento dando aulas de reforço para os vizinhos.

Eu sempre quis ser a professora e me inspirava nas minhas professoras. Eu queria muito ser igual a minha professora Neres que eu nem sei se ela ainda é viva. Era uma professora da primeira geração da escola Maria Carmosina que foi onde eu estudei. Sempre me inspirava nela. Do jeito que ela fazia na sala de aula eu fazia nas brincadeiras. O cabelo, quando ela sentava e cruzava as pernas, e pedia pra gente levar o material pra ela corrigir. Desde criança eu sempre quis ser professora. E eu fui pegando gosto. Comecei a ajudar as pessoas nas tarefas de casa sendo generosa e ajudava os vizinhos dando aula de reforço. Eu ensinava as tarefas de casa. Ia deixar na escola e no horário oposto eu ensinava as filhas da minha

vizinha a fazer as tarefas. Dava aula de reforço. Eu recebia um dinheirinho às vezes a minha vizinha me dava frutas, maçã, eu era de uma família bem humilde. Nós tínhamos o básico pra sobreviver mas minha vizinha me ajudava com roupas e alimento em troca de eu dar aulas de reforço para as filhas dela. Minha família queria que eu fosse pro exército. Mas aí não dava né? (PROFESSORA B, História)

Relata que por não ser filha biológica, passou por “maus bocados” que lhe serviram de incentivo para concluir os seus estudos e ingressar no curso de Licenciatura em História na Universidade Federal de Rondônia, UNIR. Atualmente, após enfrentar todos estes desafios, a professora cursa doutorado no Programa de Pós-graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.

Se hoje já é difícil uma travesti ou uma trans conseguir um espaço no mercado de trabalho imagina naquela época. Era muito difícil. E como que eu ia sair desse buraco? Sempre soube que era estudando. E foi o que eu fiz, me dediquei aos estudos passei no vestibular da UNIR e fui estudar. E como o curso era vespertino tive que pensar como eu ia me manter. Tive que conseguir um estágio e fui logo estagiária da universidade, depois bolsa de iniciação científica durante os quatro anos. Quando eu já estava concluindo a universidade eu me inscrevi num concurso em Ouro Preto do Oeste e passei em primeiro lugar e assim que eu terminei minha graduação. Defendi a monografia e entreguei o TCC e enviei toda a minha documentação e me mudei para o interior. E foi a partir daí que eu consegui ter a minha independência financeira, social e a própria independência de gênero e identidade. E mais uma vez, dentro da universidade que descobri que teria minha independência. Ou eu passava em um concurso público ou senão seria a prostituição, aquilo que nós estamos licenciadas e vulneráveis a ela. Daí eu fui pra sala de aula. Nada contra pois pra mim a prostituição é um trabalho digno, mas pra mim eu sempre quis ser foi professora. (PROFESSORA B, História)

Por mais que a sociedade insista em colocar travestis e transexuais na informalidade ou até mesmo em condições de trabalho como a prostituição, as experiências vivenciadas pela Professora A, no processo de escolarização, no acesso ao ensino superior e no exercício da docência foram desafiadores e demonstram o quanto estes exemplos devem ser valorizados para a garantia do direito de estudantes transexuais que ainda hoje são vítimas do preconceito e da discriminação nas escolas. Em junho de 2019 a docente concluiu o Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Rondônia com a pesquisa intitulada: Nomes sociais de pessoas transgêneros e nomes artísticos de *drag queens* do Estado de Rondônia: questões de identidade linguística e de gênero.

Eu olhava pra mim e dizia: eu não sei dançar, não sei fazer outra coisa. Só me resta estudar. Passei em um concurso e fui trabalhar num órgão

federal. Ganhava um salário razoável. Mas eu percebi que o trabalho que eu fazia não me dava prazer, não era o que eu gostava. Ai eu pensei: vou fazer vestibular. Fiz o vestibular após ter terminado o ensino médio pelo supletivo. Fiz o vestibular e ao mesmo tempo eu fiquei sabendo que aqui na escola Carmela Dutra ia ter um curso de magistério para pessoas que já tinham o ensino médio que seria somente uma complementação pedagógica. Era o magistério especial. Assim que terminei o magistério especial fiz um concurso pra educação como professor de séries iniciais e passei. No dia que eu passei, lá na empresa que eu trabalhava todo mundo ficou sabendo. Não existia internet e o jornal quando chegava todo mundo queria lê. O porteiro leu, viu meu nome e já cuidou de espalhar pra todo mundo. Na mesma época eu fiz o vestibular e passei pra pedagogia. Fui trabalhar e meu chefe me chamou. Falou que soube que eu tinha passado. Mas como o curso que eu tinha passado era justamente no horário do trabalho. Ele disse que era pra eu escolher. Ou fazia a universidade ou trabalhava. E num relance eu disse que ia estudar e fui no recursos humanos e pedi minha demissão. Isso era 8h da manhã e a tarde eu fui na secretaria municipal de educação saber quando eu seria chamada pra dá aula. Chegando lá eu descobri que naquele mesmo dia tinha saído a minha convocação pra tomar posse como professora. E eu tenho até hoje o edital guardado. No dia que fui demitida eu fui contratada pela prefeitura de Porto Velho. Fui trabalhar em uma escola bem distante da cidade. Na época, pois hoje ela fica dentro da cidade. Eu me sentia muito melhor ali. Ganhando um salário que era a metade do que eu ganhava antes. Daí eu decidi que essa seria a minha vida. E eu costumo dizer que o que me faltou na infância me deu base pra eu me construir. Dei sorte que não precisei me prostituir. Porque não fiz prostituição como meio de sobrevivência. Mas o que me deu base foi a educação. E de certa forma eu iria retribuir isso talvez em homenagem a Marlene (PROFESSORA A, Letras)

Como resultado das experiências e perspectivas das docentes, não é de se estranhar que a luta pela igualdade de gênero nas escolas venha a ser o principal desejo destas profissionais. Os relatos durante o grupo focal e nas entrevistas individuais, revelam que desde a fase de escolarização até o pleno exercício da docência, a exclusão esteve presente em todas estas etapas mesmo acontecendo em contextos diferenciados. Enquanto temos uma docente que desde cedo construiu a sua identidade com a orientação da família, de outro lado temos experiências de professoras transexuais que tiveram que abdicar durante toda a sua vida de sua real identidade até alcançar o reconhecimento financeiro.

Não se pode desconsiderar que a função social da escola é preparar cidadãos para uma vida baseada no respeito mútuo e para conviver de modo comunitário com valorização as diferenças em uma sociedade mais justa, igualitária, democrática e tolerante. Entretanto, a situação política atual tem contribuído para o retrocesso e o desrespeito as diversas formas de orientação sexual e identidade de gênero. As ações propostas pelo programa Brasil sem Homofobia lançado pelo Governo Federal e a sociedade civil

organizada em 2004, que tinha como objetivo equiparar os direitos de LGBT e o combate à discriminação e a violência, deixaram de ser prioridade deixando lugar para propostas totalmente desvinculadas ao reconhecimento e a reparação da cidadania de populações de LGBT.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo propôs apresentar de modo qualitativo os desafios e perspectivas de professoras travestis e transexuais que atuam em escolas da rede pública estadual e municipal no Estado de Rondônia, tendo como instrumento de coleta a realização de um grupo focal e entrevistas individuais.

Entretanto, a construção da identidade de gênero destas professoras esteve marcada com o desejo pela docência apesar das marcas da exclusão escolar tanto pela família, deixando de matricular seus filhos para que pudessem trabalhar na agricultura, nas proibições ao uso de roupas adequadas à sua identidade de gênero, assim como todas as formas de exclusão de direitos enquanto estudantes associadas a violência e a discriminação. As diferentes formas de exclusão vivenciadas pelas docentes foram utilizadas como referência no combate às desigualdades fazendo com que cada uma delas chegasse à conclusão dos seus estudos até a aprovação em concurso público.

Em outras palavras, foi os desafios que levaram estas docentes a construção de seu projeto profissional. Entretanto, com base nos relatos e experiências, a trajetória de estudantes cisheterossexuais nas escolas brasileiras, durante todo o contexto histórico é evidenciada conquistas atreladas ao desempenho escolar, ao acesso e à permanência na escola e aos demais fatores sociais e econômicos que o país enfrenta. Também, para estudantes LGBT e mais especificamente para as travestis e transexuais estas conquistas tornam-se mais dolorosas e traçadas em trajetórias de muito sofrimento e exclusão. A identidade de gênero apresenta percursos muito mais evidentes de exclusão e descasos por parte dos instrumentos escolares de reconhecimento da identidade de gênero que são apresentados na trajetória e história de vida das participantes.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013, p. 179), estabelecem a base nacional comum e é o documento responsável por orientar a organização, a articulação e o desenvolvimento das propostas pedagógicas nas escolas brasileiras. O documento foi elaborado pela Câmara de Educação Básica do Conselho

Nacional de Educação que promoveu estudos, debates e audiências públicas com a participação de entidades representativas dos estados e municípios, professores, institutos de formação de professores e pesquisadores da área. O documento norteador propõe que os projetos pedagógicos das escolas que ofertam o ensino médio devem valorizar a promoção dos direitos humanos incluindo além de uma série de temáticas, a discussão relativa a gênero e identidade de gênero.

Quanto a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), (2017), instituída a sua implantação e orientação pela Portaria nº 1.570, publicada no Diário Oficial da União em 21 de dezembro de 2017, a resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) aponta que a temática de gênero foi objeto de muitas controvérsias durante os debates públicos no processo de elaboração do documento curricular. Neste sentido, o Conselho Nacional de Educação entendeu que as demandas sociais devem aprofundar os debates sobre o tema sendo que uma comissão específica seria a responsável por elaborar normatizações sobre orientação sexual e identidade de gênero considerando a importância para o desenvolvimento de valores e atitudes de respeito, tolerância à diversidade, pluralismo e liberdade individual, como forma de combate à violência, ao preconceito e à discriminação na escola.

Importante destacar que durante o período anterior à implantação da BNCC, o Conselho Nacional de Educação pelo Parecer nº 15/2017 entendeu que as demandas na área dos direitos humanos requerem uma política de incentivo que institua a realização de estudos e pesquisas sugerindo a criação de núcleos de estudos e pesquisas com atuação em diversas temáticas, inclusive as relações de gênero, identidade de gênero e diversidade de orientação sexual. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica também já reconheciam que nas décadas anteriores a 2013, as instituições de ensino assistiram a um crescente processo de fortalecimento da construção da Educação em Direitos Humanos no que se refere a gênero e identidade de gênero, podendo ser citado Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (2005), o Programa Brasil Sem Homofobia (2004), Programa de combate à violência e à discriminação contra LGBT e de promoção da cidadania homossexual, o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (2008) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Temas Transversais voltados para Orientação Sexual.

Com o objetivo de promover reflexões sobre os processos, resultados, impactos e projeções sobre gênero e diversidade nos períodos de 2008 a 2011, Carrara et. al. (2017), apresenta em um documento o detalhamento do curso de Gênero e Diversidade na Escola

(GDE) proposto em 2005 pela Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM/PR), Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ) e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR/PR), com a participação de diferentes atores vinculados aos movimentos LGBT, movimento feminista e de mulheres negras. O documento procurou apresentar uma perspectiva transversal, demonstrando como os diferentes preconceitos articulam-se e podem aprofundar as desigualdades sociais.

Entretanto, os resultados do GDE apontaram inúmeras dificuldades enfrentadas pelos professores para implantar atividades pedagógicas relacionadas a temática, tais como: falta de apoio nas escolas e as barreiras culturais, sociais e políticas na comunidade escolar. A discussão sobre gênero e diversidade ainda é configurada pela comunidade como um tabu corroborando para as experiências de práticas silenciosas para promover reflexões a respeito da temática.

Os livros didáticos distribuídos nas escolas não apresentam propostas de discussão de orientação sexual, gênero e identidade de gênero, muito menos sobre a articulação de políticas de promoção e reconhecimento de direitos de LGBT. A bibliografia dos programas e currículos escolares reproduz os paradigmas binários de gênero e sexualidade evidenciando nos estudantes os ideais machistas, preconceituosos e cercados de práticas homofóbicas e de exclusão. Para Botton (2011, p. 37), os livros infantis chegam até as crianças através de um adulto que por sua vez se sente responsável pelo seu cuidado e educação. Entretanto, os livros didáticos trazem em suas páginas os mesmos discursos de reprodução e (re)afirmação dos exemplos que devem ser seguidos, caracterizando os discursos inovadores e diferentes dos habituais em um viés de desconfiança e repúdio.

O espaço escolar ainda está longe de ser um ambiente de apoio a projetos de fortalecimento na promoção da cidadania LGBT e um espaço de luta ao combate a homofobia/transfobia deixando de promover informações a respeito do direito, da autoestima e o incentivo a denúncia a violações de direitos humanos.

É incontestável que a inclusão da perspectiva da não discriminação de LGBT e a promoção de direitos a partir de ações escolares tenham sido negadas e utilizadas como ferramenta política de campanha eleitoreira como justificativa de atender aos anseios de uma família tradicional. Esta postura contribui para que a população LGBT seja vítima de exclusão dos meios de escolarização e de profissionalização, aumentando mais ainda o índice de violência e homicídios de travestis e transexuais. Ao invés de serem combatidas pelos nossos representantes, estas propostas devem ser valorizadas e subsidiadas para a

elaboração de políticas públicas voltadas ao combate à violência e a discriminação a LGBT e a escola deve ser o principal agente de participação destas ações.

Por fim, não só a trajetória e história de vida das professoras travestis e transexuais participantes deste estudo foram marcadas por violação de direitos à escolarização e um ambiente marcado por injustiças e exclusão. Estudantes LGBT brasileiros, não necessitam somente de acesso a matrícula na escola. Além disso, o acesso e a permanência à escola precisam de fato garantir a valorização da sua identidade e do direito a expressão da sua orientação sexual de modo igualitário, justo e democrático, sem que estejam vinculadas a prática de violência e toda forma de discriminação.

O poder público precisa com isso, compreender que a defesa e a garantia de direitos humanos também incluem a não discriminação à orientação sexual e a identidade de gênero, com propostas que combatem a homofobia e a transfobia que tem se institucionalizado nas escolas brasileiras.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. 2012. 278 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós- Graduação em Educação, Fortaleza, 2012.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BOTTON, Andressa. **“E o prêmio vai para...”: os estereótipos de gênero nos livros infantis premiados na última década**. Porto Alegre, 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Psicologia, Pós-Graduação Psicologia Social, PUCRS, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais gerais da educação básica**. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Portaria nº 1.570 de 21 de dez. de 2017**. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Brasília, DF, dez. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer nº 15/2017 de 15 de dez. de 2017**. Brasília, DF, dez. 2017.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v.3, n. 2, 77-101, 2006.

CARRARA, Sérgio; NASCIMENTO, Marcos; DUQUE, Aline; TRAMONTANO, Lucas; PEREIRA, Maria Elisabete. **Gênero e diversidade na escola: avaliação de processos, resultados, impactos e projeções**. Rio de Janeiro: CEPESC, 2017.

CARVALHO, Mario; CARRARA, Sérgio. Em direito a um futuro trans?: contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, v.14, n. 2, p. 319-351, 2013.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira. Feminização e natureza do trabalho docente. Breve reflexão em dois tempos. **Revista Retratos da Escola**, v. 9, n. 16, p. 153-166, 2015.

FRANCO, Neil; CICILLINI, Graça Aparecida. Professoras trans brasileiras em seu processo de escolarização. **Revista de Estudos Feministas**, v. 23, n.2, p. 325-346, 2015.

GOMES DE OLIVEIRA, Megg Rayara. **O diabo em forma de gente: @existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. Curitiba: Prismas, 2017.

JOVCHELIVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista Narrativa. In BAUER, M. & Gaskell, George (Orgs) tradução de Pedrinho Guareschi. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som. Um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

JUNQUEIRA, Rogerio Diniz. A “**pedagogia do armário**”: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. *Annual Review of Critical Psychology, Gender and Sexuality*, p. 189-204, 2014.

NATAL-NETO, Flávio de Oliveira; MACEDO, Geovani da Silva; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho. A Criminalização das Identidades Trans na Escola: Efeitos e Resistências no Espaço Escolar. **Psicologia Ensino & Formação**, v.7, n.1, p. 78-86, 2016.

PERES, Wilian Siqueira. Travestis, escolas e processos de subjetivação. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, v.12, n.2, p. 57-65, 2010.

PROJETO DE PESQUISA DA TVT. **Resultados do monitoramento de homicídios em trânsito**: Atualização TMM TDV, Transrespect versus Transphobia Worldwide New (TvT), 2016.

SALES, Adriana; SOUZA, Leonardo Lemos de; PERES, Wilian Siqueira. Travestis brasileiras e escola: problematizações sobre processos temporais em gêneros, sexualidades e corporalidades nômades. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 1, n. 1, p. 71-80, 2017.

SANTANA, Ana Larissa Alencar. A vivência dos travestis em escolas e no ensino superior brasileiro: uma análise bibliográfica do período 2011-2015. **Revista Científica FAGOC**, Multidisciplinar, Ubá, MG, v. 1, n. 1, p. 99-111, jan. 2016.

SEFFNER, Fernando; REIDEL Marina. Professoras travestis e transexuais: saberes docentes e pedagogia do salto alto. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 2, p. 445-464, 2015.

SOUZA, Daniel Cerdeira de; HONORATO, Eduardo Jorge SantAna; COELHO, Ingrid Mesquita; FERREIRA, Fernanda Sousa. Transvestites and Transexual People in The Context Of Education: A Literature Review. **International Journal of Innovation Education and Research**, v. 7, n. 5, p. 156-169, 2019.

SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera Mincoff. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In: SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 2004.

9 CONSIDERAÇÕES

Considerando a escola como um espaço de socialização, sistematização dos conhecimentos e reconhecimento dos direitos humanos com base na discussão, afirmação e valorização das diferenças, o estudo em questão apresenta os resultados de IDENTIDADES CONSTRUÍDAS EM FORMA DE DOCÊNCIA de professoras travestis e transexuais que durante o seu processo de escolarização foram vítimas de práticas de exclusão, negação de direitos, preconceito e discriminação.

Entretanto, estas professoras utilizaram de mecanismos de resistência e superação que poderiam ter sido inexistentes se a escola tivesse adotado posturas pedagógicas de enfrentamento da transfobia com proposta curricular de inclusão de direitos, livre da discriminação e com promoção do diálogo, solidariedade, respeito as diferenças e a tolerância.

Conforme Guzzo (2003) para a psicologia social a escola não permite a formação de estudantes críticos, com emancipação e autonomia e acaba, de forma contrária, reproduzindo a violência e o autoritarismo. A responsabilidade da escola é de estabelecer ações de enfrentamento para diminuir as desigualdades sociais, compreendendo os riscos da opressão característica a cada gênero, em especial as estudantes que são vítimas de homofobia, lesbofobia e transfobia, reduzindo as vulnerabilidades sociais independente da orientação sexual e identidade de gênero.

Infelizmente, não é comum encontrar na sociedade estudantes travestis e transexuais que conseguem chegar ao final de sua escolarização e ingressarem no mercado de trabalho com a mesma intensidade de estudantes cisheterossexuais. Por este motivo, este estudo que apresenta a trajetória e história de vida destas profissionais é de grande relevância social não só para estudantes LGBT, mas a todos os que enfrentam situações de *bullying*, preconceito e demais formas de discriminação na escola.

Entende-se que o estudo biográfico da Professora Sandra Egly tem a intenção de contribuir com melhorias na atuação docente na atualidade principalmente no que se refere às perspectivas e potencialização de um ambiente escolar com espaços de humanização e igualdade. Assim sendo, duas considerações são relevantes para serem abordadas como ação reflexiva neste contexto. Primeiramente é importante ressaltar, que em razão dos fatos terem acontecidos em 1978, a discussão a respeito da transexualidade era inexistente não só na escola como em todo o cenário social, cultural e científico. Sabe-se que neste período, a homossexualidade era considerada uma desordem e um distúrbio mental. Somente em 1975 que a Associação Americana de Psicologia orientou seus profissionais a não lidarem com estigmas patologizantes, embora a homossexualidade ainda estivesse inserida no grupo de Classificação Internacional de Doenças (CID).

Mesmo se passando quase quarenta anos, ainda existem profissionais que insistem em atribuir a orientação sexual e a identidade de gênero passiva de cura e tratamento. Nos últimos dias foi veiculado pela mídia e redes sociais um projeto de intervenção denominado como “cura gay” chegando até mesmo a compor proposta em chapa que concorreu ao Conselho Federal de Psicologia (CFP) que entre outras propostas para acabar com o aparelhamento ideológico do conselho, está também a revogação da resolução que proíbe o tratamento de conversão as pessoas LGBT e as ações que favoreçam a patologização de travestis e transexuais. Isso caracteriza que pouco se mudou em relação à

valorização da livre orientação sexual e da identidade de gênero, e os poucos avanços que foram conquistados estão sendo alvo de enfrentamentos políticos e religiosos.

Entende-se que estudos e avanços relacionados à orientação sexual e identidade de gênero são resultados de lutas de muitos anos do movimento LGBT e a preocupação com ameaças de recuos é legítima. O que torna mais visível neste cenário é que mesmo desprovida de direitos, a trajetória de vida profissional da Professora Sandra foi caracterizada como referência para o estudo com professoras travestis e transexuais que atuam na docência nos dias de hoje e permanecem vivenciando práticas de discriminação e preconceito.

Consequentemente, a população de LGBT sofre ameaças concretas e insinuáveis de recuo de direitos com base em narrativas de moralidade e religiosidade construídas nos últimos anos e propagadas por um discurso de ódio que não foram observados na trajetória profissional da professora Sandra na década de 1980. Outro fator que acarreta em retrocessos são atos governamentais promovidos que prejudicam mais ainda no avanço das conquistas, principalmente com a retirada da população LGBT da política de direitos humanos e os enfrentamentos pelo fim da discussão da orientação sexual, da diversidade e da identidade de gênero das escolas, restando a estudantes LGBT somente acreditar na prevalência da constituição.

A segunda consideração que deve ser apresentada em relação aos resultados do estudo biográfico e as contribuições da trajetória de vida profissional da Professora Sandra para professores e estudantes na atualidade, é que embora os livros didáticos, o ambiente escolar e a sociedade da época não retratassem sobre a importância do respeito à identidade de gênero, nenhum dos participantes do estudo apresentou depoimentos que caracterizasse rejeição, discriminação ou até mesmo discurso de ódio pela docente por parte de pais, professores e estudantes. Pelo contrário, segundo a família e os depoimentos dos ex-

alunos, a docente era reconhecida pela eficácia de seu trabalho e pelo afeto e preocupação que tinha por todos os estudantes e comunidade. Conforme entrevista da Professora Yeda Pinheiro Borzacov, Sandra desenvolvia atividades culturais e artísticas que aproximavam a família da escola, inclusive trazendo os ensinamentos aprendidos no tempo em que trabalhava no circo.

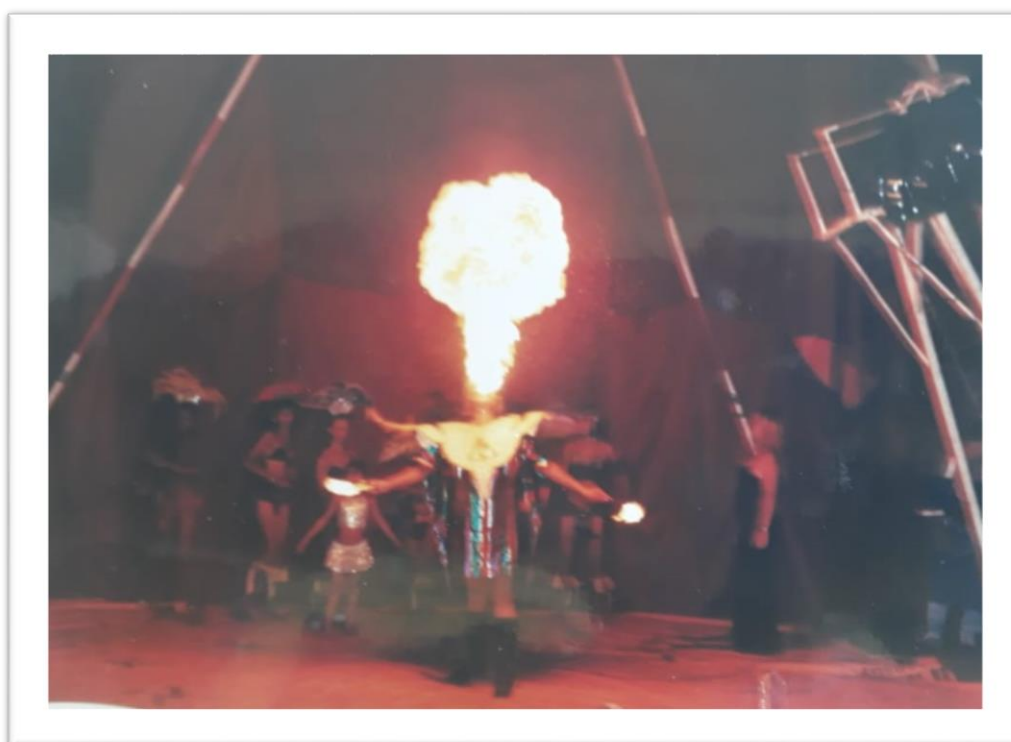


Figura 10. Foto de Sandra Egly apresentando a pirofagia no circo

Importante refletir sobre o seguinte questionamento: por que os resultados não apontam práticas de preconceito e discriminação pela profissional? Possivelmente, um elemento determinante neste contexto pode ser habilidade que a Professora Sandra dominava para alfabetizar crianças com dificuldade de aprendizagem bem como aqueles estudantes com alto índice de reprovação e desistência. Sandra era considerada entre todos na escola como uma “excelente alfabetizadora” e esta habilidade poucas profissionais do

magistério dominam e se identificam, inclusive chegando a ser considerada como uma habilidade inata que ela trazia de nascimento.

Sandra foi contratada em 1978 conforme especificou a Professora Yeda Pinheiro Borzacov e a família, somente com a 5ª série do Ensino Fundamental. Na época existiam dois cursos para formação de professores leigos chamados Logos I para quem ainda não tinha concluído o Ensino Fundamental e Logos II que se equiparava ao Ensino Médio de hoje com habilitação ao magistério, podendo lecionar apenas nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O Núcleo Avançado da Universidade Federal do Pará oferecia licenciatura, porém a professora biografada não deu continuidade aos seus estudos.

Levando em consideração os resultados apresentados no estudo CONTEXTO ESCOLAR E DOCÊNCIA TRANS EM RONDÔNIA: TRAJETÓRIA, DESAFIOS E PERSPECTIVAS, foi nos espaços da universidade, com a aquisição de conhecimento e compreensão crítica, nas discussões dos grupos do movimento LGBT e ações e projetos de garantia de direito que as professoras participantes caracterizaram os processos de afirmação da identidade de gênero.

Estes fatores são importantes para se estabelecer uma conexão entre os dois estudos que esta tese apresenta. O primeiro é o fato de Sandra não ter frequentado a universidade e vivenciar os processos de construção da identidade transexual em meio a uma sociedade politicamente intimidada pela ditadura militar garantindo a aceitação de pais, professores e a comunidade, em contrapartida a construção da identidade de gênero das cinco professoras se estabelece na família, porém garantida a afirmação no meio acadêmico com a busca pela aquisição do conhecimento.

A construção e afirmação da identidade de gênero no estudo com as cinco professoras travestis e transexuais encontra-se sistematizado em dois momentos distintos caracterizados em quando aconteceu e onde aconteceu.

Quando os resultados apontam os aspectos de quando aconteceu, os relatos das professoras se limitaram aos elementos relacionados à construção da identidade sendo apresentado pelas participantes como na infância e na adolescência e para a Professora 1, Letras, foi caracterizado na fase adulta reforçado nos seus depoimentos dizendo que “antes de afirmar a minha identidade de gênero, que eu sempre tive consciência de qual era”. Quanto à afirmação da identidade os resultados ficaram caracterizados no “onde aconteceu” caracterizado pelo espaço acadêmico e no trabalho.

O pertencimento da construção e a afirmação da identidade de gênero das professoras neste estudo, foi conduzido dos depoimentos de todas as participantes tanto no encontro focal como nas entrevistas individuais evidenciando que as identidades foram construídas para a docência e afirmadas em forma de docência.

Em se tratando dos enfrentamentos relacionados à fase escolar, duas considerações ficaram expostas nos depoimentos das professoras. A primeira consideração é o acesso negado à escola, caracterizado pelo enfrentamento socioeconômico que historicamente marcou a sociedade brasileira e que ainda persiste em permanecer, onde muitos pais retiram seus filhos das escolas para trabalhar ou alegam serem obrigados a retirar. Este enfrentamento tem vitimando na maioria crianças e jovens negros.

Outra consideração consiste na violência, no preconceito e discriminação que estudantes LGBT sofrem pelo não reconhecimento da orientação sexual e da identidade de gênero, que por razões normatizantes e regulamentares excluem travestis e transexuais das salas de aula proibindo o uso de uniformes de acordo com a identidade de gênero, o nome social e os espaços da escola.

Estas considerações resultam nas diferenças no quantitativo no quadro de profissionais cissexual e transexuais inseridos no mercado de trabalho. Para a realização desta pesquisa foram identificadas somente cinco professoras transexuais em todo o Estado

de Rondônia. Além disso, a presença de estudantes travestis e transexuais nas escolas e universidades ainda é muito reduzida.

A participação mínima de professoras travestis e transexuais demonstra que os estigmas de desigualdades, que mantiveram as relações de poder, colocam populações LGBT em uma rede de abandono e afastamento dos acessos aos meios de escolarização e profissionalização. A discriminação e o preconceito gerado a estudantes travestis e transexuais reduziu as possibilidades para que estas estudantes pudessem competir no mercado de trabalho e renda de modo igualitário aos demais estudantes. Isto possibilitou a massificação de pessoas desqualificadas para o trabalho, com mão de obra barata e à margem na luta pela sobrevivência acabando por se tornar alvo fácil para trabalhos em condição de prostituição e demais serviços considerados desviantes.

Os problemas e embates vivenciados por professoras travestis e transexuais durante todo o seu processo de escolarização foram sempre acompanhadas de situações relacionadas à afirmação da identidade ou de problemas com a prática da exclusão, da homofobia institucionalizada nos currículos escolares e no relacionamento familiar. Esta situação discriminatória também pode ser reproduzida atualmente em suas práticas como docentes, tomando um caminho árduo na efetivação da pedagogia trans.

O direito ao acesso à escola deve ser garantido a todas as pessoas, considerando os aspectos econômicos e sociais, porém valorizando o reconhecimento da identidade de gênero de estudantes travestis e transexuais, livre de regras disciplinares e normativas que violam o direito de cidadãs com a proibição no uso de roupas e uniformes de acordo com a sua identidade, o nome social e os banheiros femininos transformando o país em um dos líderes no *ranking* de violência e homicídios.

A validação da história de vida por meio da análise do estudo biográfico de uma docente que vivenciou a transexualidade em Rondônia, nos anos difíceis de eminência da

ditadura política, assim como a trajetória, os desafios e perspectivas de professoras travestis e transexuais que atuam na docência nos dias de hoje, contribui para gerar um entendimento sobre a construção e a afirmação da identidade transexual no norte do país, com proporção a gerar, (re) construir novos conceitos e possibilidades de reflexões na atuação docente nas escolas estruturando políticas em educação para a diversidade, com valorização das diferenças e reconhecimento da orientação sexual e identidade de gênero de estudantes e professores. Constitui em referencial didático-pedagógico para auxiliar professores e outros profissionais na orientação quando aos direitos de estudantes travestis e transexuais no que se refere ao acesso e permanência nos meios de escolarização e profissionalização.

10 REFERÊNCIAS

- Abramovay, Miriam (2015). *Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam?* Brasília, DF: Flacso, Brasil, OEI, MEC.
- Banks, Marcus (2009). *Dados visuais para pesquisa qualitativa*. Tradução José Fonseca. Porto Alegre: Artmed.
- Bauman, Zygmunt (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Braun, Virginia & Clarke, Victoria (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2). Pp. 77-101. Doi: <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Bosi, Ecléa. (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial.

- Breakwell, Glynis Marie (2010). *Métodos de pesquisa em psicologia*. Tradução: Felipe Rangel Elizalde; revisão técnica: Vitor Geraldi Hasse. – 3. Ed. – Porto Alegre: Artmed.
- Born, Claudia (2001). Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. *Sociologias*, 3(5), 240-265. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222001000100011>.
- Bueno, Belmira Oliveira *et al.* (1993). Docência, memória e gênero: estudos alternativos sobre a formação de professores. *Psicologia USP*, 4(1), 299-318. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1678-51771993000100014>.
- Bueno, Belmira Oliveira *et al.* (2006). Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). *Educação e Pesquisa*, 32(2), p. 385-410, doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022006000200013>.
- Carvalho, Mario Felipe Lima & Carrara, Sérgio (2013). Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 14(2). 319-351. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-64872013000200015>.
- Dubar, Claude (2005). *A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes.
- Fernandez Enguita, Mariano. (1989). *A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Franco, Neil; Cicillini, Graça Aparecida (2015). Professoras trans brasileiras em seu processo de escolarização. *Revista de Estudos Feministas*, 23(2), 325-346. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n2p325>.
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. Sandra Netz. – 2. Ed. – Porto Alegre: Bookman.

- Gomes de Oliveira, Megg Rayara (2017). *O diabo em forma de gente: @existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. Curitiba: Prismas.
- Guzzo, Raquel Souza Lobo (2003). Saúde psicológica, sucesso escolar e eficácia na escola: Desafios do novo milênio para a psicologia escolar. In Zilda Aparecida Pereira Del Prette (Ed.), *Psicologia escolar e educacional: Saúde e qualidade de vida*. Campinas, SP: Alínea.
- Hall, Stuart (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (11ª. Edição). São Paulo: DP&A.
- Louro, Guacira Lopes (1997). *Gênero, sexualidade e educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Minayo, Maria Cecília de Souza (2013). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Silva, Lauri Miranda (2015). *Revelações e ocultamentos: as representações de gêneros nos estudos multidisciplinares realizados na Universidade Federal de Rondônia (1990-2010)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Porto Velho, RO, Brasil.
- Nogueira, Mara Genecy Centeno (2008). *A construção do espaço social em Porto Velho na primeira metade do século XX: um olhar através da fotografia*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Rondônia, UNIR, Porto Velho, RO, Brasil.
- Nogueira, Mara Genecy Centeno (2015). *Entre cateiras e munições : territórios e territorialidades da morte na cidade de Porto Velho*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, Brasil.
- Pinheiro, Eliana Moreira. Kakehashi, Tereza Yoshiko, & Angelo, Margareth

- (2005). O uso de filmagem em pesquisas qualitativas. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13 (5), 717-722. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692005000500016>.
- Rios, Pedro Paulo Souza, Barros, Edonilce Rocha, & Vieira, André Ricardo Lucas (2017). Narrativas de vida e formação de professores gays: (auto) biográficas acerca do estranho que habita em mim. *Revista do Centro de Educação* 42(1), 227-239, jan/abr. 2017. Doi: <http://dx.doi.org/10.5902/1984644424915>.
- Reidel, M. (2013). *A pedagogia do Salto Alto: Histórias de professoras Transexuais e travestis na Educação Brasileira*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Seffner, F., & Reidel, M. (2015). Professoras travestis e transexuais: saberes docentes e pedagogia do salto alto. *Currículo sem Fronteiras*, 15(2), 445-464. Recuperado de <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol15iss2articles/seffner-reidel.pdf>.
- Souza, Elizeu Clementino (2007). (Auto) biografia, histórias de vida e práticas de formação. In Antônio Dias Nascimento, Tania Maria Hetkowski (Orgs.). *Memória e formação de professores*. Salvador: Edufba.

APÊNDICE A**CARTA DE ACEITE DO ESTUDO 1****CARTA DE ACEITE**

INSTRUMENTO – Revista de Estudos e Pesquisas em Educação

**TRAJETÓRIA E HISTÓRIA DE VIDA: ESTUDO BIOGRÁFICO DE UMA
PROFESSORA TRANSEXUAL EM RONDÔNIA**

Notificações 

[Instrumento] Decisão editorial

2019-07-31 08:39 PM

Kary Jean FALCAO, Angelo Brandelli Costa,

Foi tomada uma decisão sobre o artigo submetido à revista Instrumento - Revista de Estudo e Pesquisa em Educação,

"TRAJETÓRIA DE VIDA: ESTUDO BIOGRÁFICO DE UMA DOCENTE TRANSEXUAL EM RONDÔNIA".

A decisão é: Submissão aceita.

Profa. Dra. Deniele Pereira Batista
Universidade Federal de Juiz de Fora / Colégio de Aplicação João XXIII
Telefone (32)988668868
deniele.batista@ufjf.edu.br

Profa. Dra. Deniele Pereira Batista

APÊNDICE B

CARTA DE ACEITE DO ESTUDO 2

CARTA DE ACEITE

REVISTA LABIRINTO – Revista do Centro Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa do
Imagário Social e do Mestrado em História e Estudos Culturais da Fundação
Universidade Federal de Rondônia

CONTEXTO ESCOLAR E DOCÊNCIA TRANS EM RONDÔNIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

LABIRINTO

ISSN: 1519-6674

[CAPA](#)
[SOBRE](#)
[PÁGINA DO USUÁRIO](#)
[PESQUISA](#)
[ATUAL](#)
[ANTERIORES](#)
[NOTÍCIAS](#)

OPEN JOURNAL SYSTEMS

[Capa](#) > [Usuário](#) > [Autor](#) > [Submissões](#) > #4468 > **Edição**

#4468 EDIÇÃO

[RESUMO](#)
[AVALIAÇÃO](#)
[EDIÇÃO](#)

SUBMISSÃO

Autores: Kary Jean Falcao, Angelo Brandelli Costa, Marlene Neves Strey
 Título: CONTEXTO ESCOLAR E DOCÊNCIA TRANS EM RONDÔNIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
 Seção: ARTIGOS - LIVRES
 Editor: Veronica Aguilar

EDIÇÃO DE TEXTO

DIRETRIZES PARA EDIÇÃO DE TEXTO

AVALIAR METADADOS	SOLICITAÇÃO	ENCAMINHADO	CONCLUÍDA
1. Edição de Texto inicial Documento: Nenhum(a)	—	—	2019-08-29
2. Edição de Texto do autor Documento: Nenhum(a) Escolher arquivo Nenhum arquivo selecionado Transferir	2019-08-29	2019-09-20	
3. Edição de Texto final Documento: Nenhum(a)	—	—	2019-08-29

Comentários da Edição de Texto Sem comentários

AUTOR

[Submissões](#)
[Ativo \(1\)](#)
[Arquivo \(1\)](#)
[Nova submissão](#)

CONTEÚDO DA REVISTA

Pesquisa:
 Escopo da Busca: Todos
[Pesquisar](#)

Procurar:
[Por Edição](#)
[Por Autor](#)
[Por título](#)
[Outras revistas](#)

TAMANHO DE FONTE

USUÁRIO

Logado como:
 karyfalcao
[Meu periódico](#)
[Perfil](#)
[Sair do sistema](#)

[Ajuda do sistema](#)

APÊNDICE C

TCLE – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Participantes do Estudo 1



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ilustríssimos (as) Senhores (as):

**SIRLEY CORSINO
ADEMAR BICHO DE SOUZA
LEONILCE BARROS
RAIMUNDO PEREIRA NUNES
IRACI BRAGADO
MARIA DORA CALIXTO
JOSIAS GONÇALVES DE JESUS
YEDA PINHEIRO BORZACOV**

Os membros da família, amigos de trabalho e ex-alunos do Professor **SANDOVAL GOMES BARROS** acima citados, estão sendo convidados, como voluntários, a participar do estudo **TRAJETÓRIA E HISTÓRIA DE VIDA: UM ESTUDO COM PROFESSORES EM RONDÔNIA**, que tem como objetivo: realizar um estudo biográfico sobre a trajetória e história de vida do Professor Sandoval Gomes Barros, fazia uso do nome social Sandra Egly.

PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

A sua participação no estudo referido será da seguinte forma:

Entrevista realizada em local agendado com antecedência, de preferência na residência da entrevistada.

Entrevista curta, sem tomar muito tempo das entrevistadas. Serão videogravadas, audiogravadas e com registro fotográfico que também serão utilizadas no videodepoimento.

RISCOS

É possível que aconteçam os seguintes desconfortos e riscos. Como as entrevistas serão videogravadas e audiogravadas, estas passarão por um processo de edição em conjunto em um segundo grupo focal com a intensão de selecionar o material para a produção final da

videogravação. Para a redução de riscos, caso o entrevistado não se sinta bem com a filmagem ou a gravação, optaremos por registro fotográfico e usaremos as falas da entrevista em forma de textos na videogravação final.

BENEFÍCIOS

A pesquisa possivelmente trará benefícios, tais como: Visibilidade e valorização do trabalho desenvolvido pelo Professor Sandoval Gomes Barros em Rondônia. Contribuirá de modo significativo na afirmação da identidade de professores bem como em demais contribuições pedagógicas.

SIGILO E PRIVACIDADE

Como participante de pesquisa, sua privacidade será respeitada, seu nome e qualquer outro dado que possa te identificar serão mantidos em sigilo. Os pesquisadores se responsabilizam pela guarda e confidencialidade das informações, bem como a não exposição dos dados de pesquisa.

USO DE IMAGEM

Autorizo o uso de minha imagem em vídeo, áudio e fotografia, através da entrevista concedida para a pesquisa em questão, sendo seu uso restrito para os pesquisadores responsáveis, sendo a reprodução, o uso e a exibição proibida por outra pessoa.

AUTONOMIA

Será garantida assistência a você durante toda a pesquisa, assim como o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos sobre o estudo e suas consequências, ou seja, tudo o que queira saber antes, durante e depois de sua participação. Você pode se recusar a participar do estudo ou retirar seu consentimento a qualquer momento sem precisar se justificar, e, caso esta seja sua vontade, não sofrerá prejuízo algum na assistência recebida.

RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO

Caso você tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, tais como transporte, alimentação entre outros, haverá ressarcimento dos valores gastos da seguinte forma: Para a entrevista não haverá gastos e custos.

CONTATO

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são MARLENE NEVES STREY, ANGELO BRANDELLI COSTA E KARY JEAN FALCÃO GONÇALVES e com eles você pode manter contato pelos telefones (69) 99337-0423 e 3216-5680.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é composto por um grupo de pessoas que trabalham para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. O grupo tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de maneira ética.

Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada de tal forma ou que está sendo prejudicado de alguma maneira, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) localizado na Av. Ipiranga, 6681, Prédio 50, Sala 703 CEP: 90619-900 - Bairro Partenon - Porto Alegre – RS, também estará disponível pelo telefone (51) 3320-3345 ou e-mail: cep@pucrs.br, de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h e das 13h à 1h.

DECLARAÇÃO

Declaro que li e entendi todas as informações presentes neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e tive a oportunidade de discutir as informações relacionadas à pesquisa. Todas as minhas perguntas foram respondidas e eu estou satisfeito com as respostas. Entendo que receberei uma via assinada e datada deste documento e que outra via assinada e datada será arquivada nos pelo pesquisador responsável do estudo.

Por fim, fui orientado a respeito do que foi mencionado neste termo e compreendo a natureza e o objetivo do estudo e manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar por minha participação.

Porto Velho, 20 de Setembro de 2019.

Sirley Corsino

Iraci Bragado

Ademar Bicho de Souza

Maria Dora Calixto

Leonilce Barros

Josias Gonçalves de Jesus

Raimundo Pereira Nunes

Yeda Pinheiro Borzacov

Kary Jean Falcão

APÊNDICE D

OFÍCIO 6524/2018-SEDUC/NNTE

Autorização para servidor cursando doutorado em Psicologia realizar coleta de dados na Escola E.E.F.m. Maria Carmosina Pinheiro

20/09/2019

SEI/ABC - 1950793 - Ofício



RONDÔNIA
Governo do Estado

GOVERNO DO ESTADO DE RONDÔNIA
Secretaria de Estado da Educação - SEDUC

Ofício nº 6524/2018/SEDUC-NNTE

A Senhora
MARIA DO LIVRAMENTO CAMPOS
Diretora da E E F M - Maria Carmosina Pinheiro
Rua: Raimundo Cantuária, s/nº
Bairro: Tiradentes
Porto Velho - Rondônia

Assunto: Autorização para servidor cursando doutorado em Psicologia realizar coleta de dados na Escola E.E.F.M. Maria Carmosina Pinheiro

Senhor(a),

Através do presente, autorizo o servidor KARY JEAN FALCÃO GONÇALVES, matrícula 300.023.444, lotado na Gerência de Controle, Avaliação e Estatística - GCAE/DGE para realizar coleta de dados referente a sua tese de doutorado intitulada TRAJETÓRIA E HISTÓRIA DE VIDA: APONTAMENTOS DE PROFESSORAS TRANSEXUAIS EM RONDÔNIA, neste Estabelecimento de Ensino.

A pesquisa, está sob a orientação dos Professores Dr. Angelo Brandelli da Costa e Dr. Marlene Neves Strey da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC/RS aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa - CEP através do parecer nº 2.462.019.

Atenciosamente,

MARIA ANGÉLICA SILVA AYRES HENRIQUE

Secretária de Estado da Educação



Documento assinado eletronicamente por MARIA ANGELICA SILVA AYRES HENRIQUE, Ordenador(a) de Despesa, em 11/06/2018, às 14:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no caput III, art. 12 do [Decreto nº 21.794, de 5 Abril de 2017](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [portal do SEI](#), informando o código verificador 1950793 e o código CRC FC3735ED.

APÊNDICE E

TCLE – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Participantes do Estudo 2



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ilustríssimos (as) Senhores (as):

LAURI MIRANDA SILVA

JOSY DE SOUZA

CALYLA CALIELTON

SAMIRA FOX

VICTORIA ANGELO BACON

As Professoras acima citados, estão sendo convidadas, como voluntárias, a participar do estudo CONTEXTO ESCOLAR E DOCÊNCIA TRANS EM RONDÔNIA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS, que tem como objetivo: realizar um estudo com os desafios e perspectivas na atuação de professoras em Rondônia

PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

A sua participação no estudo referido será da seguinte forma:

Entrevista realizada em local agendado com antecedência, de preferência na residência da entrevistada.

Entrevista curta, sem tomar muito tempo das entrevistadas. Serão videogravadas, audiogravadas e com registro fotográfico que também serão utilizadas no videodepoimento.

RISCOS

É possível que aconteçam os seguintes desconfortos e riscos. Como as entrevistas serão videogravadas e audiogravadas, estas passarão por um processo de edição em conjunto em um segundo grupo focal com a intenção de selecionar o material para a produção final da videogravação. Para a redução de riscos, caso o entrevistado não se sinta bem com a

filmagem ou a gravação, optaremos por registro fotográfico e usaremos as falas da entrevista em forma de textos na videogravação final.

BENEFÍCIOS

A pesquisa possivelmente trará benefícios, tais como: Visibilidade e valorização do trabalho desenvolvido pelo Professor Sandoval Gomes Barros em Rondônia. Contribuirá de modo significativo na afirmação da identidade de professores bem como em demais contribuições pedagógicas.

SIGILO E PRIVACIDADE

Como participante de pesquisa, sua privacidade será respeitada, seu nome e qualquer outro dado que possa te identificar serão mantidos em sigilo. Os pesquisadores se responsabilizam pela guarda e confidencialidade das informações, bem como a não exposição dos dados de pesquisa.

USO DE IMAGEM

Autorizo o uso de minha imagem em vídeo, áudio e fotografia, através da entrevista concedida para a pesquisa em questão, sendo seu uso restrito para os pesquisadores responsáveis, sendo a reprodução, o uso e a exibição proibida por outra pessoa.

AUTONOMIA

Será garantida assistência a você durante toda a pesquisa, assim como o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos sobre o estudo e suas consequências, ou seja, tudo o que queira saber antes, durante e depois de sua participação. Você pode se recusar a participar do estudo ou retirar seu consentimento a qualquer momento sem precisar se justificar, e, caso esta seja sua vontade, não sofrerá prejuízo algum na assistência recebida.

RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO

Caso você tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, tais como transporte, alimentação entre outros, haverá ressarcimento dos valores gastos da seguinte forma: Para a entrevista não haverá gastos e custos.

CONTATO

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são MARLENE NEVES STREY, ANGELO BRANDELLI COSTA E KARY JEAN FALCÃO GONÇALVES e com eles você pode manter contato pelos telefones (69) 99337-0423 e 3216-5680.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é composto por um grupo de pessoas que trabalham para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. O grupo tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de maneira ética.

Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada de tal forma ou que está sendo prejudicado de alguma maneira, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) localizado na Av. Ipiranga, 6681, Prédio 50, Sala 703 CEP: 90619-900 - Bairro Partenon - Porto Alegre – RS, também estará disponível pelo telefone (51) 3320-3345 ou e-mail: cep@pucrs.br, de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h e das 13h à 1h.

DECLARAÇÃO

Declaro que li e entendi todas as informações presentes neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e tive a oportunidade de discutir as informações relacionadas à pesquisa. Todas as minhas perguntas foram respondidas e eu estou satisfeito com as respostas. Entendo que receberei uma via assinada e datada deste documento e que outra via assinada e datada será arquivada nos pelo pesquisador responsável do estudo.

Por fim, fui orientado a respeito do que foi mencionado neste termo e compreendo a natureza e o objetivo do estudo e manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar por minha participação.

Porto Velho, 20 de Setembro de 2019.

Lauri Miranda Silva

Josy de Souza

Calya Calielton

Samira Fox

Victoria Angelo Bacon

Kary Jean Falcão

APÊNDICE F**CARTA DE APROVAÇÃO DO SIPESQ****SISTEMA DE PESQUISA DA PUCRS**

SIPESQ
Sistema de Pesquisas da PUCRS

Código SIPESQ: 8297

Porto Alegre, 6 de novembro de 2017.

Prezado(a) Pesquisador(a),

A Comissão Científica da ESCOLA DE HUMANIDADES da PUCRS apreciou e aprovou o Projeto de Pesquisa "TRAJETÓRIA E HISTÓRIA DE VIDA: APONTAMENTOS DE PROFESSORAS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM RONDÔNIA". Este projeto necessita da apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Toda a documentação anexa deve ser idêntica à documentação enviada ao CEP, juntamente com o Documento Unificado gerado pelo SIPESQ.

Atenciosamente,

Comissão Científica da ESCOLA DE HUMANIDADES

APÊNDICE G

PARACER SUBSTANCIADO DO CEP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: TRAJETÓRIA E HISTÓRIA DE VIDA: APONTAMENTOS DE PROFESSORAS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM RONDÔNIA

Pesquisador: Angelo Brandelli Costa

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 80500717.7.0000.5336

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.462.019

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa empírica para investigar a trajetória e história de vida de professoras travestis e transexuais nas escolas públicas do estado de Rondônia como articuladoras nos processos de afirmação de identidade a partir de um estudo biográfico com abordagem participativa. O delineamento da pesquisa baseia-se no levantamento de informações a partir de entrevistas com as professoras participantes e a elaboração de um estudo biográfico com abordagem de pesquisa participante, história de vidas e memórias dos mais velhos como mediadora das gerações atuais, a utilização de vídeos e imagens, e a realização de dois encontros focais. O estudo biográfico de abordagem participante contará com a participação de 05 (cinco) professoras trans que atuam nas escolas públicas da educação básica de Rondônia sobre a história de vida e memória de uma professora que vivenciou os mesmos processos de construção de identidade na década de 1980.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: "Investigar a trajetória e história de vida de professoras travestis e transexuais nas escolas públicas do estado de Rondônia como articuladoras nos processos de afirmação de identidade a partir de um estudo biográfico com abordagem participativa".

Objetivo Secundário: "Realizar um estudo biográfico com abordagem participativa e com base em história de vidas e depoimento oral sobre uma professora travesti que atuou em uma escola

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703

Bairro: Partenon

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3320-3345

Fax: (51)3320-3345

E-mail: cep@pucrs.br

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS**



Continuação do Parecer: 2.462.019

pública da rede estadual de ensino em Porto Velho – Rondônia, na década de 1980 e produzir um vídeo para fins de visibilidade e cunho didático-pedagógico; Efetuar a realização de entrevistas individuais com 05 (cinco) professoras travestis e transexuais que atuam em escolas públicas da rede estadual e municipal de Porto Velho – Rondônia; Realizar um encontro focal com as participantes como estratégia de investigação qualitativa com eliciação de dados e informações; Promover um encontro entre as participantes para operacionalizar a edição das imagens e elaboração de um videodepoimento para efeito de contribuições pedagógicas e visibilidade política; Desenvolver um estudo empírico dos resultados da produção dos vídeos e as contribuições pedagógicas da trajetória e história de vida de professoras travestis e transexuais nas escolas públicas do estado de Rondônia como articuladores nos processos de afirmação de identidade”

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: “Como as entrevistas serão videogravadas e audiogravadas, estas passarão por um processo de edição em conjunto em um segundo grupo focal com a intenção de selecionar o material para a produção final da videogravação. Para a redução de riscos, caso o entrevistado não se sinta bem com a filmagem ou a gravação, optaremos por registro fotográfico e usaremos as falas da entrevista em forma de textos na videogravação final.”

Benefícios: “A pesquisa possivelmente trará benefícios, tais como: Visibilidade e valorização do trabalho desenvolvido por professora trans em Rondônia. Contribuirá de modo significativo na afirmação da identidade de professoras trans e como contribuições pedagógicas.”

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de pesquisa relevante e atual. O método proposto é adequado. É necessário revisar o TCLE e o Cronograma.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta todos os termos, no entanto, é necessário revisar o TCLE, pois há erros de digitação e, principalmente, o telefone celular disponibilizado para contato é do doutorando e não do pesquisador responsável. É preciso especificar mais claramente os procedimentos a que as participantes serão submetidas e o tempo necessário para participação no estudo. Ambas as alterações devem ser realizadas no projeto e na plataforma Brasil.

O cronograma precisa ser readequado, tanto no projeto quanto no sistema da plataforma Brasil.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Substituir o telefone celular do doutorando pelo telefone celular do pesquisador responsável no

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703			
Bairro: Partenon	CEP: 90.619-900		
UF: RS	Município: PORTO ALEGRE		
Telefone: (51)3320-3345	Fax: (51)3320-3345	E-mail: cep@puors.br	

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS**



Continuação do Parecer: 2.462.019

TCLE. Ainda, é preciso especificar mais claramente os procedimentos a que as participantes serão submetidas e o tempo necessário para participação no estudo.

Deve-se ainda reajustar o cronograma de execução da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o CEP-PUCRS, de acordo com suas atribuições definidas nas Resoluções CNS nº 466 de 2012 e nº 510 de 2016 aguarda a realização das adequações indicadas nos itens: "Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória" e "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações" em um prazo de TRINTA DIAS conforme previsto na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS onde se lê: Aspectos Operacionais dos CEPs, E) Se o parecer for de pendência, o pesquisador terá o prazo de trinta (30) dias, contados a partir de sua emissão na Plataforma Brasil, para atendê-la."

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1027906.pdf	27/11/2017 20:24:08		Aceito
Outros	carta.pdf	27/11/2017 20:23:53	Angelo Brandelli Costa	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	22/11/2017 11:55:17	Angelo Brandelli Costa	Aceito
Outros	Curriculos.pdf	22/11/2017 00:40:07	GABRIEL IBARRA ZANELLA	Aceito
Outros	Carta_Encaminhamento.pdf	22/11/2017 00:39:34	GABRIEL IBARRA ZANELLA	Aceito
Orçamento	orcamentoassinado.pdf	22/11/2017 00:38:17	GABRIEL IBARRA ZANELLA	Aceito
Outros	RoteiroEntrevistas.pdf	21/11/2017 12:17:02	GABRIEL IBARRA ZANELLA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	21/11/2017 12:16:34	GABRIEL IBARRA ZANELLA	Aceito
Outros	Carta de Aprovacao_Comissao Cientifica_1510000376229.pdf	21/11/2017 12:07:23	GABRIEL IBARRA ZANELLA	Aceito
Outros	DocumentoUnificadoProjeto_1510000376229.pdf	21/11/2017 12:06:55	GABRIEL IBARRA ZANELLA	Aceito
Folha de Rosto	20171120145506823.pdf	20/11/2017 12:07:21	Angelo Brandelli Costa	Aceito

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703
 Bairro: Partenon CEP: 90.619-900
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE
 Telefone: (51)3320-3345 Fax: (51)3320-3345 E-mail: cep@puccrs.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 2.482.019

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 08 de Janeiro de 2018

Assinado por:

Paulo Vinicius Sportleder de Souza
(Coordenador)

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703

Bairro: Partenon

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3320-3345

Fax: (51)3320-3345

E-mail: cep@puors.br

APÊNDICE H

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

ESTUDO 1



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA**

ROTEIRO DE ENTREVISTA I

ESTUDO 01: Propor um estudo biográfico de uma professora que atuava em uma escola pública da rede estadual de ensino com turmas dos anos iniciais do ensino fundamental década de 1980 em Porto Velho – Rondônia

ENTREVISTA COM MEMBROS DA FAMÍLIA DA PROFESSORA

Procedimentos: Verificar com antecedência se o membro da família o identificava como Sandoval ou como Sandra e/ou se relacionava bem com a identidade trans/travesti com a finalidade de realizar toda a entrevista respeitando a compreensão dos entrevistados em relação à professora biografada. Solicitar fotos para compor o vídeodepoimento e autorização para uso das imagens.

1. Como era a sua relação com o Professor Sandoval? O que ele representava pra você e para toda a família?
2. Conte-me como foi um pouco da vida do Professor Sandoval. Onde ele nasceu? Como foi a sua infância? As dificuldades e alegrias que a família passou.
3. Fale-me sobre as dificuldades e os desafios para o Professor Sandoval frequentar a universidade e atuar como docente.

Se o membro compreendia a identidade trans/travesti da professora, perguntar:

4. Como a família se relacionava com a identidade de Sandoval? Foi difícil o processo de aceitação, sendo em uma década marcada pelo preconceito?
5. Você lembra de algum fato que pode ter marcado a vida de Sandoval como docente e a sua identidade trans/travesti? Como era a relação entre a identidade e a profissão docente?



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA**

ROTEIRO DE ENTREVISTA II

ESTUDO 01: Propor um estudo biográfico de uma professora que atuava em uma escola pública da rede estadual de ensino com turmas dos anos iniciais do ensino fundamental década de 1980 em Porto Velho – Rondônia

ENTREVISTA COM AMIGOS PRÓXIMOS DA PROFESSORA

Procedimentos: Solicitar fotos para compor o vídeodepoimento e autorização para uso das imagens e elaborar uma identificação da entrevistada.

1. Como era a sua relação com o Professor Sandoval? Como se conheceram, em que ocasião? O que ele representava pra você e demais grupos de amigos?
2. Conte-me como foi um pouco do seu convívio com Professor Sandoval. O que vocês gostavam de fazer juntos (as)? As dificuldades e alegrias que vocês passaram juntos (as).
3. Fale-me sobre as dificuldades e os desafios para o Professor Sandoval frequentar a universidade e atuar como docente.
4. Como os amigos se relacionava com a identidade de Sandoval? Como era pra ele enfrentar o preconceito?
5. Como ele se identificava? Como um homem homossexual? Como travesti, travestindo-se para frequentar festas e diversões? Como mulher?
6. Como ele relacionava essa identificação com a escola e a profissão docente? Havia muito preconceito? Muitos enfrentamentos e embates?
7. Você lembra de algum fato que pode ter marcado a vida de Sandoval como docente e a sua identidade trans/travesti? Como era a relação entre a identidade e a profissão docente?



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA**

ROTEIRO DE ENTREVISTA III

ESTUDO 01: Propor um estudo biográfico de uma professora que atuava em uma escola pública da rede estadual de ensino com turmas dos anos iniciais do ensino fundamental década de 1980 em Porto Velho – Rondônia

**ENTREVISTA COM PROFESSORES E GESTORES (DIRETORES,
SUPERVISORES, REPRESENTANTES SINDICAL) DAS ESCOLAS ONDE A
PROFESSORA ATUAVA**

Procedimentos: Solicitar fotos para compor o vídeodepoimento e autorização para uso das imagens e elaborar uma identificação da entrevistada.

1. Como era a sua relação com o Professor Sandoval? Em que escolas se conheceram ou trabalharam juntos, em que ocasião? O que ele representava pra você e demais professores?
2. Conte-me como foi um pouco do seu convívio com Professor Sandoval. O que vocês gostavam de fazer juntos (as)? As dificuldades e alegrias que vocês passaram juntos (as).
3. Fale-me sobre as dificuldades e os desafios para o Professor Sandoval frequentar a universidade e atuar como docente.
4. Como os professores, alunos, pais e a comunidade escolar se relacionava com a identidade de Sandoval? Como era pra ele enfrentar o preconceito?
5. Como ele se identificava? Como um homem homossexual? Como travesti, travestindo-se para frequentar festas e diversões? Como mulher?
6. Como ele relacionava essa identificação com a escola e a profissão docente? Havia muito preconceito? Muitos enfrentamentos e embates?
7. Você lembra de algum fato que pode ter marcado a vida de Sandoval como docente e a sua identidade trans/travesti? Como era a relação entre a identidade e a profissão docente?



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA**

ROTEIRO DE ENTREVISTA IV

ESTUDO 01: Propor um estudo biográfico de uma professora que atuava em uma escola pública da rede estadual de ensino com turmas dos anos iniciais do ensino fundamental década de 1980 em Porto Velho – Rondônia

ENTREVISTA COM EX-ALUNOS(AS) DA PROFESSORA

Procedimentos: Verificar com antecedência se o ex-aluno(a) o identificava como Professor ou como Professora e/ou se relacionava bem com a identidade trans/travesti com a finalidade de realizar toda a entrevista respeitando a compreensão dos entrevistados em relação à professora biografada.

Solicitar fotos para compor o vídeodepoimento e autorização para uso das imagens e elaborar uma identificação da entrevistada.

1. Como era a sua relação com o Professor Sandoval? Em que ano/serie estudou com ele? Em que escola? O que ele representava pra você e demais alunos enquanto professor?
2. Conte-me como foi um pouco do seu convívio com Professor Sandoval. Como eram as aulas e as atividades em sala ou extraclasse? O que vocês enquanto alunos mais gostavam no professor ou o que menos gostavam? Você o considerava um bom professor? Ensinava bem?
3. Como os professores, alunos, pais e a comunidade escolar se relacionava com a identidade de Sandoval? Como era pra ele enfrentar o preconceito?
4. Como ele se identificava? Como um homem homossexual? Como travesti, travestindo-se para frequentar festas e diversões? Como mulher?
5. Como ele relacionava essa identificação com a escola e a profissão docente? Havia muito preconceito? Muitos enfrentamentos e embates?
6. Você lembra de algum fato que pode ter marcado a vida de Sandoval como docente e a sua identidade trans/travesti? Como era a relação entre a identidade e a profissão docente?

APÊNDICE I

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS

ESTUDO 2



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA**

ROTEIRO DE ENTREVISTA V

ESTUDO 02: Estudo empírico que apresenta os resultados da pesquisa denominada:
TRAJETÓRIA E HISTÓRIAS DE VIDA: UM ESTUDO COM PROFESSORAS
TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM RONDÔNIA.

ENTREVISTA INDIVIDUAL COM AS PROFESSORAS TRANS

Procedimentos: Entrevista filmada, audiogravada e com registros fotográficos para compor o vídeodepoimento. Solicitar assinatura do termo de autorização individual para uso das imagens.

1. Conte-me um pouco sobre você. Seu nome, onde nasceu, idade, composição familiar, como foi a sua infância e o seu contato com a escola?
2. Como se deu o processo de construção da sua identidade? Como você chegou a conhecer a sua identidade? Você é uma mulher trans ou você é uma pessoa travesti? Como chegou a essa compreensão? O que ajudou ou contribuiu?
3. Fale da sua formação e vivência na academia? Como foi o processo de formação profissional? O que levou você a decidir pela carreira do magistério? As dificuldades e desafios enfrentados para a formação acadêmica.
4. Após a formação, como foi o primeiro contato com a profissão docente? Conte de experiências e fatos que marcaram o início do magistério e a relação com o preconceito e a discriminação se houve.
5. Como você encara e quais as estratégias para superar os embates causados pela sua identidade na escola? Com os demais professores e a postura cisheteronormativa? Os alunos, pais e comunidade escolar?
6. Conte sobre as contribuições na participação de professoras travestis e transexuais nas escolas na afirmação de gênero de alunos, nos processos de luta e combate a transfobia institucionalizada e na quebra de padrões cisheteronormativos.
7. Que contribuições você considera importante na sua atuação como professora e quais as suas expectativas em relação a profissão docente e a pedagogia trans.

APÊNDICE J

ROTEIRO DO ENCONTRO FOCAL

ESTUDO 2



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA**

ROTEIRO DA DISCUSSÃO DO III ENCONTRO FOCAL

ESTUDO 02: Estudo empírico que apresenta os resultados da pesquisa denominada: **TRAJETÓRIA E HISTÓRIAS DE VIDA: UM ESTUDO COM PROFESSORAS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM RONDÔNIA.**

ENCONTRO FOCAL COM AS PROFESSORAS

Procedimentos: Encontro focal filmado, audiogravado e com registros fotográficos para compor o vídeodepoimento. O grupo focal será mediado por 02 voluntárias. Solicitar assinatura do termo de autorização individual para uso das imagens.

1. **APRESENTAÇÃO:** As professoras trans devem apresentar-se e falar sobre a sua formação, cursos, instituições, onde atua.
2. **DISCUSSÃO 01:** Falar de sua identidade. Como se deu o processo de construção e afirmação. Como você chegou a conhecer a sua identidade. Falar de infância, adolescência, família e escola. Você é uma mulher trans ou você é uma pessoa travesti. Como chegou a essa compreensão. O que ajudou ou contribuiu.
3. **DISCUSSÃO 02:** Falar da sua formação e vivência na academia. Como foi o processo de formação profissional. No período em que frequentava a universidade. O que levou a decidir pela carreira do magistério. As dificuldades e desafios enfrentados para a formação acadêmica.
4. **DISCUSSÃO 03:** Após a formação, como foi o primeiro contato com a profissão docente. Conte de experiências e fatos que marcaram o início do magistério e a relação com o preconceito e a discriminação se houve.
5. **DISCUSSÃO 04:** Como você encara e quais as estratégias para superar os embates causados pela sua identidade na escola. Com os demais professores e a postura cisheteronormativa. Os alunos, pais e comunidade escolar.
6. **DISCUSSÃO 05:** Conte sobre as contribuições na participação de professoras travestis e transexuais nas escolas na afirmação de gênero de alunos, nos processos de luta e combate a transfobia institucionalizada e na quebra de padrões cisheteronormativos.

7. DISCUSSÃO 06: Que contribuições você considera importante na sua atuação como professora e quais as suas expectativas em relação a profissão docente e a pedagogia trans.

APÊNDICE K

ATA DO EXAME DE QUALIFICAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Ata 24/2017

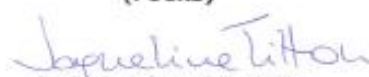
No décimo segundo dia do mês de julho de dois mil e dezessete, na sala 902 do Prédio 11, no Campus Universitário da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, após sessão de apresentação e defesa das 16h e 00 min às 18h e 00 min, reuniu-se a **vigésima quarta** Comissão de Avaliação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, para arguir e avaliar o trabalho apresentado pelo doutorando **KARY JEAN FALCÃO GONÇALVES**, com o objetivo de satisfazer os requisitos do **Exame de Qualificação de Doutorado**. A Comissão esteve constituída pela orientadora Profa. Dra. Marlene Neves Strey (PUCRS), e pelos demais membros da Comissão de Avaliação, Prof. Dr. Adolfo Pizzinato (PUCRS), Prof. Dr. Fernando Seffner (UFRGS), e Profa. Dra. Jaqueline Tittoni (UFRGS). A Comissão deliberou (☒) **APROVADO** () **APROVADO COM REFORMULAÇÕES** () **NÃO APROVADO** o Exame de qualificação do Projeto de Tese intitulado **"PEDAGOGIA TRANS: VIDEODEPOIMENTOS E CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS DE PROFESSORAS TRANSEXUAIS E TRAVESTIS EM RONDÔNIA"**. Nada mais a constar, lavrei a presente ata que vai assinada pela Comissão de Avaliação, Orientadora, Coordenadora e Secretária.

Porto Alegre, 12 de julho de 2017.

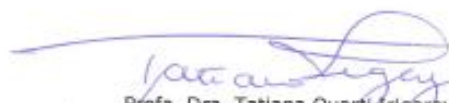

Profa. Dra. Marlene Neves Strey
(Orientadora- PUCRS)


Prof. Dr. Adolfo Pizzinato
(PUCRS)


Prof. Dr. Fernando Seffner
(UFRGS)


Profa. Dra. Jaqueline Tittoni
(UFRGS)


Milena Silveira
Secretária


Profa. Dra. Tatiana Quarti Frigary
Coordenadora

PUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 11 - Sala 921
CEP: 90619-900
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3633
E-mail: psicologia-pg@pucrs.br
www.pucrs.br



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br